



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUARIA E CONTABILIDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E CONTROLADORIA

RICARDO ALAN KARDEC LOIOLA

**ANÁLISE DO FINANCIAMENTO DE EMPREENDIMENTOS SOCIAIS: O USO DE
BLOCKCHAIN E CRIPTOMOEDAS POR UMA FINTECH DE IMPACTO SOCIAL**

FORTALEZA

2019

RICARDO ALAN KARDEC LOIOLA

ANÁLISE DO FINANCIAMENTO DE EMPREENDIMENTOS SOCIAIS: O USO DE
BLOCKCHAIN E CRIPTOMOEDAS POR UMA FINTECH DE IMPACTO SOCIAL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria da Faculdade de Economia, Administração, Atuaria e Contabilidade da Universidade Federal do Ceará, como quesito parcial para obtenção do Título de Mestre em Administração e Controladoria. Área de concentração: Organizações, Estratégias e Sustentabilidade.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Lázaro da Silva Filho.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L826a Loiola, Ricardo Alan Kardec.
Análise do financiamento de empreendimentos sociais : o uso de blockchain e criptomoedas por uma fintech de impacto social / Ricardo Alan Kardec Loiola. – 2019.
148 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. José Carlos Lázaro da Silva Filho.
1. Empreendedorismo social. 2. Inovação social. 3. Fintech. 4. Blockchain. 5. Criptomoedas. I. Título.
CDD 658
-

RICARDO ALAN KARDEC LOIOLA

ANÁLISE DO FINANCIAMENTO DE EMPREENDIMENTOS SOCIAIS: O USO DE
BLOCKCHAIN E CRIPTOMOEDAS POR UMA FINTECH DE IMPACTO SOCIAL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria da Faculdade de Economia, Administração, Atuaria e Contabilidade da Universidade Federal do Ceará, como quesito parcial para obtenção do Título de Mestre em Administração e Controladoria. Área de concentração: Organizações, Estratégias e Sustentabilidade.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos Lázaro da Silva Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Áurio Lucio Leocádio da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Daiane Mulling Neutzling
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

A meu filho Pedro. Entusiasta, inovador e pensador. De uma geração comprometida com o próximo.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de humildade e reconhecimento, que deve ser exercitado a cada segundo. É mais que um simples gesto, é sobretudo, compreender e ter sensibilidade. Esta jornada nos mostrou o quanto isso é importante e significativo para podermos ultrapassar os limites e reconstruir os desafios. E assim sigo meu caminho, reconhecendo e agradecendo a tudo e a todos.

À Universidade Federal do Ceará, instituição que admiro e que defendo sobre todos os aspectos. É nela que encontro a força da nossa juventude, a coragem e a determinação dos nossos professores para transformar a sociedade e seus paradigmas.

À coordenação do Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria (PPAC), por possibilitar meu envolvimento na comunidade e dispor de toda estrutura para conclusão dos trabalhos e pela presteza dos seus servidores, sempre atenciosos e dispostos a nos ajudar nesta caminhada.

Agradecimentos especiais e fraternos ao meu orientador, Prof. Dr. José Carlos Lázaro da Silva Filho, por ter me acolhido, e principalmente, por conduzir esse desafio e construir pontes que serão trilhadas em novas oportunidades. Um parceiro e amigo, que dedicou sua atenção nos momentos mais difíceis dessa caminhada. Especial também para meu ex-orientador, Prof. Dr. Serafim Firmo de Souza Ferraz, a quem tenho admiração por possibilitar os instrumentos iniciais para o meu amadurecimento acadêmico e sua total solidariedade no percurso da minha formação.

Agradecer também de forma muito carinhosa aos membros da banca, à Profa. Dra. Daiane Mulling Neutzling e o Prof. Dr. Áurio Lucio Leocádio da Silva, por acreditarem nesse projeto e principalmente, por dedicarem seu tempo às discussões e a construção de muitos dos aspectos deste trabalho.

Aos grandes amigos, Eduardo Barbosa e Vital de Carvalho, a quem agradeço por me darem forças e incentivos necessários quando decidi voltar para a vida acadêmica. Aos cientistas, amigos e companheiros de muitas lutas Prof. Dr. Odorico Monteiro e Profa. Dra. Ivana Barreto, por reconhecerem a importância da ciência e da inovação como fatores fundamentais para o crescimento e o desenvolvimento social do Brasil.

Também de forma muito especial, à amiga e colega de trabalho Taynah Reis, CEO da fintech Moeda Seeds. Pessoa que muito me incentivou na pesquisa e que acredita nas contribuições que a ciência possa fornecer para a construção de um mundo mais justo e

sustentável. Tenho aprendido com ela, como criar constantes possibilidades. A ela, reforço meu compromisso em continuar buscando respostas para nossas inquietações.

À amiga que encontrei nessa caminhada e aprendi cultivá-la como uma referência em modelo de negócio social, sustentável e solidário, onde as pessoas são o seu principal capital de transformação e amor, Celina Hissa, diretora criativa da Catarina Mina.

À minha grande amiga e irmã Lucélia Mara, que sempre esteve ao lado do nosso querido e amado irmão, companheiro e filósofo, Prof. Dr. Alexandre de Moura Barbosa (*in memoriam*).

Agradeço também, de forma muito especial, a meu melhor amigo e irmão, Prof. Dr. Francisco Antônio Loiola (Prof. Loiola), uma notável referência que me proporciona toda práxis necessária para os caminhos traçados. O grande filósofo das problemáticas. Especial também para sua família, Jeane, Eduardo, Lia e Matheus.

Ao grande cientista e pesquisador, amigo e irmão, Prof. Dr. José Magno Luz, que sempre me incentivou e acompanhou meus passos, em todos os momentos. Especial também para sua família, Soliane, Artur e Mick.

A meu amado filho Pedro e minha companheira Simone, pessoas fundamentais que estiveram comigo no decorrer deste desafio, abrindo mão de muitas coisas para dedicar atenção e compreensão, os quais, não tenho palavras para expressar o tamanho da importância deles nessa caminhada.

Às minhas amadas mães, Dona Loiola e Dona Sandra (minha Dada), a quem agradeço por minha formação de vida e de luta. Também à minha amada irmã Aritana. À toda minha família, que mesmo com a distância, se fazem presentes no meu coração e nas minhas preces. Pessoas simples, que vivem o cotidiano com fé, força e juventude.

À família Galeno, que me ajudou nessa caminhada, nos momentos difíceis, alegres e desafiadores, em nome de Dona Laura e Seu. Celso (*in memoriam*).

À família Carvalho, em nome do meu grande amigo e irmão Diego Carvalho, a quem sou grato por todos os momentos.

E por fim, aos meus/minhas eternos(as) colegas de curso. Eternos(as) porque jamais irei esquecer de todos os momentos maravilhosos e estressantes que tivemos juntos. Eternos(as) porque não irei esquecer das dialéticas, das cervejas, dos choros, dos risos e do afeto que giravam em torno do bairro Benfica com a dupla Fleck e Marujinha. Eternos(as) pela existência de um cabra do sertão, forte e determinado que sempre esteve do nosso lado, grande Zé di Ueliton. Eternos(as) por termos como poucos o privilégio de ter um grande poeta na turma, nosso professor Gilliard. Eternos(as) porque todos estavam no mesmo barco, sempre.

Eternos(as), porque merecem destaque em nossos corações: Adriano (Fleck); (Andressa) Ruth; Francisca Everlene (Vévé, nossa Líder); Francisco de (Assis); Francisco (Wellington); Gilliard Santos (Poeta); Inácio Ferreira (Bêbê); Ítalo Carlos (Itin nosso, Líder); Jacinta dos Reis (Jájá); (Magali) Carvalho; (Marina) Freire; Ana (o nome dela é Jeniffer); Emanuela Mota (Manu notícias); Francisco Juanito (Séquito); (George) Alberto; Glailton Robson (Gláglá); Irã Inácio (Vin Diesel); Iveltyma Ibiapina (Ivelti); José Welliton (Zé di Ueliton); (Mara) Rosalia; Marusa Hitaly (Marujinha); Maria (Rafaela); (Vivian) Larissa; Antonio (Wagner).

“Eu não estou interessado em nenhuma teoria, em nenhuma fantasia, nem no algo mais. A minha alucinação é suportar o dia-a-dia e meu delírio é a experiência com coisas reais”.

(Alucinação. Belchior, 1976)

(Onde está Belchior?)

RESUMO

Os avanços tecnológicos, como a inteligência artificial (IA), a *blockchain*, a biometria e a robótica, devem se tornar tendência desafiando o pensamento convencional sobre como interagir e oferecer produtos e serviços bancários que gerem lucro ao mesmo tempo em que possam prover desenvolvimento e transformação social. A partir desta contextualização, com a identificação de uma *Fintech* com um ecossistema voltado para investimentos de impacto social usando a tecnologia *blockchain* e a liquidez internacional das criptomoedas, esse estudo tem como objetivo geral, identificar de que forma um empreendimento social se vale dos instrumentos da *blockchain* para promover inovação social utilizando o modelo conceitual de inovação social de Tardif e Harrisson (2005) a partir de um quadro analítico com novas dimensões propostas. Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, de natureza qualitativa, utilizando como estratégia de pesquisa o estudo de caso, por meio da coleta de dados em campo, a partir de entrevistas semiestruturadas, observação direta e análise documental. Os dados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo, na qual categorias e subcategorias de análise, alinhadas aos objetivos específicos propostos e ao referencial teórico adotado, serviram de critério para a decomposição e análise dos conteúdos coletados, operacionalizados no software ATLAS.ti. Os resultados identificaram relações de miscigenação de identidades, valores e normas entre os atores envolvidos, evidenciando aprendizagem em grupo, novas práticas, conhecimentos e habilidades. Identificou-se ainda, novas configurações que refletem melhorias, por meio das práticas sociais evidenciadas. Os resultados apontam, que os modelos de parceria entre os atores envolvidos, possibilitaram inovação social, valorizando no contexto, o trabalho, a conquista da autonomia financeira e o desenvolvimento econômico regional de impacto. O acesso ao crédito com o uso da tecnologia *blockchain*, se apresenta como uma alternativa para atender demandas, fortalecendo a organização e mobilização de atores sociais inseridos em territórios excluídos, proporcionando empreendedorismo, transformação e impacto social de escala.

Palavras-chave: Empreendedorismo social. Inovação Social. Fintech. Blockchain. Criptomoedas.

ABSTRACT

Technological advancements such as artificial intelligence (AI), Blockchain, biometrics, and robotics, should become a trend, challenging conventional thinking about how to interact and deliver profitable banking products and services while providing development and innovation and social transformation. Taking into consideration this context, by identifying a Fintech with an ecosystem that focuses on social impact investments using Blockchain technology and the international liquidity of cryptocurrencies, this study has the purpose of identifying how a social business venture makes use of Blockchain tools to promote social innovation using the social innovation conceptual model by Tardif and Harrisson (2005) from an analytical framework with suggested new dimensions. This is an exploratory and descriptive study of qualitative nature, using case studies as a research strategy, through data field collection, semi-structured interviews, direct observation, and document analysis. Data were analyzed using the content analysis technique, in which categories and subcategories of analysis, aligned with the proposed specific objectives and with the adopted theoretical framework, served as a criterion for the decomposition and analysis of the collected contents, operationalized in the ATLAS.ti software. The results identified some identity miscegenation relationships, values, and norms among the stakeholders, emphasizing group learning, new practices, knowledge, and skillsets. It was also identified new configurations that reflect improvements through the highlighted social practices. The results show that the partnership models among the players involved facilitated social innovation, developed an appreciation, in this context, for labor, for the achievement of financial autonomy and the regional economic development of impact. Credit access using Blockchain technology is an alternative to meet demands, strengthening the organization and mobilization of social players in excluded territories, fostering entrepreneurship, transformation, and social impact scaling.

Keywords: Social entrepreneurship. Social innovation. Fintech. Blockchain. Cryptocurrencies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Negócio Social x Lucro, maximizando negócios e organizações sem fins lucrativos.....	30
Figura 2 – Estratégia da pesquisa.....	63
Figura 3 – Os objetos e sujeitos da pesquisa.....	65
Figura 4 – Rede relacional da pesquisa.....	103
Figura 5 – Rede relacional da pesquisa Dimensões de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015).....	104
Figura 6 – Rede relacional das práticas de consumo conectadas: Dimensões de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) interconectadas as dimensões do quadro analítico da pesquisa.....	106
Figura 7 – Rede relacional da pesquisa: Dimensão Caráter Social.....	107
Figura 8 – Rede relacional da pesquisa: Dimensão Inovatividade Social.....	108
Figura 9 – Rede relacional da pesquisa: Dimensão Transformação.....	108

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Geração de valor entre empreendedorismo social e empreendedorismo capital.....	25
Quadro 2	– Abordagem para negócios sociais.....	28
Quadro 3	– Compilação em torno dos diferentes conceitos sobre inovação social.....	41
Quadro 4	– Dimensões de análise da inovação social de Tardif e Harrison (2005).....	46
Quadro 5	– Práticas alternativas de consumo.....	52
Quadro 6	– Dimensões de análise da inovação social de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015).....	54
Quadro 7	– Quadro analítico desenvolvido para pesquisa.....	58
Quadro 8	– Sujeitos entrevistados.....	66
Quadro 9	– Quadro geral do roteiro de entrevistas.....	69
Quadro 10	– Categorias e subcategorias de análise.....	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BTC	Criptomoeda Bitcoin.
ETH	Criptomoeda Ethereum.
XRP	Criptomoeda Ripple.
LTC	Criptomoeda Litecoin.
TRX	Criptomoeda Tron.
XLM	Criptomoeda Stellar.
EOS	Criptomoeda EOS.
NEO	Criptomoeda NEO.
NEM	Criptomoeda NEM.
BNB	Criptomoeda Binance Coin.
MDA	Criptomoeda Moeda Seeds.
BoP	Bottom of the Pyramid (teoria da Base da Piramide).
IAIA	International Association for Impact Assessment.
P2P	Peer-to-Peer.
PoW	Proof-of-Work.
PoS	Proof-of-Stake.
ONU	Organização das Nações Unidas.
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.
ICO	Ofertas Iniciais de Moedas.
DTL	Distributed Ledger Technology.
API	Application Programming Interfaces.
UML	Unified Modeling Language
CSS	Cascading Style Sheets.
DOM	Document Object Model.
JSP	Java Server Pages.
CMN	Conselho Monetário Nacional.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Problemática	14
1.2	Objetivos	18
<i>1.2.1</i>	<i>Objetivo geral</i>	18
<i>1.2.2</i>	<i>Objetivos específicos</i>	18
1.3	Relevância da pesquisa	18
1.4	Estratégia metodológica	21
1.5	Estrutura do trabalho	21
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1	O empreendedorismo social	23
<i>2.1.1</i>	<i>Os negócios sociais</i>	27
<i>2.1.2</i>	<i>O impacto social</i>	30
<i>2.1.3</i>	<i>Fintechs (Financial Technology)</i>	32
2.2	A tecnologia blockchain e as criptomoedas	35
2.3	Inovação social	39
<i>2.3.1</i>	<i>Quadro analítico de Tardif e Harrisson (2005)</i>	44
<i>2.3.1.1</i>	<i>A dimensão Transformação</i>	47
<i>2.3.1.2</i>	<i>A dimensão Caráter Inovador</i>	48
<i>2.3.1.3</i>	<i>A dimensão Inovação</i>	49
<i>2.3.1.4</i>	<i>A dimensão Atores</i>	49
<i>2.3.1.5</i>	<i>A dimensão Processos</i>	50
<i>2.3.2</i>	<i>Quadro analítico de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015)</i>	50
<i>2.3.2.1</i>	<i>A dimensão Inovatividade</i>	56
<i>2.3.2.2</i>	<i>A dimensão Comunalidade</i>	56
<i>2.3.2.3</i>	<i>A dimensão Engajamento Pessoal</i>	56
<i>2.3.2.4</i>	<i>A dimensão Formalidade</i>	57
<i>2.3.3</i>	<i>Quadro analítico desenvolvido para a pesquisa</i>	57
3	METODOLOGIA	62
3.1	Tipologia	62
3.2	Unidades de análise	64
3.3	Objetos e sujeitos da pesquisa	65

3.4	Coleta de dados.....	67
3.4.1	<i>Entrevista semiestruturada</i>	67
3.4.1.1	<i>Instrumento de coleta de dados para as entrevistas</i>	68
3.4.2	<i>Observação direta</i>	71
3.4.3	<i>Pesquisa documental</i>	72
3.5	Análise dos dados.....	73
4	A FINTECH MOEDA SEEDS.....	76
4.1	O Projeto Artesanias: uma parceria Moeda Seeds e Catarina Mina.....	78
5	COMO SE CONFIGURAM OS ELEMENTOS DAS DIMENSÕES DE INOVAÇÃO SOCIAL NO CASO ESTUDADO.....	80
5.1	Configuração dos elementos da dimensão Caráter Social.....	81
5.1.1	<i>Atores</i>	82
5.1.2	<i>Demandas</i>	85
5.2	Configurações dos elementos da dimensão Inovatividade Social.....	89
5.2.1	<i>Características social</i>	91
5.2.2	<i>Inovação/Inovatividade</i>	94
5.3	Configurações dos elementos da dimensão Transformação.....	97
5.3.1	<i>Social</i>	99
5.3.2	<i>Econômica</i>	100
5.4	Análise final das dimensões pesquisadas.....	103
6	CONCLUSÃO.....	109
	REFERÊNCIAS.....	113
	ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PESQUISA CIENTÍFICA.....	136
	ANEXO 2 – DIÁRIO DE CAMPO ELETRÔNICO.....	137
	ANEXO 3 – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DE ATIVIDADES.....	138
	ANEXO 4 – ECOSSISTEMA DA MOEDA SEEDS.....	141
	ANEXO 5 - TECNOLOGIAS BLOCKCHAIN DA MOEDA SEEDS.....	142
	ANEXO 6 – TOKENS DA MOEDA SEEDS.....	143
	ANEXO 7 – OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL..	144
	ANEXO 8 – CREDIBILIDADE E REPUTAÇÃO UTILIZANDO UMA ARQUITETURA MODULAR HÍBRIDA.....	145
	ANEXO 9 – PROJETO ARTESANIAS.....	146

1 INTRODUÇÃO

Esta seção introduz as considerações iniciais da pesquisa. Além disso, são evidenciados: o problema de investigação, seus objetivos gerais e específicos, os motivos que a fazem relevante, uma visão da estratégia metodológica adotada e, por fim, as seções em torno da estruturado do trabalho.

1.1 Problemática

Para Coetzee (2018) a forma de como os bancos operam, mudará dramaticamente ao longo da próxima década, considerando à medida que a tecnologia e as mudanças nas preferências dos consumidores redefinirem a forma como fazem seus negócios, quais as soluções que oferecem e como ocorre essa interação com a sociedade. Uma era completamente nova no setor bancário surgiu após a crise financeira de 2008 (ARNER; BARBERIS; BUCKLEY, 2015; CHIU, 2017).

Os avanços tecnológicos, como a inteligência artificial (IA), o *blockchain*, a biometria e a robótica, devem se tornar tendência desafiando o pensamento convencional sobre como interagir e oferecer produtos e serviços bancários que gerem lucro ao mesmo tempo em que possam prover desenvolvimento e impacto social (COETZEE, 2018).

Absorvidos dentro do conceito do empreendedorismo social, que pode ser visto como um termo abrangente, uma vez que se refere a atividades inovadoras com um objetivo social, seja no setor privado, no terceiro setor ou em organizações híbridas (AUSTIN; STEVENSON; WEI-SKILLERN, 2006), novos empreendimentos transformam seu principal objetivo, não para somente maximizar os lucros para proprietários, investidores ou acionistas, mas, maximizar o impacto social e atender às necessidades dos membros mais vulneráveis e marginalizados da sociedade (ROY et al., 2015).

Além disso, a partir dos trabalhos sobre microcrédito realizados pelo professor Muhammad Yunus na busca da redução da vulnerabilidade dos pobres em Bangladesh, surgiram modelos de organizações híbridas com competências do setor privado atrelado aos conhecimentos de gestão social para resolver os problemas sociais utilizando os mecanismos de mercado, originando assim, os negócios com impacto social, que trazem soluções inovadoras aos problemas sociais (BARKI, 2015; PETRINI; SCHERER; BACK, 2016).

Esses empreendimentos nascem com a facilidade de utilizar tecnologias para agregar inovação e gerar impacto social, transformando as relações sociais. É um tipo de

capitalismo consciente com um paradigma em desenvolvimento, que propõe bem-estar para as partes interessadas do ponto de vista financeiro, intelectual, físico, ecológico, social, cultural, emocional, ético e até mesmo espiritual, pensando o negócio com mais consciência, preocupado com o seu impacto sobre o mundo e sua relação com as partes interessadas (MACKEY; SISODIA, 2014).

Esse modelo de economia possibilita a transformação de ideias promissoras em negócios, oportunizando relações societárias mais diretas entre os empreendedores e os provedores de *funding*, levando os capitalistas de risco a investirem em empresas com potencial de geração de valor, como por exemplo, as modalidades de financiamento de *start-ups* e seu papel na aceleração dos negócios (CORREIA DE SÁ, 2017).

Assim, nos últimos anos, emergiram abordagens que veem as demandas sociais de grupos periféricos ao mercado e a sociedade, como uma oportunidade de empreender numa perspectiva “empresarial”. Nesse sentido, os chamados empreendimentos sociais, devido à grande demanda por produtos modernos e inovadores, têm emergido em diversos aspectos, através de modelos econômicos, tendo em vista os avanços na área da tecnologia, além da expansão de seus próprios ecossistemas com um número crescente de aceleradoras, incubadoras, fundos e *venture capital* (CORREIA DE SÁ, 2017).

Com o avanço de modelos de empreendimentos sociais dentro desses ambientes empreendedores, o sistema financeiro exerce um papel fundamental na economia, considerando o uso de seus meios econômicos para viabilizar investimentos agregando produtos e serviços à sociedade. Assim, constantes meios de controle e gestão de riscos são implementados em escala mundial para aperfeiçoar as instituições financeiras de forma a torna-las seguras (ACCORSI, 2014).

A integração da tecnologia em serviços financeiros tem o potencial de mudar radicalmente a natureza dos canais de distribuição, bem como de redefinir os prestadores de serviços bancários para facilitadores de serviços bancários (MASOCHA; CHILIYA; ZINDIYE, 2011). Contudo, não existem somente as instituições financeiras tradicionais, é possível encontrar alternativas dentro de modelos econômicos emergentes, que se utilizam das novas tecnologias que abordam o acesso à informação e o compartilhamento, com a possibilidade de ampliar negócios considerando uma estrutura baseada na confiança entre as pessoas, facilitando o controle das informações financeiras dos envolvidos.

Um dos modelos econômicos emergentes que já fazem parte do cotidiano social disponibilizando soluções bancárias e acesso ao crédito desburocratizado com o uso de contas digitais, são as *Fintechs*. O termo "*FinTech*", uma abreviação de "*Financial Technology*",

começou a ser usado amplamente por volta de 2014 para se referir ao influxo de ferramentas tecnológicas, plataformas e ecossistemas que tornam os serviços ou produtos financeiros mais acessíveis e eficientes (MA; LIU, 2017).

Hoje, as *Fintechs* se referem a não uma, mas uma série de tecnologias que impactam amplamente a forma de como o pagamento financeiro, o financiamento, os empréstimos, os investimentos, os serviços financeiros e as riquezas, são conduzidos, incluindo por exemplo, pagamentos digitais, *crowd funding*, *robo-advisors*, *cryptocurrencies* e novos mercados que utilizam criptomoedas (MA; LIU, 2017).

As *Fintechs*, portanto, revolucionaram os ambientes em que não apenas bancos tradicionais, mas, instituições financeiras em geral operam. Nesse cenário, duas tecnologias têm emergido consideravelmente: o compartilhamento difuso da informação por meio do “*blockchain*” e as moedas virtuais por meio das criptomoedas.

O *blockchain* permite a transferência de ativos valiosos pela Internet por meio de registros criptografados e descentralizados. Todas as transações estão abertas a todos os envolvidos, e as regras de negócio são definidas sem a possibilidade de mudança através dos chamados “contratos inteligentes” (*smart contracts*), eliminando a necessidade de ter uma autoridade central para estabelecer confiança (ex.: Banco Central), caracterizado como uma nova arquitetura empresarial totalmente descentralizada (KYPRIOTAKI; ZAMANI; GIAGLIS, 2015).

No caso das criptomoedas, o Bitcoin (BTC), por exemplo, foi a primeira moeda digital descentralizada lançada em 2009 no mercado, após quase três décadas de discursões na comunidade *cypherpunk*, pelo fundador anônimo Satoshi Nakamoto. Espera-se que o Bitcoin seja uma criptomoeda massivamente adotada, tanto como uma reserva de valor quanto como um meio de troca.

Uma moeda global predominante (MAHMUDOV; TACHÉ, 2018). Essa mesma tecnologia *blockchain*, também viabilizou outras milhares de criptomoedas, entre elas o Ethereum (ETH), o Ripple (XRP), o Litecoin (LTC), o Tron (TRX), o Stellar (XLM), a EOS (EOS), o NEO (NEO), a NEM (NEM), Binance Coin (BNB) e a Moeda (MDA).

Assim sendo, ao usar essas tecnologias para atender uma demanda social com a utilização do valor das criptomoedas e das transações por meio da tecnologia *blockchain*, identificamos a *Fintech* Moeda Seeds, que propõe resolver a questão do acesso financeiro à base da pirâmide gerando impacto social, nas condições sociais onde seja implementado, acessando diferentes fontes de financiamento e garantindo teoricamente que a repartição dos ganhos do empreendimento financiado seja justamente distribuído.

O acesso ao crédito ofertado pela Moeda Seeds, com o uso da tecnologia *blockchain*, para atender a uma demanda social, valoriza as especificidades territoriais ou comunitárias por meio da organização e mobilização de grupos e territórios excluídos, uma vez que contribui para mudanças de comportamento, atitudes ou percepções (MOULAERT, 2007; CAJAIBA-SANTANA, 2014).

Nesse sentido, a inovação social aparece como um processo iniciado por diversos atores, para responder problemas sociais, e assim, oferecer soluções ou, através de rupturas, mudanças nas relações sociais para a melhoria da qualidade e das condições de vida da comunidade (CRISES, 2012), portanto, os resultados da inovação social podem ser múltiplos, revelando-se na forma de novas instituições, novos movimentos sociais, novas práticas, ou diferentes estruturas de trabalho colaborativo (SOUZA; SILVA FILHO, 2014; SOUZA; LESSA; LAZARO, 2019).

Considerando toda explanação tratada no decorrer de nossa introdução, este trabalho propõe o seguinte problema de pesquisa: de que forma um empreendimento social se vale dos instrumentos do *blockchain* para promover inovação social?

Mesmo que, internacionalmente, o conceito de inovação social busque encontrar soluções para as necessidades humanas, e que no Brasil, esse tipo de estudo ainda seja pouco explorado (SILVA; MAURER, 2014), ainda assim, podemos aplicá-lo a fim de resolver problemas sociais, contribuindo para o avanço dos estudos sobre inovação social.

Buscaremos identificar de que forma um empreendimento social se vale dos instrumentos da *blockchain* para promover inovação social, considerando aspectos de caráter social, inovatividade social e transformação ao analisarmos a inovação social como um processo integrado, através das dimensões propostas a partir dos estudos de Tardif e Harrisson (2005), considerando ainda, aspectos voltados para o indivíduo e orientado sobre o ambiente de Cloutier (2003).

Para o estudo deste contexto, analisamos os envolvidos com as ações e os projetos da *Fintech* Moeda Seeds. Com maiores detalhes, os objetivos da pesquisa, a relevância do tema, a estratégia metodológica e a estruturação do trabalho, são definidos a seguir.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa é identificar de que forma um empreendimento social se vale dos instrumentos do blockchain para promover inovação social.

1.2.2 Objetivos específicos

Para que o objetivo geral seja alcançado, a definição dos objetivos específicos estará alinhada aos modelos conceituais de inovação social de Tardif e Harrisson (2005) que serão abordados de forma mais detalhada na fundamentação teórica. Assim, pretendemos:

- a) Identificar como se configura a dimensão caráter social;
- b) Identificar como se configura a dimensão inovatividade social;
- c) Identificar como se configura a dimensão transformação.

1.3 Relevância da pesquisa

O contexto empírico da pesquisa está ancorado na perspectiva de uma empresa que se auto intitula como um empreendimento social, baseada em uma economia que utiliza criptomoedas e realiza transações contratuais e econômicas com o uso da tecnologia *blockchain*.

A empresa focal do estudo, intitula-se como uma plataforma projetada para distribuir impacto social por meio de um ecossistema que busca viabilizar empreendimentos economicamente sustentáveis, dessa forma, a oferta de crédito para o fomento de empreendimentos ligados ao cooperativismo é vista como ponto de partida para o desenvolvimento e a evolução de um conjunto de negócios inter-relacionados.

Sua meta é fornecer um sistema de crédito acessível focado em comunidades de nenhum ou baixo acesso ao crédito, dando prioridade e protagonismo às mulheres, para proporcionar uma identidade digital multifuncional que fortaleça as oportunidades empreendedoras e econômicas para construir credibilidade e reputação.

Ao mesmo tempo em que essa *Fintech* busca realizar negócios sociais e distribuir o impacto através do acesso ao crédito, ela propõe aos seus investidores, um sistema de transparência em tempo real para que eles acompanhem seu “investimento de impacto”

alinhado à 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas (ONU) (ONU, 2015), assim, busca-se garantir a confiança nas transações dos registros e dos contratos gerados por meio do *blockchain* criptograficamente, facilitando a escalabilidade eficiente de investimentos, transações de pagamento e atendimento a potenciais clientes.

Os ODS são um conjunto de objetivos de alto nível, cada um baseado em uma série de indicadores de desempenho subjacentes, projetados para integração e participação em todos os níveis da sociedade e da indústria em todo o mundo. A *fintech* estudada adota 17 ODSs: 1) Erradicação da pobreza; 2) Fome zero; 3) Boa saúde e bem-estar; 4) Educação de qualidade; 5) Igualdade de gênero; 6) Água limpa e saneamento; 7) Energia acessível e limpa; 8) Emprego digno e crescimento econômico; 9) Indústria, inovação e infraestrutura; 10) Redução das desigualdades; 11) Cidades e comunidades sustentáveis; 12) Consumo e produção responsáveis; 13) Combate às alterações climáticas; 14) Vida de baixo d'água; 15) Vida sobre a terra; 16; Paz, justiça e instituições fortes; e, 17) Parcerias em prol das metas (ONU, 2017).

Empresas de tecnologia financeira como a Moeda Seeds, desenvolvem ecossistemas financeiros digitais que são capazes de coletar grandes quantidades de dados e obter economias de escala e participação de múltiplas partes interessadas (MOK; SAHA, 2017).

Com a identificação do ecossistema para investimentos sociais da Moeda Seeds, usando a informação compartilhada de cada unidade do investimento com o uso de tecnologia *blockchain* e a liquidez internacional através do uso de criptomoedas, tentaremos entender este fenômeno de financiamento como uma inovação social, que altera até a participação dos beneficiados na posse da informação do rateio de custos, permitindo uma distribuição socialmente justa dos ganhos na cadeia de valor.

Ocorre que é imensa a diversidade de situações que requer abordagens não tradicionais, o que dificulta a consolidação do conceito, dos meios e dos processos que favoreçam a emergência da inovação social e a satisfação de necessidades humanas não atendidas pelo mercado.

De acordo com a PricewaterhouseCoopers (2017) o benefício para os bancos e as *Fintechs* é mútuo, pois, o banco faz parceria com uma empresa que fornece soluções bancárias inovadoras e notavelmente mais baratas e eficientes, e a *Fintech* se beneficia com a receita por oferecer os serviços, ao mesmo tempo em que obtém acesso a uma grande base de clientes para testar suas teorias e modelos inovadores (PWC, 2017).

Nos últimos anos, os bancos têm percebido não apenas a importância desses ecossistemas, mas também a necessidade de envolver e fazer parcerias com essas empresas (DAPP, 2014). O modelo de negócios do ecossistema digital é caracterizado por um forte

crescimento de vendas e lucros, impulsionado por um ambiente inovador e econômico, colocando em questão, a viabilidade dos modelos tradicionais adotados pelos bancos (DAPP, 2015).

Nesse sentido, a inovação social constitui um conceito multidisciplinar que propõe prover sentido e referência conceitual e instrumental relativamente estáveis para iniciativas de intervenção na realidade social, segundo padrões não tradicionais.

A inovação social propõe o desenvolvimento produtivo, a geração de emprego ou a solução de problemas por meio da ampliação das capacidades locais, do protagonismo, da participação e da cooperação do conjunto de atores envolvidos, para chegar a mudanças sociais, políticas e econômicas, com sustentabilidade ambiental e melhoria da qualidade de vida.

Em consequência, a relevância deste projeto se relaciona com a contribuição para o aprimoramento do conceito e das práticas de inovação social e do desenvolvimento de iniciativas de inclusão econômica social. O estudo permite ainda, o exame do modelo conceitual de Tardif e Harrisson (2005), e uma breve explanação do modelo de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015), sobre inovação social dentro do contexto empírico apresentado, tendo em vista que o conceito de inovação social ainda não alcançou o seu limite, o que possibilita novas contribuições teóricas e empíricas.

O modelo de Tardif e Harrisson (2005) sugere a possibilidade de identificar inflexibilidades institucionais que possam restringir o processo de inovação e difusão, considerando que a inovação social possa dar destaque a importância da colaboração e participação de vários atores em cooperação ao longo do processo (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Já no modelo desenvolvido por Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015), os agentes de mudança, são os problemas sociais e, para esses tipos de desafios, uma definição normativa de inovação social é apropriada. O processo continua quando alternativas a práticas estabelecidas são desenvolvidas e selecionadas, assim, práticas ou elementos de prática que se mostram viáveis e realizáveis diariamente têm a chance de se sustentar, enquanto os impraticáveis são mais cedo ou mais tarde rejeitados (JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015).

As inovações sociais são, nessa perspectiva, definidas como práticas alternativas ou novas variações de práticas que diferem substancialmente das rotinas estabelecidas ou *mainstream*. Práticas inovadoras não precisam necessariamente ser novidades completas.

A inovação social busca responder a uma aspiração social, atender a uma necessidade, oferecer uma solução ou beneficiar-se de uma oportunidade para mudar as relações

sociais, transformando um cenário ou propondo novas orientações culturais para a melhoria da qualidade e das condições de vida (SOUZA; SILVA FILHO, 2014; SOUZA; LESSA; LAZARO, 2019).

Nesse sentido, a escolha dos modelos sugeridos para esse projeto justifica-se ainda, pela abrangência do estudo e das análises realizado pelos autores, considerando diversos casos estudados e conceitos já experimentados.

Assim sendo, as contribuições resultantes deste estudo, poderão ser relevantes para empreendedores e investidores que queiram explorar negócios sociais que geram impacto social com sustentabilidade econômica e ambiental, contribuindo, assim, para o desenvolvimento social, político e econômico de demandas sociais reprimidas ou que não tenham acesso ao crédito, financiamento ou investimento.

Questões de aspecto social e econômicos que de alguma forma impactam e transformam indivíduos, trazendo possíveis arranjos que geram economia ao mesmo tempo em que mudam contextos sociais, são relevantes para o pesquisador e é o principal motivador para construção deste trabalho, uma vez que esse tipo de estudo busca contribuir ativamente com novas perspectivas voltadas para comunidades ou grupos sociais de pouco ou nenhum acesso ao trabalho, emprego ou renda.

E por fim, o foco que será dado as discussões de âmbito nacional e internacional sobre a emergente perspectiva da inovação social no contexto dos modelos econômicos que realizam seus negócios com o uso da tecnologia *blockchain* com o uso de criptomoedas dando ênfase a iniciativas que acabam amparadas por esses modelos inovadores e dinâmicos.

1.4 Estratégia metodológica

Esse trabalho utiliza como estratégia de pesquisa o Estudo de Caso, por meio da coleta de dados em campo, a partir de entrevistas semiestruturadas, observação direta e análise documental. Os dados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo, na qual categorias e subcategorias de análise, alinhadas aos objetivos específicos propostos e ao referencial teórico adotado, serviram de critério para a decomposição e análise dos conteúdos coletados. A estratégia será abordada de forma mais detalhada na seção metodológica.

1.5 Estrutura do Trabalho

A estruturação empírica e teórica deste trabalho estará ancorada em seis seções. A

primeira seção terá enfoque introdutório para apresentar as considerações iniciais sobre o empreendedorismo social, novos modelos de negócios, *fintechs*, criptomoedas através de tecnologias *blockchain* e inovação social, além disso, evidenciaremos o problema de investigação, os objetivos do estudo, a relevância do trabalho, sua estratégia metodológica e como ele está dividido.

Na segunda seção, trataremos da fundamentação teórica que suporta essa pesquisa e suas categorias. Iremos abordar o empreendedorismo social de maneira geral, discutindo os negócios sociais, o impacto social e o papel das *Fintechs* como solução para o acesso ao crédito e a transformação social. Também iremos abordar a tecnologia *blockchain* e as criptomoedas em seu contexto conceitual fazendo uma discussão sobre o uso de tecnologias de aspecto descentralizado que remontam modelos econômicos e possibilitam maior acesso à crédito.

Ainda na segunda seção, trataremos das abordagens sobre o a inovação social tendo em vista três quadros analíticos: 1) Tardif e Harrisson (2005); 2) Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015); e, 3) desenvolvido para a pesquisa. Os quadros analíticos estão baseados em aspectos específicos compatíveis com a concepção teórica que cada grupo pesquisado, considerando fatores presentes neste tipo de inovação, além de apresentar um quadro conceitual como base para a análise dessa pesquisa.

Na terceira seção, trataremos do percurso metodológico, a tipologia escolhida, as unidades de análises, os sujeitos da pesquisa considerando as técnicas utilizadas, a análise dos dados e conseqüentemente, os critérios para a confiabilidade dos dados qualitativos.

Na quarta seção, apresentaremos de forma geral, a *Fintech* Moeda Seeds, seu surgimento e seus objetivos enquanto uma empresa que busca acelerar projetos com perspectivas de impacto social atrelada à um modelo de empreendedorismo social com o uso de tecnologias *blockchain*.

Na quinta seção, pretendemos descrever como o estudo empírico foi desenvolvido para atingir os objetivos propostos, identificando, como se configuram os elementos das dimensões da inovação social através das configurações dos elementos caráter social, inovação social e transformação, apresentando ao final da seção, uma análise dos resultados das dimensões pesquisadas. Por fim, na sexta seção, apresentaremos as considerações finais do trabalho abordando as contribuições do estudo em uma perspectiva geral, descrevendo suas limitações, as contribuições teóricas e práticas alcançadas e as indicações para trabalhos futuros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica desta pesquisa está ancorada em três abordagens: 1) o Empreendedorismo Social considerando as discussões em torno de suas formas e impactos, evidenciando os negócios sociais, os impactos sociais e o papel das *Fintechs* como solução para o acesso ao crédito e a transformação social; 2) a tecnologia Blockchain e o uso das Criptomoedas; e 3), a inovação social considerando as abordagens dos modelos conceituais de Tardif e Harrison (2005), de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) e do quadro analítico desenvolvido para a pesquisa.

2.1 O empreendedorismo social

Para Austin, Stevenson e Wei-skillern (2006) o empreendedorismo social pode ser visto como um termo abrangente, uma vez que se refere a atividades inovadoras com um objetivo social, seja no setor privado ou terceiro setor, ou em organizações híbridas. Seu principal objetivo não é maximizar lucros para proprietários, investidores ou acionistas, mas maximizar o impacto social e atender às necessidades dos membros mais vulneráveis e marginalizados da sociedade (ROY et al., 2015).

O empreendedorismo social, também possui uma missão social (objetivos não financeiros) com muita inovação em termos de introdução de novos métodos, serviços ou produtos para gerar mudança social (AUSTIN et al., 2006; CUKIER et al, 2011; ROSOLEN; TISCOSKI; COMINI, 2014). A inovação pode ser considerada a característica mais distintiva do empreendedorismo social (YUNUS et al., 2010).

Inovar é uma das importantes questões para o empreendedorismo social. Novos produtos e serviços inovadores ou processos inovadores, podem ser necessários para solucionar falhas de mercado ou ausência do Estado na solução de problemas sociais persistentes. Embora a inovação possa ser fundamental para a obtenção de resultados sociais, espera-se também, que ela seja instrumental para a geração de renda do empreendedor social, decorrente da autoestima e do reconhecimento dos atores envolvidos (SANTOS, 2012; PHILLIPS et al., 2015; BACQ; ALT, 2018).

O termo empreendimento social foi usado pela primeira vez na década de 1980 para identificar as iniciativas privadas inovadoras estabelecidas voluntariamente na Itália por grupos de cidadãos formados para prestar serviços sociais ou para gerenciar atividades econômicas destinadas a ajudar a integrar pessoas desfavorecidas (BORZAGA; DEPEDRI; GALERA,

2012). Para Tiscoski, Rosolen e Comini (2013), o termo empreendedorismo social, por ser um dos mais citados em publicações científicas, sendo o mais disseminado no ambiente acadêmico, ainda não se firmou enquanto uma base conceitual formada e estruturada.

O empreendedorismo social emergiu como uma sub-disciplina do campo do empreendedorismo (CERTO; MILLER, 2008), contudo, já manifestado por outros autores, vem ganhando cada vez mais a atenção dos acadêmicos, mesmo sem um consenso em torno do seu significado por combinar duas palavras distintas – empreendedor e social – que possibilitam múltiplas interpretações (THOMPSON, 2002; HARDING, 2004; WEERAWARDENA; MORT, 2006; CRUZ, 2013).

Para Cruz (2013), do ponto de vista da face empreendedora, pode-se destacar alguns aspectos, como a busca por oportunidades e a geração de inovação, a disposição para correr riscos e a tolerância à incerteza, o elevado grau de credibilidade e transparência na gestão de recursos e a motivação por uma missão com base em uma visão.

Para Shaw e Carter (2007), do ponto de vista social, existem os empreendedores de negócios onde suas ações são motivadas pelo lucro e o valor para os acionistas, enquanto para os empreendedores sociais, as ações são movidas pelo foco destes em satisfazer objetivos sociais.

O conceito de empreendedor social deve ser visto no âmbito do desenvolvimento de competências sociais e empresariais, de acordo com o novo papel e mudanças na função do empreendedor a partir de uma perspectiva histórica até os dias atuais (BIKSE; RIEMERE, 2013; BIKSE; RIVZA; RIEMERE, 2015).

Para Lyons e Lichtenstein (2010) as habilidades do empreendedorismo consistem em quatro aspectos: 1) Técnico, aqueles necessários para desempenhar as funções essenciais do negócio; 2) Gerencial, aqueles necessários para o gerenciamento eficiente e eficaz das funções do negócio; 3) Empreendedor, aqueles necessários para reconhecer oportunidades e planejar formas de capturá-las; e, 4) Maturidade pessoal, aqueles envolvendo responsabilidade pessoal, autoconsciência, inteligência emocional e criatividade.

O conceito de empreendedorismo social também está pautado na criação de valor social e na introdução de inovações de metodologia, serviços ou produtos, as quais promovam uma transformação social (ROSOLEN; TISKOSKI; COMINI, 2014).

Surgiram outros conceitos que combinam as atividades empreendedoras com a busca de objetivos sociais. Muitos termos são usados para se referir a esses tipos de empresas, às vezes de forma intercambiável e muitas vezes criando confusão. Embora a literatura neste

campo ainda não esteja consolidada, o momento é propício para uma tentativa de esclarecimento (BORZAGA; DEPEDRI; GALERA, 2012).

Para Abramovay et al. (2003), somente com a valorização das pessoas pautada em laços de confiança entre os indivíduos, as famílias, as organizações associativas e o setor empresarial, o empreendedorismo social pode proporcionar a redução dos custos dos negócios, que são percebidos como os maiores responsáveis pela exclusão das camadas mais pobres aos mercados.

Para Leal, Freitas e Fontenele (2015) é preciso reconhecer também, o aparente paradoxo existente entre o conceito de empreendedorismo vinculado a uma perspectiva materialista e individual, e o desenvolvimento sustentável vinculado a aspectos sociais, ambientais e coletivos.



A literatura aponta duas características que devem ser consideradas, uma baseada na ideia de que o empreendedorismo social busca estratégias para geração de receitas através dos negócios, e outra que, enquanto modelo de empresa social, o empreendedorismo social se coloca para além das receitas, mais especificamente para a produção de bens e serviços voltados para comunidades que precisam de respostas aos seus problemas sociais (BORGHAZA; DEFOURNY, 2001; CHRISMAN; PEREDO, 2006; LEAL; FREITAS; FONTENELE, 2015).

A criação de valor no empreendedorismo social também é uma característica a ser considerada pelo aspecto da vantagem competitiva, que também está no bojo do seu paradoxo, pois, o valor criado não é necessariamente o valor apropriado, ou seja, o valor criado é o custo de oportunidade e a disposição a pagarem, enquanto o valor apropriado é o preço e o custo (BRITO; BRITO, 2012), nesse sentido, os empreendedores sociais revolucionam os padrões de produção (DEES; ANDERSON, 2006).

A geração de valor no empreendedorismo social, difere da geração de valor do empreendedorismo comercial, contudo, ambos apresentam um *blended value* (inovação, geração de lucro e criação de valor social), ou seja, um valor com orientação social, ambiental e financeira (EMERSON, 2003), que também pode ser interpretado como um valor que mistura fatores econômicos, sociais e ambientais como mostra o Quadro 1 (EMERSON; BONINI, 2013).

Quadro 1: Geração de valor entre empreendedorismo social e empreendedorismo capital.

Valor		
Empreendedorismo social	Objetivo principal	Transformação social (DEES, 1998; FISCHER, 2002).
	Distinção	<ul style="list-style-type: none"> • Grau de comercialização dos produtos do empreendimento;

		<ul style="list-style-type: none"> • Inserção de <i>stakeholders</i> na avaliação do valor criado; e, • Investimentos, acesso a créditos e remuneração dos sócios atuantes.
 Fatores econômicos, sociais e ambientais (<i>blended value</i>) 		
Empreendedorismo comercial	Objetivo principal	Geração de riqueza (FREEMAN, 1984).
	Distinção	<ul style="list-style-type: none"> • Lucro; • Preferência de compradores; • Expansão de sua participação nos mercados.

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Leal, Freitas e Fontenele (2015).

O empreendedor social busca o valor na forma de benefícios que transformem indivíduos em grande escala, presentes em segmentos significativos da sociedade. Ao contrário da proposição de valor empreendedora que assume um mercado que pode pagar pela inovação e pode até oferecer vantagens substanciais para os investidores, a proposta de valor do empreendedor social tem como alvo indivíduos carentes, negligenciados ou altamente desfavorecidos que não tem meios financeiros ou influência política para alcançar o benefício transformador por conta própria, pois, o que distingue o empreendedorismo social é o resultado do benefício social alcançado (MARTIN; OSBERG, 2007).

O empreendedorismo social está atraindo quantidades crescentes de interessados em investir, produzir e colaborar, com dinheiro e prestação de serviços. Contudo, junto com sua crescente popularidade, e suas complexidades por falta de uma definição conceitual clara, ainda não se apresenta com o que exatamente seja capaz de realizar, e como resultado, todos os tipos de atividades que demonstrem inovação e impacto social estão sendo chamados de empreendedorismo social.

As ideias que surgem dos empreendimentos sociais, em geral, são grandes, requer uma escala apropriada para a ambição socialmente empreendedora. A mudança em pequena escala é tão importante quanto sua intenção, para gerar grandes impactos, como o movimento de microfinanças (nano crédito e microcrédito), por exemplo, pois, o impacto final requer escalonamento, difusão e sustentabilidade (LIGHT, 2009).

Desta forma, empreendimentos sociais, como a *Fintech* Moeda Seeds, projetada para distribuir impacto social por meio de um ecossistema que busca a sustentabilidade, oferecendo soluções financeiras acessíveis focada em comunidades de nenhum ou baixo acesso ao crédito, se apresenta como alternativa para a resolução de problemas sociais gerando renda,

criando valor, fortalecendo o poder local, aumentando o nível da educação, minimizando a pobreza e fazendo uma distribuição socialmente justa dos ganhos na cadeia de valor, além de gerar lucro para seus potenciais investidores que buscam seus resultados no impacto social gerado às comunidades atendidas.

2.1.1 Os negócios sociais

Para Barbosa, Moraes e Romani-Dias (2017) os negócios sociais combinam os objetivos sociais das organizações sem fins lucrativos com a geração de recursos financeiros dos negócios tradicionais, em contraponto a essa perspectiva, as organizações sem fins lucrativos visam exclusivamente fornecer um serviço social com doações como fonte de recursos, assim, as empresas tradicionais buscam maximizar os lucros para seus sócios e os acionistas e são financeiramente autossustentáveis (YUNUS; MOINGEON; LEHMANN-ORTEGA, 2010).

Os negócios sociais também combinam a missão social e os métodos de mercado, conceitos tradicionalmente considerados paradoxais (WILSON; POST, 2013). No contraponto dos negócios tradicionais, todo o lucro gerado por um negócio social deve ser reinvestido para avançar e melhorar o lado social da empresa, e se houver um investidor para ajudar a empresa a iniciar suas atividades, ele recebe somente o valor investido e nenhum outro dividendo como resultado da transação (YUNUS; MOINGEON; LEHMANN-ORTEGA, 2010)

Diferente das empresas sociais, que se aproximam de uma orientação de mercado para manter sua atividade social menos dependente de doações (DEES, 1998), empresas sociais visam resolver problemas sociais com eficiência e sustentabilidade financeira utilizando mecanismos de mercado, combinando dois objetivos antes vistos como incompatíveis: sustentabilidade financeira e geração de valor social (TEODÓSIO; COMINI, 2012).

Os negócios sociais podem dar o acesso a bens de consumo com impacto direto na saúde e no desenvolvimento de capacidades em setores marginalizados para que estes, através do impacto social, possam transformar seu padrão de vida (MÁRQUEZ; REFICCO; BERGER, 2010). Os negócios sociais devem maximizar a riqueza social em vez de individual, assim, eles defendem o reinvestimento total de lucros no negócio (YUNUS, 2008). Esses tipos de instituições não dependem de doações muito menos recorrem a retirada de dividendos pelos acionistas ou proprietários, tendo em vista que os lucros devam ser reinvestidos no próprio negócio (YUNUS; MOINGEON; LEHMANN-ORTEGA, 2010).

Na Europa, os negócios sociais são reconhecidos como uma forma legal de organização na maioria dos países. Eles oferecem serviços que pertenciam à esfera do setor público, com um custo ainda mais baixo, para gerar oportunidades de emprego para desempregados, populações marginalizadas ou comunidades em extrema pobreza (YOUNG, 2009).

Na perspectiva norte-americana, o conceito de negócios sociais inclui qualquer atividade empresarial de mercado que englobe o impacto social em suas atividades de negócios, assumindo diferentes formas legais: empresas limitadas e organizações sem fins lucrativos (KERLIN, 2006).

Nos países emergentes, os empreendimentos voltados para os negócios social aparece com mais força, tanto na América Latina quanto na Ásia, pois, são identificados por iniciativas de redução da pobreza, que devem ter um impacto social positivo e efetivo especialmente de longo prazo (COMINI; BARKI; AGUIAR, 2012).

Mesmo considerando que essas regiões (norte americana, europeia e países emergentes) tenham pontos de vista diferentes, elas compartilham da ideia de usar modelos de negócios para um propósito financeiramente sustentável para causar um determinado impacto social (YOUNG, 2007; DEFOURNY; NYSENS, 2010; YUNUS; MOINGEON; LEHMANN-ORTEGA, 2010).

Para Comini, Barki e Aguiar (2012), medir o impacto em negócios sociais não é tarefa simples, pois, primeiro deve-se considerar os resultados analisados a longo prazo e não apenas pelo seu impacto imediato, e segundo, deve haver uma definição clara do que é valor social (Quadro 2).

Quadro 2: Abordagens para negócios sociais.

	ABORDAGENS		
	Norte-americana	Europeia	Países emergentes
Definição	Qualquer atividade de mercado empresarial que tenha impacto social em suas atividades de negócios.	Organizações regidas por objetivos sociais.	Organizações ou empresas que geram mudanças sociais através de atividades de mercado.
Propósito principal	Acesso a bens e serviços anteriormente disponíveis apenas para o segmento populacional mais abastado.	Oferecer serviços, originalmente na esfera do setor público, a custos mais baixos para gerar oportunidades de emprego para populações desempregadas ou marginalizadas.	Iniciativas de redução da pobreza que devem ter um impacto social positivo, efetivo e, principalmente, de longo prazo.
Quem catalisa o processo?	Multinacionais (MNCs)	Organizações de orientação social.	Normalmente, as pequenas e médias empresas e as ONGs,

			mas o crescente interesse das multinacionais.
Formato dos negócios	Empresas que buscam o valor compartilhado dos resultados financeiros com o impacto social.	As empresas sociais são distintas, porque a sua importância social e o seu propósito ambiental é absolutamente central para o que eles fazem.	O impacto social é um alvo principal.
Escala	Extremamente relevante.	Não é relevante.	Desejável
Lucros	A distribuição de dividendos faz parte da lógica do mercado.	Reinvestimento de lucros dentro da organização para aumentar o crescimento e o impacto social.	Visão asiática: os lucros só devem ser reinvestidos no negócio. Visão latino-americana: aceitação da distribuição de dividendos.
Modelo de governança	Decisões corporativas e centralizadas, mas com parcerias e uma ideia crescente de co-criação.	Participação dos beneficiários nas tomadas de decisão.	Visão asiática: mais colaborativa e com participação beneficiária. Visão da América Latina: aceitação de ambos os modelos (participativo ou centralizado).
Impacto da mediação	Impacto social e financeiro.	Impacto social prioritariamente.	Impacto social prioritariamente.

Fonte: Adaptado por tradução pelo autor a partir de Comini, Barki e Aguiar (2012, p. 394).

Apesar da ambiguidade e diversidade de termos, as três abordagens apresentadas no Quadro 2, mostram alguns pontos em comum: a existência de organizações que visam resolver problemas sociais utilizando mecanismos de mercado. As diferenças em suas perspectivas é a percepção de qual é a maneira mais eficaz de alcançar o objetivo de ter um impacto social (COMINI; BARKI; AGUIAR, 2012).

No sistema capitalista, existem as empresas que podem ser vistas como negócios que maximizam o lucro, cujo objetivo é criar valor para os acionistas, e empresas sem fins lucrativos que cumprem objetivos sociais.

Um negócio social, tem que cobrir seus custos totais e suas operações, e seus proprietários, têm o direito de recuperar seu dinheiro investido, contudo, essa perspectiva é mais causal do que o lucro, pois, esse negócio tem tanto potencial para atuar como um agente de mudança para o mundo quanto características comerciais suficientes para garantir que sobreviva para fazê-lo como mostra a Figura 1 (YUNUS; MOINGEON; LEHMANN-ORTEGA, 2010).

Figura 1: Negócio Social x Lucro, maximizando negócios e organizações sem fins lucrativos.

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Yunus, Moingeon e Lehmann-Ortega (2010).

Essa nova forma de negócio, é a mesma dos negócios tradicionais e não são instituições de caridade, mas um negócio em todos os sentidos. A administração de um negócio social é diferente da administração de uma instituição de caridade, mesmo que seu objetivo seja diferente de uma empresa que maximiza o lucro.

Para atingir seu objetivo social, os negócios sociais precisam recuperar seus custos totais para que possam ser auto-sustentáveis. Seus proprietários nunca pretendem obter lucros para si mesmos (não há dividendos), mas têm o direito de receber o dinheiro de volta, se assim o desejarem. Em vez de serem repassados aos investidores, os excedentes gerados pelos negócios sociais são reinvestidos (YUNUS; MOINGEON; LEHMANN-ORTEGA, 2010).

2.1.2 O impacto social

Para Burdge e Vanclay (1996) os impactos sociais incluem todas as consequências sociais e culturais para as populações humanas de quaisquer ações públicas ou privadas que alterem as maneiras pelas quais as pessoas vivem, trabalham, se relacionam. uns aos outros, organizam-se para satisfazer suas necessidades e geralmente lidam como membros da sociedade, contudo, além de reconhecer a abordagem desses autores, também considero outras abordagens em torno da definição dos termos “valor social”, “impacto social”, “criação de valor social” e “retorno social” (AUSTIN; STEVENSON; WEI-SKILLERN, 2006; GIBBON; DEY, 2011; MAAS; LIKET, 2011; NICHOLLS; SIMON; GABRIEL, 2015).

Barrow (2002), Ebrahim e Rangan (2014) discutem o conceito de impacto social, como parte das percepções de mudanças significativas de longo prazo na vida das pessoas, considerando as consequências de determinada ação ou de uma série delas. Goldman e Baum (2000) consideram que o impacto social pode representar progressos significativos ao mesmo

tempo em que possam afetar o bem-estar de uma população. A mudança na perspectiva das práticas sociais conduz à transformação social (HOWADT; DOMANSKI; KALETKA, 2016).

O impacto social pode influenciar potencialmente na qualidade de vida das pessoas, sejam elas beneficiadas ou não por alguma ação (YURUK; AKYOL; SIMSEK, 2016). Para Canavire-Bacarreza e Hanauer (2012) e Clements, Suon, Wilkie, Milner-Gulland (2014) uma ação pode contribuir para a redução dos níveis de pobreza de determinadas comunidades, fortalecer a segurança social e proporcionar oportunidades.

Esses impactos sociais podem se referir a uma variedade de questões, como a mudança no modo de vida dos povos, sua cultura, sua comunidade, seus sistemas políticos, seu ambiente, sua saúde e bem-estar, seus interesses pessoais e pessoais, direitos de propriedade, seus medos e aspirações (VANCLAY, 2003).

Do ponto de vista do desenvolvimento sustentável como um pilar para projetos de impacto social, um novo comportamento organizacional surge combinando dois objetivos vistos como incompatíveis, até então: sustentabilidade financeira e geração de valor social (PETRINI; SCHERER; BACK, 2016; TEODÓSIO; COMINI, 2012; MOURA, 2011; WILSON; POST, 2013).

Os impactos sociais precisam ser considerados juntamente com o meio ambiente, haja vista que eles são frequentemente inter-relacionados, trazem consigo uma resposta sensata à crescente demanda por responsabilidade social (cada vez mais apoiada pela legislação) e ainda, pode melhorar a gestão ambiental e a busca por um desenvolvimento sustentável (BARROW, 2002). Para Petrini, Scherer e Back (2016) os modelos tradicionais de negócio estão pautados necessariamente na criação de valor econômico para os acionistas.

Para Anese, Costa e Coelho (2018) a necessidade da avaliação do impacto social é recomendável, através de um processo de análise que monitore e gerencie as consequências sociais sejam elas planejadas e não planejadas, positivas ou não, de acordo com a *International Association for Impact Assessment* (IAIA). Para Kisil e Fabiani (2016) a avaliação de impacto social é recente no Brasil e ganhou força no cenário do investimento social privado.

Assim, medir os resultados e comunicá-los à sociedade é fundamental para a sustentabilidade do investimento social (KISIL; FABIANI, 2016), tendo em vista que os empreendimentos sociais buscam ainda, o impacto social mensurável para continuar gerando valor na troca do lucro pelo impacto. Ainda assim, existem ambiguidades em torno do impacto social.

De um lado, a tendência para a racionalização e mercantilização do setor social (EBRAHIM; BATTILANA; MAIR, 2014; EIKENBERRY; KLUVER, 2004), o que levou

financiadores e outros tipos de investidores de impacto, a valorizar e esperar cada vez mais medidas formais de impacto social (BREST et al., 2012 ; EBRAHIM; RANGAN, 2014; KROEGER; WEBER, 2014; NICHOLLS et al., 2012; ROURKE, 2014), e de outro, as tentativas de integrar a medição formal do impacto no setor social, revelado grandes desafios (EBRAHIM; RANGAN, 2014).

Para Emerson (2003) uma maior prestação de contas e relatórios sobre o progresso alcançado na execução das metas sociais são mensuradas em termos inequívocos, pois, algumas coisas simplesmente não podem ser medidas e o valor social, por exemplo, é um deles.

Os impactos positivos beneficiam a sociedade e os negativos, impõem um custo para a sociedade. Impactos no capital social e humano podem ser descritos também, como a medida em que as ações ou decisões de um negócio contribuem positiva ou negativamente para uma mudança persistente no bem-estar (capacidades, relacionamentos, saúde etc. das pessoas que vivem na sociedade (EMERSON, 2003).

Diante do exposto, para que um empreendimento social possa desenvolver uma estratégia a longo prazo, prestar contas aos investidores, melhorar as operações e a qualidade dos resultados esperados em termos de impacto e transformação social, faz-se necessário, a constante avaliação do impacto.

A avaliação é o meio pelo qual estimamos o valor de algo, seja um produto, serviço ou características particulares das coisas. Na economia do bem-estar, avaliação significa mais do que apenas avaliação monetária, inclui abordagens qualitativas, quantitativas e monetárias, ou uma combinação destas que mede a importância relativa dos impactos (WBCSD, 2019).

2.1.3 Fintechs (Financial Technology)

O termo "*Fintech*", uma abreviação de "Financial Technology", começou a ser usado amplamente por volta de 2014 para se referir ao influxo de ferramentas tecnológicas, plataformas e ecossistemas que tornam os serviços ou produtos financeiros mais acessíveis e eficientes (MA; LIU, 2017).

As *Fintechs*, hoje, se referem a não uma, mas uma série de tecnologias que impactam amplamente a forma de como o pagamento financeiro, o financiamento, os empréstimos, os investimentos, os serviços financeiros e as riquezas, são conduzidos, incluindo por exemplo, pagamentos digitais, *crowd funding*, *robo-advisors*, *cryptocurrencies* e novos mercados que utilizam criptomoedas (MA; LIU, 2017).

As *Fintechs*, portanto, revolucionaram os ambientes em que não apenas bancos tradicionais, mas, instituições financeiras em geral operam. À medida em que a participação de mercado nas atividades bancárias passou cada vez mais do setor bancário para o setor bancário paralelo, a indústria de serviços financeiros sofreu uma transformação incomparável na última década (BUCHAK et al., 2018).

Com o crescimento das inovações e dos novos cenários econômicos, as empresas financeiras estão expostas a novos tipos de risco, e os reguladores enfrentam implicações crescentes para o risco sistêmico e a instabilidade financeira. Nesse sentido, novas ferramentas se fazem necessárias para abordar os novos riscos dos ecossistemas financeiros digitalizados, como os riscos de segurança cibernética e de fornecedores terceirizados (JAGTIANI; JOHN, 2018).

Fintechs são empresas que estão utilizando tecnologia para operar fora de modelos tradicionais de negócios para serviços financeiros, buscando mudar a forma como esses serviços são oferecidos (FORTNUM et al., 2017) com comunicação, internet e o processamento automatizado de informações (ARNER; BARBERIS; BUCKLEY, 2016; CHEN, 2016; GABOR; BROOKS, 2017; WŁODZIMIERZ, 2016).

Para entender, de maneira geral, a dinâmica competitiva e colaborativa na inovação de tecnologia financeira baseada nas *Fintechs*, devemos considerar um modelo de ecossistema estável, para isso, utilizaremos a abordagem de Diemers et al. (2015). Empresários, governo e instituições financeiras são os participantes de um ecossistema de tecnologia financeira identificados em cinco elementos *Fintech* (DIEMERS et al., 2015):

- 1) *Startups* de *Fintech* (empresas de pagamento, gestão de patrimônio, empréstimos, *crowdfunding*, mercado de capitais e *Fintech* de seguros);
- 2) Desenvolvedores de tecnologia (analistas de big data, computação em nuvem, criptomoeda e desenvolvedores de mídia social);
- 3) Governo (reguladores financeiros e legislativo);
- 4) Clientes financeiros (indivíduos e organizações); e,
- 5) Instituições financeiras tradicionais (bancos tradicionais, companhias de seguros, corretoras de valores e capitalistas de risco).

Esses elementos contribuem simbolicamente para a inovação, estimulam a economia, facilitam a colaboração e a concorrência no setor financeiro e, em última análise, beneficiam os consumidores do setor financeiro (LEE; SHIN, 2018).

De acordo com a teoria da inovação disruptiva, as *Fintechs* podem ser classificadas em duas categorias: 1) Sustentáveis, voltada para serviços financeiros que trabalham para

proteger suas posições de mercado usando tecnologia da informação por meio de inovações incrementais; e, 2) Disruptível, voltada novas empresas e *startups* que desafiam os provedores estabelecidos, oferecendo novos produtos e serviços (CHRISTENSEN, 2003).

Essas empresas têm novos modelos de negócios que prometem maior flexibilidade, segurança, eficiência e oportunidades do que os serviços financeiros tradicionais (GOMBER; KOCH; SIERING, 2017).

O termo é emergente, mas as *Fintechs* tem sido consideradas uma taxonomia distintiva que descreve principalmente os setores de tecnologia financeira em uma ampla gama de operações para empresas ou organizações, voltada para a melhoria da qualidade do serviço usando a Tecnologia da Informação em várias áreas, como as de redes móveis, big data, gerenciamento de confiança, sistemas móveis, computação em nuvem, processamento de imagens e técnicas analíticas de dados (GAI; QIU; SUN, 2018).

Para Thurber (2012), as *Fintechs* surgem como resultado da exposição de imperfeições nos atuais modelos de negócios dos bancos, para enfatizar áreas onde são necessárias mudanças e para inspirar a adaptação de tais modelos de negócios para crescimento futuro por meio da inovação e da tecnologia.

Os métodos tradicionais de prestação de serviços financeiros estão atrasados, concorrendo diretamente com modelos modernos e dotados de tecnologia (ANAGNOSTOPOULOS, 2018), e essas inovações tecnológicas disruptivas criam proposição para a cadeia de valor para os clientes, antes considerada intocável no complexo ecossistema dos serviços financeiros (KAAL, 2016).

O setor de serviços financeiros tradicional, é resistente a mudanças, historicamente, um dos setores de negócios mais resistentes por falta de tecnologia (FICHMAN et al., 2014), mostrando a falta de inovação, por sua posição estável no mercado, ou pelas regulamentações governamentais complexas.

Inevitavelmente, o atraso do sistema bancário em responder rapidamente o mercado, atraiu a atenção da comunidade do Vale do Silício com centenas de *startups* com muitos cérebros e dinheiro trabalhando em várias alternativas ao sistema bancário tradicional (DIMON, 2014).

Esse cenário facilita o surgimento de empresas inovadoras que através da tecnologia, desenvolvem novas soluções de pagamentos, remessas, empréstimos, investimentos e outros serviços com mecanismos dinâmicos, seguros e globais. Poucas indústrias são tão globais quanto bancos e finanças, suas características se espalham rapidamente pelo mundo, muitas vezes devido ao alcance multinacional dos maiores bancos (HILL, 2018).

O crescimento das *Fintechs* pode ser percebido com o surgimento de *hubs* em grandes cidades ao redor do mundo (HILL, 2018). As *Fintechs* são reconhecidas como uma das inovações mais importantes no setor financeiro e está evoluindo rapidamente, impulsionada pela economia de compartilhamento, a regulamentação favorável e a tecnologia da informação, com a promessa de reformular o setor financeiro cortando custos, melhorando a qualidade dos serviços financeiros e criando um cenário financeiro mais diversificado e estável (LEE; SHIN, 2018).

O desenvolvimento tecnológico em infraestrutura, big data, análise de dados e dispositivos móveis, permitem que *startups* de *Fintech* substituam empresas financeiras tradicionais ofertando serviços exclusivos, de nicho e personalizados. Para 83% das instituições financeiras tradicionais, vários aspectos de seus negócios estão em risco para as *Fintechs*, o que as força desenvolver novas capacidades para alavancar ou investir em tecnologia financeira para se manterem competitivas (PWC, 2016).

No Brasil, há várias categorias de *Fintechs*: de crédito, de pagamento, gestão financeira, empréstimo, investimento, financiamento, seguro, negociação de dívidas, câmbio, e multisserviços, regulamentadas desde abril de 2018 pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) por meio da Resoluções 4.656 e 4.657 ambas de 26 de abril de 2018 (BRASIL, 2018).

2.2 A tecnologia blockchain e as criptomoedas

A tecnologia *blockchain* ganhou destaque no início de 2009, através da criptomoeda Bitcoin (BTC). A *blockchain* é uma tecnologia descentralizada de gerenciamento de transações e dados projetada primeiramente por Satoshi Nakamoto para a criptomoeda Bitcoin. Há um máximo de 2.099.999.997.690.000 elementos Bitcoins (chamados *Satoshis*, a unidade foi nomeada em homenagem coletiva ao criador original), que atualmente são mais comumente medidos em unidades de 100.000.000 conhecidas como BTC, havendo apenas 21 milhões de Bitcoins (BTC) para serem criados.

A definição de *blockchain* foi sintetizada como um banco de dados distribuído, que é compartilhado em uma rede *peer-to-peer* (P2P), consiste em uma sequência de blocos vinculados, mantendo transações com registro de data e hora que são protegidas por criptografia assimétrica (sistema criptográfico que usa pares de chaves: chaves públicas que podem ser amplamente difundidas e chaves privadas que são conhecidas apenas pelo proprietário) e verificadas pela comunidade na rede (TRIBIS; BOUCHTI; BOUAYAD, 2018).

Para Aitzhan e Svetinovic (2018) um *blockchain* é uma cadeia ordenada cronologicamente de blocos protegidos. O encadeamento é feito com o adição de um *hash* (algoritmo que mapeia dados de comprimento variável para dados de comprimento fixo) do bloco anterior ao bloco atual, o *hash* do bloco atual para o próximo bloco e assim por diante, os blocos consecutivos garantem que as transações sejam apresentadas em uma ordem cronológica, portanto, uma transação não pode ser alterada sem alterar seu bloco e todos os blocos a seguir (AITZHAN; SVETINOVIC, 2018).

Outra definição, apresenta o *blockchain* como um *ledger digital*, quer dizer, o principal arquivo de computador para registro e totalização de transações econômicas medidas em termos de uma unidade monetária de conta por tipo de conta, com débitos e créditos em colunas separadas e um saldo monetário inicial e saldo final de dois balanços (IBM, 2019).

A *Blockchain*, ou tecnologia de contabilidade mais amplamente distribuída (DLT), tem potencial para criar disrupção mais do que qualquer outra inovação tecnológica anterior, principalmente, no âmbito dos serviços bancários, com foco no financiamento da cadeia de suprimentos, empréstimos garantidos por ativos digitais, securitização, informações de crédito, identidade digital e muito mais (JAGTIANI; JOHN, 2018).

A tecnologia *blockchain*, que sustenta as criptomoedas, tem desempenhado um papel importante no desenvolvimento de aplicativos com tecnologia descentralizada de dados em milhões de dispositivos (QU et al., 2018).

A *blockchain* também controla transações realizadas em criptomoedas. As transações envolvem um ou mais endereços de entrada que enviam alguns fundos (recursos financeiros por exemplo) para um ou mais endereços de "saída" (PAPPALARDO et al., 2018), salvando os dados em um formato semelhante a um banco de dados distribuído e projetado para dificultar arbitrariamente a manipulação, já que os participantes da rede salvam e verificam o seu *blockchain* (PARK; PARK, 2017).

Para proporcionar todo o seu potencial e disrupção, o *blockchain* requer um mecanismo econômico para criar incentivos apropriados para os validadores. Dentro de um ambiente sem permissão, a *Proof-of-Work* (PoW) e a *Proof-of-Stake* (PoS) constituem os mecanismos econômicos empregados com mais frequência (HERMANN et al., 2016).

O PoW e o PoS foram projetados para manter a precisão dos *blockchains* e torná-los resilientes ao ataque. O requisito PoW é inviável porque exigiria que um invasor ultrapassasse a capacidade de mineração de todo o restante da comunidade de mineração.

O PoS também é inviável porque a teoria dos jogos prevê que essa é uma ameaça pouco convincente, já que os ataques estariam destruindo a própria riqueza dos invasores

(HERMMAN et al., 2016). A implementação da tecnologia *blockchain* nos mercados financeiros pode fornecer aos investidores novas opções para gerenciar o grau de transparência de suas participações e suas intenções comerciais (MALINOVA; PARK, 2017).

Os avanços tecnológicos permitem a invenção e a concepção de estruturas de modelos de negócios mais inovadores. O *blockchain* como uma tecnologia pioneira, pode atuar na descentralização de qualquer coisa que funcione hoje sob o suporte ou a vigilância de um confiável terceiro para garantir o seu funcionamento eficaz e adequado. (KYPRIOTAKI; ZAMANI; GIAGLIS, 2015).

A tecnologia *blockchain* tem o potencial de proteger os dados, simplificar a prestação de serviços, esclarecer os resultados e garantir a prestação de contas, construindo e sustentando a confiança nas transações. As soluções baseadas em *blockchain* podem fazer muito mais do que ampliar as margens de lucro, eles também podem melhorar a vida e a sociedade (TILLEMANN et al., 2019).

Outro grande benefício do *blockchain* é que ele é uma nova forma de tecnologia de informação descentralizada que pode ser aplicável em muitas situações além da criptomoeda e ativos financeiros. Em relação às criptomoedas, tendo a tecnologia *blockchain* como aliada, um sistema de pagamento eletrônico baseado em prova criptográfica em vez de confiança, permite que duas partes interessadas negociem diretamente entre si sem a necessidade de uma terceira parte confiável (um banco central por exemplo).

As transações que são computacionalmente impraticáveis de reverter protegeriam os vendedores de fraude, e novos mecanismos de depósito de rotina poderiam ser facilmente implementados para proteger os compradores (NAKAMOTO, 2008).

Tendo em vista a possibilidade de novos modelos de negócios com o uso da tecnologia *blockchain*, as criptomoedas têm sido a grande razão pela qual muitos acreditam que o *blockchain* se tornaria uma tecnologia financeira potencial para o futuro (JAGTIANI; JOHN, 2018). Em 2008, Satoshi Nakamoto lançou seu artigo sobre Bitcoin (*Bitcoin: A peer-to-peer electronic cash system*) e o código fonte na Internet, permitindo o nascimento da primeira “criptomoeda” após a proposta inicial do *B-money* idealizado por Dai (1988).

Liu e Tsyvinski (2018), acham que os retornos da criptomoeda não estão expostos ao mercado de ações ou a fatores de risco macroeconômicos, supondo que as criptomoedas são valiosas para fins de diversificação de portfólio e o seu retorno pode ser previsto com base na atenção que uma moeda recebe.

Para Hinzen (2018) tanto a atenção que uma criptomoeda recebe quanto suas propriedades tecnológicas subjacentes são precificáveis. Recentes abordagens sobre o tema

avaliam que as criptomoedas são mais valiosas quando o mecanismo de consenso do blockchain é mais seguro ou quando o blockchain oferece funcionalidades inteligentes de contrato (PAGNOTTA; BURASCHI, 2018; SALEH, 2018; CONG; HE, 2019).

Para Böhme et al., (2015) criptomoedas, como o Bitcoin (BTC), o Ethereum (ETH), o Ripple (XRP), a Moeda (MDA) entre outras centenas, fornecem uma moeda digital criada em torno de um banco não centralizado (convencionalmente formado com governos) e protocolos de distribuição (como é o caso com dinheiro real emitido por bancos centrais). Cada usuário pode transacionar diretamente com todos os outros participantes do mercado sem a necessidade de um intermediário centralizado (LI; WANG, 2017).

A priori, cada usuário pode gerar, remeter ou receber criptomoeda e, posteriormente, o valor monetário correspondente em qualquer uma das moedas disponíveis (LUO et al., 2019). O BTC pode ser infinitamente dividido em unidades menores com limitações impostas por sua arquitetura de rede e pela estrutura de computação na qual ele é construído (ZOHAR, 2015).

Outras criptomoedas têm menores quanto ao número máximo de unidades monetárias que podem ser geradas, isso faz com que eles tenham uma circulação muitas vezes maior que a do BTC, mas é claro que o preço deles também é muito menor (LUO et al., 2019). Um usuário de criptomoeda pode gerar um endereço único baseado em uma cadeia alfa aritmética através da qual eles podem enviar e receber blocos de moedas (*tokens*), armazenando suas moedas com segurança em outra entidade digital chamada carteira (*wallet*), seja on-line ou off-line (DRYALL, 2018).

As criptomoedas são distribuídas na forma de Ofertas Iniciais de Moedas (ICOs), usadas por *startups* de tecnologia como forma de levantar fundos. Adhami, Guidici e Martinazzi (2018) examinando a taxa de sucesso em termos de liquidez e condições de preços no período pós-ICO em 253 ICOs, constataram que 205 foram fechadas com sucesso, e o restante que não cumpriu sua meta de financiamento, teve uma falha de segurança ou teve sua distribuição de *token* (um dispositivo eletrônico gerador de senhas) suspensa.

O exame também evidenciou que a maioria das ofertas foram baseadas no *blockchain* da Ethereum, que serviu de plataforma para vários outros contratos inteligentes (*smart contracts*). Nessa perspectiva, Howell, Niessner e Yermack (2018) concluem que as ICOs bem-sucedidas tendem a ser mais transparentes sobre os usos futuros dos fundos.

Pode ser inevitável para os bancos centrais começarem a emitir sua própria moeda digital no futuro previsível, usando uma das tecnologias de contabilidade distribuída (JAGTIANI; JOHN, 2018).

As tecnologias *blockchain* oferecem muitas possibilidades para o crescimento de negócios totalmente novos, o que representa uma ameaça direta aos operadores tradicionais, que usam modelos de negócios convencionais baseados na necessidade de intermediários entre as partes de uma transação.

As empresas precisam considerar como seu modelo de negócios pode ser afetado por aplicações *blockchain* de rápido crescimento, pois, atualmente, diversos projetos de impacto estão incluindo o uso de *blockchain* para rastrear o transporte de cadeias de suprimentos industrial, para contratos inteligentes que permita transações imobiliárias seguras, mais rápidas e menos dispendiosas, e ainda, permita que os consumidores enviem fundos para o exterior sem incorrer em atrasos ou altas taxas de câmbio (MORKUNAS; PASCHEN; BOON, 2019).

2.3 Inovação social

A inovação social ainda é percebida como um campo emergente de pesquisa sem uma definição consensual (BIGNETTI, 2011; PHILLIPS et al., 2014; NICHOLLS; SIMON; GABRIEL, 2015; ANDION et al., 2017).

De conceito relativamente novo afastada das inovações tecnológicas, a inovação social, é vista como uma "nova resposta" para situações sociais insatisfatórias capaz de transformar espaços voltados para o bem-estar das pessoas ou de comunidades no tocante ao desenvolvimento de indivíduos, territórios ou negócios (CLOUTIER, 2003; ANDION, 2003; TARDIF; HARRISSON, 2005; ANDRÉ, ABREU, 2006; MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010).

Do ponto de vista estratégico, a noção de inovação social pode ser empregada para o desenvolvimento humano, tendo como estratégia, o desenvolvimento local e a emancipação, permitindo um ambiente para se explorar ações coletivas organizadas por indivíduos que buscam o bem-estar social e o fortalecimento local, nesse sentido, seu protagonismo se torna perceptível para construir mudanças sociais e sustentáveis (OLIVEIRA; SILVA, 2012; BUTKEVIČIENE, 2009; CAJAIBA-SANTANA, 2014).

Ainda pode ser definida como uma ação que cria relações sociais, estruturas ou modos de decisão, originadas de uma ação individual e depois coletiva, sendo contextual, promovendo mudanças que levam a uma melhor integração de grupos excluídos (CLOUTIER, 2003; PATIAS et al., 2017), atuando como uma ação social, sendo aceita e difundida na

sociedade, através dela ou de outros subgrupos com o mesmo interesse coletivo (NICHOLLS, 2010; MEDEIROS et al., 2017).

A inovação social provoca iniciativas que escapam às ordens estabelecidas, possibilitando novas formas de pensar e fazer, estabelecendo, portanto, mudanças sociais como alternativas, ou mesmo ruptura, diante de processos tradicionais (ADNRÉ; ABREU, 2006), valorizando as especificidades territoriais e comunitária por meio da organização e mobilização de grupos e territórios excluídos ou desfavorecidos manifestada por mudanças, comportamento, atitudes ou percepções (MOULAERT, 2007; CAJAIBA-SANTANA, 2014).

Para o CRISES (2014), as inovações sociais promovem o bem-estar dos indivíduos e das comunidades, sendo caracterizado por um processo de implementação que envolva a cooperação entre uma variedade de atores e com o objetivo de se alcançar, a longo prazo, uma mudança social, podendo contribuir para o surgimento de um novo modelo de desenvolvimento (CLOUTIER, 2003; TARDIF; HARRISSON, 2005).

Predominantemente relacionada ao bem-estar social, a inovação social ainda pode ser conceituada, como uma nova prática social, por meio de atores que almejam satisfazer ou responder às necessidades e problemas da sociedade (HOWALDT; KOPP; SCHWARZ, 2010; AGOSTINI et al., 2017; MEDEIROS et al., 2017), como um processo iniciado por diversos atores, para responder problemas sociais, e assim, oferecer soluções ou, através de rupturas, mudanças nas relações sociais para a melhoria da qualidade e das condições de vida da comunidade (CRISES, 2012).

Assim, os resultados da inovação social podem ser múltiplos, revelando-se na forma de novas instituições, novos movimentos sociais, novas práticas, ou diferentes estruturas de trabalho colaborativo (SOUZA; SILVA FILHO, 2014; SOUZA; LESSA; LAZARO, 2019).

O termo inovação social vem se definindo no contexto das organizações como uma nova forma de fazer as coisas, as práticas sociais, as novas abordagens, os novos conceitos e as novas habilidades para responder aos problemas existentes (LÉVESQUE, 2002).

A inovação social pode atuar como uma ação social, sendo aceita e difundida na sociedade, através dela ou de outros subgrupos com o mesmo interesse coletivo (NICHOLLS, 2010; MEDEIROS et al., 2017), estabelecendo e possibilitando novas formas de pensar e fazer, mudanças sociais como alternativas, ou mesmo ruptura, diante de processos tradicionais (ADNRÉ; ABREU, 2006).

As inovações sociais são práticas alternativas ou novas variações delas não necessitando ser novidades completas (JAEGER-ERBEN, RÜCKERT-JOHN E SCHAFER, 2015), as próprias práticas sociais e arranjos dos indivíduos e das instituições são as inovações

sociais (LÁZARO et al. 2018), portanto, a inovação social adquire uma característica, por natureza, multidisciplinar, abrangendo diferentes setores e campos de ação (SANTOS, 2018).

Para Davies et al. (2012) a inovação social é um fenômeno de rápido crescimento, fazendo com que as organizações procurem entender como ela pode ajudar nos modelos de negócios. No entanto, seu campo é caracterizado pela ambiguidade conceitual e por uma diversidade de definições.

Para Correia et al. (2018) estudos sobre inovação social realizados nos últimos dez anos têm surgido em diferentes contextos transformando-o amplo e complexo. Dessa forma a inovação social apresenta-se como uma solução eficaz, eficiente e sustentável para um problema social (PHILLS JR.; DEIGMEIER; MILLER, 2008; CORREIA et al., 2018).

A quantidade de trabalhos sobre inovação social ainda é pequena, contudo, pode-se encontrar uma gama extensa de abordagens que a coloca em um campo sólido do conhecimento (BIGNETTI, 2011).

Pesquisas de referência mundial sobre inovação social estão ancoradas nas universidades de Stanford, Harvard e Brown, nos Estados Unidos, no *Centre de Recherche sur les Innovations Sociales* (CRISES), no Canadá e no *Institut Européen d'Administration des Affaires* (INSEAD), na Europa (FERREIRA, 2012). O Quadro 3 apresenta uma compilação em torno dos diferentes conceitos sobre inovação social.

Quadro 3: Compilação em torno dos diferentes conceitos sobre inovação social.

Autor	Conceitos
Taylor (1970)	Formas aperfeiçoadas de ação, novas formas de fazer as coisas, novas invenções sociais, ou seja, uma “nova maneira de fazer as coisas” uma nova organização social.
Cloutier (2003)	Uma resposta nova, definida na ação e com efeito duradouro, para uma situação social considerada insatisfatória, que visa o bem-estar dos indivíduos ou comunidades por meio de ação e mudança sustentável.
Tardif e Harrisson (2005)	Destaca a importância da colaboração e a participação de vários <i>stakeholders</i> , assim, o objetivo final em um projeto de inovação social, é o envolvimento de todos os atores e a cooperação ao longo do processo.
Mouleart et al. (2007)	Uma visão alternativa do desenvolvimento urbano, focada na satisfação de necessidades humanas (<i>empowerment</i>) mediante a inovação nas relações individuais e da governança comunitária.
Mulgan et al. (2007)	Novas ideias que funcionam na satisfação de objetivos sociais, atividades inovadoras e serviços, que são motivados pelo objetivo de satisfazer necessidades sociais predominantemente desenvolvidas e difundidas através de organizações cujos objetivos principais são sociais.
Phills, Deiglmeier e Miller (2008)	Uma solução nova, eficiente e sustentável para um problema social ainda mal resolvido, onde o valor criado é revertido em benefícios para a sociedade, ao invés de se restringir a ganhos particulares.
Phills Jr. et al. (2008)	Novas soluções para um problema social que é mais eficaz, eficiente, sustentável.
Howaldt, Kopp e Schwarz (2010)	Um conjunto de estratégias, conceitos, ideias e formas organizacionais para expandir e fortalecer o papel da sociedade civil em resposta a uma diversidade de necessidades na busca de responder aos problemas coletivos, para atender a

	demandas sociais de uma forma melhor do que as práticas existentes.
CRISES (2010)	Um processo iniciado pelos atores sociais para responder a um desejo, uma necessidade, para encontrar uma solução ou para aproveitar uma oportunidade de ação para mudar as relações sociais, para transformar um quadro ou propor novas orientações culturais para melhorar a qualidade e as condições de vida da comunidade.
Bignetti (2011)	O resultado de conhecimento aplicado às necessidades sociais através da participação e cooperação de todos os atores, criando soluções novas e duradouras para os grupos sociais, comunidades e sociedade em geral.
OECD (2011)	Implementação de uma ferramenta que visa expandir e fortalecer o papel da sociedade civil em resposta a uma diversidade de necessidades sociais.
Caulier-Grice et al. (2012)	Novas soluções que, simultaneamente, atendem a necessidades sociais e guiam para novas ou melhoram a capacidade e relações de uso de bens e recursos. Uma nova ideia que funciona e atende uma demanda social.
CRISES (2012)	Novos arranjos sociais, organizacionais ou institucionais com um objetivo social explícito, decorrente de uma ação individual ou iniciada por um grupo, para responder a uma aspiração, uma necessidade, visando a mudança social.
Cajaiba-Santana (2014)	Novas práticas sociais criadas a partir de ações coletivas e intencionais voltadas para mudança social.
Centre for Social Innovation (2014)	Refere-se à criação, desenvolvimento, adoção e integração de novos conceitos e práticas que colocam as pessoas e o planeta em primeiro lugar para resolver questões sociais, culturais, econômicas e ambientais.
Maurer e Silva (2014)	Um entendimento normativo do conceito de inovação social refere-se aos elementos desejáveis ou necessários para que uma solução seja identificada como tal. O conceito de inovação social entendido de forma normativa é, sem dúvidas, a forma mais disseminada de compreendê-lo.
Transformative Social Innovation (2015)	Uma ação transformadora, como mudança nas relações sociais, envolvendo novas formas de fazer, organizar, enquadrar ou saber, que desafia, altera e substitui instituições ou estruturas dominantes em um contexto social específico.
Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015)	Desloca-se o foco de atores e objetos específicos para processos de problematização, experimentação e reestabilização, o que pode ser uma abordagem mais generalizada para descrever e compreender o surgimento de inovações sociais para o consumo sustentável, fortalecendo a cultura geral e a política sendo voltada à inovação social.
Fougère, Segercrantz e Seeck (2017)	Capacitar as pessoas e impulsionar a mudança, no sentido de que leva a uma mudança social que produz inclusão social sustentável.
Moreira, Santos, Cabral e Silva (2018)	Mudanças nas instituições e nos agentes que têm como objetivo contribuir para a inclusão social de grupos e indivíduos excluídos. Inovação social, portanto, pode ser expressa como novas soluções para atender aos vazios do bem-estar social, relacionadas à melhoria da qualidade de vida.
Oeij et al. (2019)	A invenção, desenvolvimento e implementação de novas ideias para resolver problemas sociais enfrentados por indivíduos, grupos ou comunidades.

Fonte: Adaptado pelo autor (2019).

As abordagens dos diversos autores apresentados no Quadro 3, são predominantemente relacionadas ao bem-estar social, podendo ser conceituada, de forma geral, como uma nova prática social, por meio de atores que almejam satisfazer ou responder às necessidades e problemas da sociedade (HOWALDT; KOPP; SCHWARZ, 2010; AGOSTINI et al., 2017; MEDEIROS et al., 2017; OEIJA et al., 2019), sendo ampla e multifacetada voltada para consecução de resultados múltiplos (CAJAIBA-SANTANA, 2014; BUTKEVIČIENE, 2009).

A inovação social é um termo amplamente usado nos estudos organizacionais, com destaque nos debates internacionais, no contexto dos desafios sociais, ambientais e econômicos associados ao paradigma do desenvolvimento local e sustentável (MEHMOOD; CONSTANZA, 2013), pois, aparece como um processo iniciado por diversos atores, para responder problemas sociais, e assim, oferecer soluções ou, através de rupturas, mudanças nas relações sociais para a melhoria da qualidade e das condições de vida da comunidade (CRISES, 2012).

Os resultados da inovação social podem ser múltiplos, revelando-se na forma de novas instituições, novos movimentos sociais, novas práticas, ou diferentes estruturas de trabalho colaborativo (SOUZA; SILVA FILHO, 2014; SOUZA; LESSA; LAZARO, 2019), e ainda, pode ser vista como um conjunto de estratégias, conceitos, ideias e padrões organizacionais que expande e fortalece o papel da sociedade civil frente às suas necessidades sociais que não são atendidas de forma convencional (OLIVEIRA; CORREIA; GOMEZ, 2018).

Para atender necessidades oriundas de problemas sociais, é preciso entender que esses problemas são qualquer situação que impede que indivíduos, grupos ou comunidades sejam incluídos na sociedade (OEIJA et al., 2019).

Para Atkinson e Marlier, (2010), a inclusão social é o processo pelo qual as sociedades combatem a pobreza e a exclusão social. A de convir também, que processos de inovação social são alternativas para atender as necessidades de populações vulneráveis através de novos modelos de desenvolvimento local (BITTENCOURT; RONCONI, 2016), ressignificando, inclusive, padrões de consumo, fortalecendo a sociedade em redes, incluindo os indivíduos em processos (CORREIA; OLIVEIRA; GOMEZ, 2015).

As ideias em torno da inovação social se baseiam em pesquisas e redes desenvolvidas pela Comissão Europeia, por cientistas sociais e pesquisadores interdisciplinares (CAULIER-GRICE et al., 2010; HUBERT, 2011; EUROPEAN COUNCIL, 2013; BOCK, 2016), agregando valor ao conhecimento, portanto, todos os elementos conceituais tratados nessa seção são relevantes para contribuir com o desenvolvimento de novas abordagens sobre o tema da inovação social.

Para Klein (2013) e Howaldt e Schwartz (2011), o termo inovação social é bastante heterogêneo, definido em teoria e prática, aplicado através de uma variedade de iniciativas que em geral partem dos atores para às organizações, de configurações organizacionais, bem como serviços inovadores que também são descritos com termos de consumo colaborativo, economia

de compartilhamento ou economia de comunhão (JACKSON 2009; BOTSMAN; ROGERS, 2010; OSTROM 2011; HEINRICHS; GRUNENBERG 2012).

Em outras palavras, a inovação social promove a mudança social (SHIER; HANDY, 2016), portanto, por entender que a inovação social constitui um conceito multidisciplinar que propõe prover sentido e referência conceitual e instrumental relativamente estáveis para iniciativas de intervenção na realidade social, nos baseamos na estrutura conceitual de inovação social proposta por Tardif e Harrisson (2005) e Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) para abordar o objetivo do presente estudo. Nas próximas seções, apresentaremos os respectivos quadros analíticos que servirão de instrumento científico para cumprir com os objetivos específicos já mencionados.

2.3.1 Quadro analítico de Tardif e Harrisson (2005)

Para Maurer e Silva (2014), mesmo considerando o crescimento na utilização do termo “inovação social”, suas definições mesmo que vagas possibilitam um número considerável de iniciativas, nesse sentido, alguns pesquisadores estabelecem “dimensões de análise” para o reconhecimento de inovações sociais.

Na dissertação de Moreira (2017), embora o termo “dimensão” não tenha sido utilizado por Tardif e Harrisson (2005) em seu artigo original, a pesquisadora optou pela nomenclatura “dimensões sociais” devido ao seu uso recorrente em outros trabalhos acadêmicos reconhecidos pela comunidade científica.

Outra pesquisadora que optou pela mesma nomenclatura em sua dissertação de mestrado foi Santos (2018), que a utilizou para possibilitar a ampliação do tema perante a sociedade, nesse sentido, dentre outras análises que poderiam ser utilizadas para a investigação da inovação social, acerca das dimensões de análise, essa pesquisa também irá utilizar a nomenclatura “dimensões sociais” para abordar o quadro conceitual de Tardif e Harrisson (2015).

A escolha do modelo de Tardif e Harrisson (2005) como conceito de inovação social, provém da importância de um trabalho realizado pelos autores com base na síntese de 49 (quarenta e nove) estudos desenvolvidos por membros do *Centre de Recherche sur les Innovations Sociales* (CRISES), conferidas em torno dos elementos conclusivos e característicos de inovação social desenvolvidos por Cloutier (2003) e das transformações sociais trabalhado por Petitclerc (2003).

O CRISES foi fundado em 1988 e é formado por dez universidades canadenses: Université du Québec à Montréal (UQAM), Université du Québec en Outaouais (UQO), Université Laval, Université de Sherbrooke, Université Concordia, HEC Montréal, l'Université de Montréal, Université du Québec à Chicoutimi (UQAC), Université du Québec à Rimouski (UQAR) e Université à Distance de l'Université du Québec (TÉLUQ). O CRISES realiza estudos multidisciplinares para compreender inovações orientadas pelas lógicas da cooperação, da solidariedade e de autogestão. Dentre os estudos publicados, destacam-se os trabalhos de Cloutier (2003) e de Tardif e Harrisson (2005) que sustenta o modelo utilizado neste trabalho.

O trabalho de Tardif e Harrisson (2005) resultou em um quadro conceitual de análise da inovação social (Quadro 4), que irá nos permitir identificar os conceitos fundamentais de sua definição de inovação e transformações sociais (MAURER; SILVA, 2014; MOREIRA, 2017; SANTOS 2018; SOUZA; LESSA; LAZARO, 2019).

Para Cloutier (2003) a inovação social, é uma nova resposta voltada para o bem-estar de indivíduos ou comunidades, definido pelo seu carácter inovador e pelo seu objetivo que prevê consequências sociais positivas, contudo, outros pesquisadores definem inovação social através de seu processo.

Em outras palavras, a inovação social deve atender a certos requisitos em relação ao seu processo de criação e implementação, resulta, portanto, da cooperação entre uma diversidade de atores (CLOUTIER, 2003).

Por outro aspecto, Petitclerc (2003), a define sob os elementos de uma teoria das transformações sociais por constatar que pesquisas sobre inovações sociais foram desenvolvidas através dos principais debates das ciências sociais desde o final da década de 1970, sobre as relações entre os atores e suas estruturas.

Nesse aspecto, a capacidade de conviver com os outros, em redes e movimentos sociais, lhes permite libertar-se das restrições organizacional e institucional, a fim de pensar o novo (PETITCLERC, 2003).

Tardif e Harrisson (2005), como mostra o Quadro 4, identificaram os elementos essenciais para uma inovação social com vistas à transformação social, apontando seu carácter inovador, seus objetivos de inovação, o processo de desenvolvimento da inovação, as relações entre os atores e estruturas, e as restrições ao desenvolvimento da inovação, considerando três eixos estratégicos estudados pelo CRISES:

- 1) Território: que estuda os papéis dos atores sociais e suas práticas inovadoras nas recomposições territoriais contemporâneas, em particular, o surgimento

de redes sociais e suas ligações com novas formas de territorialidade, relações entre empresas, atores sociais e órgãos políticos locais, identidades locais e suas ligações com o desenvolvimento econômico e social, bem como as modalidades de governança territorial.

2) Condições de Vida: onde se busca identificar, descrever e analisar as inovações sociais que visam melhorar as condições de vida, particularmente no que diz respeito ao consumo, ao uso do tempo, ao ambiente familiar e ao meio ambiente.

3) Trabalho e Emprego: voltado para a organização do trabalho, regulação do emprego e governança corporativa no setor manufatureiro, no serviço público e na economia do conhecimento, e ainda, das dimensões organizacionais e institucionais do emprego e do trabalho tanto nos sindicatos quanto nas empresas, nas políticas públicas e em partes interessadas, parcerias, governança corporativa, novo status de emprego, envelhecimento no trabalho, treinamento e economia do conhecimento.

Quadro 4: Dimensões de análise da inovação social de Tardiff e Harrisson (2005).

TRANSFORMAÇÃO	CARÁTER INOVADOR	INOVAÇÃO	ATORES	PROCESSOS
Contexto micro e macro (crise, ruptura, descontinuidade e modificações estruturais).	Modelo (trabalho, desenvolvimento e governança).	Escala (local).	Sociais (movimentos cooperativos, comunitários ou associativos, sociedade civil e sindicatos).	Modo de coordenação (avaliação, participação, mobilização e aprendizagem).
Econômico (emergência, adaptações, relações do trabalho, produção e consumo).	Economia (saber, conhecimento, economia mista e social).	Tipos (técnica, sociotécnica, social, organizacional e institucional).	Organizacional (empresas, economia social, coletivas e destinatários).	Meios (parcerias, integração, negociação, <i>empowerment</i> e difusão).
Social (recomposição, reconstrução, exclusão, práticas, mudanças e relações sociais).	Ação social (tentativas, experimentos, políticas, programas, arranjos institucionais e regulamentação Social).	Finalidade (bem comum, interesse geral e coletivo, cooperação).	Instituições (Estado, identidade, valores e normas).	Restrições (complexidade, incerteza, resistência, tensão, compromisso, rigidez institucional).
			Intermediários (comitês, redes sociais de aliança e redes de inovação).	

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do modelo conceitual de Tardif e Harrisson (2005) complementado por Maurer e Silva (2014), Moreira (2017) e Santos (2018) e Souza, Lessa e Lazaro, (2019).

Lévesque (2011) adianta que a inovação social da origem a duas conceituações diferentes, uma tomada por um sentido amplo, onde ela tende a se identificar com a economia

social e solidaria, e outra, em sentido estrito, resultante das novas relações sociais, através das novas formas organizacionais ou institucionais.

No sentido amplo, os atores sociais e as autoridades públicas, consideram que qualquer inovação pode tornar-se social (novo produto ou serviço, novo processo, nova tecnologia e nova abordagem, novo cliente ou novos usuários, nova forma organizacional e nova forma institucional), explicitamente orientado para os objetivos sociais, em particular a coesão social e a integração (LAVILLE et al., 2005; VAILLANCOURT, 2009; MENDELL; ROUZIER, 2008; LÉVESQUE; THIRY, 2008; LÉVESQUE, 2011).

Em sentido estrito, a inovação social pode existir em todas as formas de empresa ou organização (privada, pública ou do terceiro setor), sendo que, a estrutura tecnológica é geralmente mais fraca enquanto a dimensão das relações sociais é decisiva, nas novas formas de organização do trabalho, de governança, dos espaços públicos de deliberação ou negociação e de novos programas governamentais resultantes da participação das partes interessadas (LAVILLE et al., 2005; VAILLANCOURT, 2009; MENDELL; ROUZIER, 2008; LÉVESQUE; THIRY, 2008; LÉVESQUE, 2011).

Por remeter-se a um termo de muitos significados, a inovação social, é iniciada por atores sociais para atender uma necessidade de mudança nas relações sociais propondo novas orientações culturais (LÉVESQUE, 2002; CLOUTIER, 2003; TARDIF; HARRISSON, 2005; MAURER; MARQUESAN; SILVA, 2010; CRISES, 2012).

No Quadro 4, Tardif e Harrisson (2005) abordam as dimensões da inovação social sob o seu caráter múltiplo, reconhecendo também que ela tende, no longo prazo, a influenciar o modelo de desenvolvimento a ser adotado pelos atores sociais, quer seja por organizações, por territórios ou por comunidades (TARDIF; HARRISSON, 2005; MAURER; SILVA, 2012; MOREIRA, 2017; SANTOS, 2018).

Diante do exposto, optou-se pelo modelo de Tardif e Harrisson (2005), considerando que os autores destacam a inovação social como um processo iniciado por atores no sentido de responder a uma aspiração social e uma necessidade, para assim, oferecer uma solução ou beneficiar-se de uma oportunidade para mudar as relações sociais. A seguir, apresentaremos os conceitos das cinco dimensões propostas.

2.3.1.1 A dimensão Transformação

Na perspectiva da transformação, Tardif e Harrisson (2005) retratam as mudanças dando ênfase aos conceitos de crise, ruptura e descontinuidade, tanto no contexto micro como

macro. Mudanças estruturais obrigariam os atores a repensar suas ações e a formular novas "respostas" tanto econômica como social, contudo, esses atores podem entrar em conflito ou contradizer situações anteriores, nesse sentido, as estruturas econômicas locais, regionais ou nacionais, seriam transformadas por adaptação, novos caminhos (reconversão) ou pela criação de novas estruturas de produção.

A dinâmica da transformação na esfera econômica exige uma modificação das relações de trabalho, das relações de produção e das relações de consumo. Em termos gerais, é a mudança social e seus mecanismos que a induzem a preocupações quanto à dualização, exclusão e marginalização social e econômica, como efeitos ligados às transformações estruturais.

A depender dos efeitos sobre o componente econômico, reações poderão ser adotadas: emergência ou adaptação. Essas reações poderão provocar novas relações de trabalho, produção e consumo e ainda, impactos sociais que exijam reconstrução e mudanças nas relações sociais (TARDIF; HARRISON, 2005).

2.3.1.2 A dimensão Caráter Inovador

Na perspectiva do caráter inovador, Tardif e Harrison (2005) consideram que as inovações apresentam características inéditas ou inovadoras, dependendo de como emergem exigindo dos atores a implementação de novos arranjos institucionais e sociais. A inovação estaria, portanto, nas respostas fornecidas pelos atores à essas crises.

As soluções passam a ser chamadas de "novas", pois, elas também têm uma característica comum: são inovadoras, de acordo com as condições do ambiente em que emergem, exigindo a implementação de novos arranjos institucionais entre os atores e alcançar novas regulamentações sociais (TARDIF; HARRISON, 2005).

Essas novas soluções são postas como tentativas ou experimentos na fase inicial de sua implementação, através de novos programas ou novas políticas públicas que podem fomentar, apoiar ou restringir o surgimento dessas novas práticas sociais ou econômicas, fazendo com que, a longo prazo, as "experiências inovadoras", com desempenho social e econômico estabelecido, possam se institucionalizar. De maneira geral, todas estas inovações dariam origem a novos modelos de trabalho, desenvolvimento e governança.

A partir dessas percepções sobre as transformações socioeconômicas, surge um problema comum: vincular a inovação na esfera econômica e a inovação na esfera social, ou ver como essas duas esferas se articulam e influenciam-se mutuamente no contexto da crise das

instituições (governos e organizações em geral), da crise do emprego (do trabalho em geral) e da crise do vínculo social (TARDIF; HARRISON, 2005).

2.3.1.3 A dimensão Inovação

Da inovação, Tardif e Harrisson (2005) afirmam que para conciliar os diferentes níveis de interesse individual e coletivo a inovação social é tida como um processo iniciado por diferentes atores que buscam modificar seu ambiente para um contexto de interesse geral, coletivo e de cooperação mútua. As inovações, sejam elas técnicas, sociais, organizacionais ou institucionais, seriam, por sua natureza, locais e localizadas.

De fato, a inovação social seria vista como um processo localizado iniciado por diferentes atores buscando modificar as interações entre eles, por um lado, e seu ambiente organizacional e institucional, por outro, com o objetivo de neutralizar os efeitos das crises ao tentar conciliar os diferentes níveis de interesse individual, o interesse coletivo e o interesse geral (bem comum).

Os atores da inovação são múltiplos, no entanto, trata-se antes das condições de vincular diversos atores de diferentes setores e níveis durante o processo de inovação. Os processos de inovação incluem um conjunto de interações entre diferentes atores, o que o torna complexo e difícil analisar em sua totalidade (TARDIF; HARRISON, 2005).

2.3.1.4 A dimensão Atores

Dos atores, Tardif e Harrisson (2005) consideram que a inovação traz consigo uma aprendizagem coletiva entre os múltiplos atores envolvidos (associações, cooperativas, sociedade civil, sindicatos, comunidades, empresas e poder público).

Realmente, a ligação de vários atores envolvidos nos processos de inovação dá origem a novos atores "híbridos" (podendo ser intermediários ou comitês), bem como redes que realizam o projeto de inovação local. Essa perspectiva leva a uma "miscigenação" de identidades, valores e normas tradicionalmente apresentadas por atores enraizados em papéis e funções definidos e reconhecidos pelas diversas instituições da sociedade (TARDIF; HARRISON, 2005).

A miscigenação leva, então, ao aprendizado de novos comportamentos e ao desenvolvimento de novas regras e normas. O ideal, portanto, para processos de inovação, seria que todos os atores estratégicos participassem do processo (cooperação). Isso fará emergir as

negociações (negociação, consultas) e acordos formais e informais (parcerias) para permitir a "boa governança" dos projetos, com diferentes meios, coercitivos ou não, dependendo da situação e que vão desde a integração obrigatória até a participação voluntária (TARDIF; HARRISON, 2005).

A inovação coloca em perspectiva a participação e a mobilização de múltiplos atores. Nesse cenário, o papel e as condições da participação da sociedade civil organizada (movimentos sociais, sindicatos, bem como a comunidade, associações e cooperativas) no desenvolvimento e implementação de projetos inovadores, ao lado de outros atores institucionais e o setor privado, também emergem ao centro das observações (TARDIF; HARRISSON, 2005).

2.3.1.5 A dimensão Processos

Dos processos, Tardif e Harrisson (2005) avaliam os impactos de projetos no sentido de entender a complexidade e a dinâmica entre os atores verificando os modos de coordenação, os meios e as restrições identificadas. A avaliação dos processos, bem como os desdobramentos do projeto, torna-se uma ferramenta essencial e intrinsecamente ligada à inovação.

Ele entenderia e controlaria melhor algumas das restrições do processo de inovação, como a complexidade e a incerteza da dinâmica, a resistência dos atores e as tensões trazidas pela novidade, as exigências da formulação dos compromissos etc.

A avaliação também serviria para descobrir algumas das rigidezes institucionais que restringem os processos de inovação e sua difusão. Com isso, essa dimensão se desenvolve inteiramente no estudo dos processos e condições em formação de inovações e transformações sociais (CRISES, 2012).

É, ao mesmo tempo, um olhar a montante sobre o contexto e as condições de emergência da inovação social, uma visão transversal sobre os processos que envolvem a inovação (os atores, os modos de coordenação, os meios e as restrições) determinando finalmente, um olhar para o retrato dos experimentos, bem como a sua avaliação (TARDIF; HARRISSON, 2005).

2.3.2 Quadro analítico de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015)

O modelo utilizado pelas pesquisadoras Melanie Jaeger-Erben, Jana Rückert-John e Martina Schäfer, da Technische Universität Berlin (TU-Berlin), encontra-se em fase de revisão. O trabalho desenvolvido por Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) resultou numa tipologia de inovações para práticas sustentáveis de consumo, descrevendo sistematicamente o campo heterogêneo das inovações sociais para o consumo sustentável e desenvolver uma tipologia baseada em conhecimento teórico e observação empírica.

Além dos esperados insumos para as ciências da sustentabilidade, a tipologia permite uma formulação mais sistemática de medidas de apoio a diferentes tipos de inovações sociais para consumo sustentável não somente por parte de formuladores de políticas, mas também administrações locais, fundações, iniciativa pública e privada e sociedade civil (JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015).

A abordagem conceitual do estudo, foi embasada pela teoria da prática, que desloca o foco dos atores e das interações para as práticas sociais e a transição ou transformação das rotinas, descritas como performances que são facilitadas e, ao mesmo tempo, conectam pelo menos três elementos: 1) materiais, tecnologias ou ferramentas; 2) motivacionais e afetivos, carregados por significados sociais, valores e normas; e, 3) *know-how* e competências (JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015).

Os atores sociais são vistos como portadores de práticas sociais que são, por um lado, pré-estruturadas em suas ações por práticas sociais anteriores, mas, ao mesmo tempo, por outro lado, também são capazes de mudar as práticas sociais por meio da performance (JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015).

Embora as práticas sociais sejam rotinas, elas estão sendo continuamente alteradas e rearranjadas (RECKWITZ, 2002; BRAND, 2010; SHOVE; PANTZAR; WATSON 2012; JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015). Para Oliveira, Correia e Gomez (2018) o modelo de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) aponta alguns caminhos que as inovações sociais podem percorrer para contribuir com a promoção do consumo sustentável:

- a) Uma orientação para práticas de consumo comunitário ou ambientes sociais alternativos para o consumo com base nos princípios de cooperação, coesão e solidariedade;
- b) Ampliação das práticas de consumo individuais a partir do desenvolvimento de competências dos consumidores e/ou arranjos materiais por produtos alternativos; e,
- c) Cadeias de criação de valor e infraestruturas associados ao consumo compartilhado.

A tipologia do modelo de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) propõe identificar diferentes tipos de modos de práticas de consumo alternativas para descrever o processo de desenvolvimento e estabilização dos modos de consumo alternativos. Esses modos de consumo são voltados para o desafio das práticas estabelecidas, o que significa que as inovações são sempre formuladas como uma alternativa às práticas existentes ou à inexistência ou à falta de outras possibilidades de consumo.

As práticas do tipo *Do-It-Yourself* (faça-você-mesmo), por exemplo, não são novidade para a sociedade. (JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015). Nessa perspectiva, para se tornarem inovações sociais, as práticas inovadoras têm que ser mais do que apenas ideias ou experimentos, para isso, as infraestruturas, os materiais e os ambientes sociais devem ser implementados e os significados sociais alternativos sejam estabelecidos (JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015).

Para distinguir as inovações de rearranjos de longo prazo e pouco recorrentes e variações de práticas sociais, Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) focaram na relação de uma inovação com os problemas da sociedade como sendo criados por atores específicos ou agentes de mudança com a perspectiva de desenvolver alternativas, contudo, as transições podem ser intencionais, sem um resultado de escolhas, muito menos direcionadas e planejadas em termos de seus resultados.

Para Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015), os modos de consumo alternativo são voltados para o desafio das práticas estabelecidas, o que significa que as inovações são sempre formuladas como uma alternativa às práticas existentes ou à inexistência ou à falta de outras possibilidades de consumo.

Com base em quatro dimensões que foram identificadas como as principais categorias de diferenciação de inovação social (Quadro 4) e que serão explanadas ainda nessa seção, Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) sugerem ainda, cinco tipos diferentes de inovação como práticas alternativas de consumo baseadas em: 1) Consumo de empoderamento da comunidade; 2) Consumo de expansão de competência; 3) Recursos e consumo evitando desperdício; 4) Consumo comumente organizado; e, 5) Consumo orientado a serviços como mostra o Quadro 5.

Quadro 5: Práticas alternativas de consumo Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015).

	Ênfase em significados e valores (problemas inerentes às práticas sociais ou a todo o campo de prática)	Ênfase na falta de possibilidades de consumo (em termos de serviços, infraestruturas e produtos)
Práticas de consumo baseadas	Criação comunitária para o	Consumo organizado

na comunidade	consumo (jardins e hortas urbanas, agricultura familiar).	(compartilhamento de produto, cooperativas).
Práticas individuais de consumo	Expansão de competências (oficinas de formação continuada, cursos de reciclagem).	Consumo orientado para necessidades e serviços públicos (aluguel, economia solidária).
Práticas baseadas em produtos alternativos, cadeias de criação de valor e infraestruturas	Alternativas de consumo para evitar o desperdício (<i>upcycling</i> – técnicas de reaproveitamento).	

Fonte: Adaptado pelo autor a partir dos estudos de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015).

De acordo com o Quadro 5, fazendo um paralelo entre a concepção de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) e as práticas alternativas de consumo, teremos:

- 1) Consumo baseado na comunidade: A comunidade não é vista apenas como um meio de organizar o consumo de forma diferente, mas também pode ser vista como um valor em si. Esta é uma forma de resposta a uma ausência sentida de comunalidade e significados associados, tais como cooperação, coesão, autodeterminação, participação e solidariedade;
- 2) Práticas individuais de consumo: Podem ser vistas como uma solução potencial para uma imaturidade percebida ou incompetência dos consumidores nos sistemas convencionais de provisão. São promovidas práticas que dependem de habilidades específicas do próprio consumidor para produzir e processar um bem de consumo necessário;
- 3) Práticas baseadas em produtos alternativos, cadeias de criação de valor e infraestrutura: Enfatizam os bens de consumo que são desperdiçados e não são suficientemente valorizados nas práticas convencionais de produção e consumo. Esta solução está orientada para diferentes sistemas de fornecimento que podem, por exemplo, redefinir o desperdício como um recurso e transformá-lo em produtos novamente;
- 4) Ênfase em significados e valores: É baseado na formação da comunidade, principalmente em curto prazo e orientado para a satisfação das necessidades de consumo. A falta de possibilidades de uso mais eficiente de produtos é frequentemente o pano de fundo para aplicação de práticas para o consumo sustentável; e,
- 5) Ênfase na falta de possibilidade de consumo: Incluem formas alternativas de produção ou prestação de serviços que tentam responder diretamente às necessidades reais dos consumidores e evitar arranjos ineficientes, como a de possuir produtos raramente usados.

A tipologia tem como base, quatro dimensões centrais: 1) a inovatividade das práticas sociais alternativas, descrevendo o grau de mudança introduzido (novos significados, materiais, configurações, competências), em contraste com as rotinas estabelecidas; 2) o grau de comunalidade, por entender que as inovações sociais são sempre práticas compartilhadas ou coletivas; 3) o grau de envolvimento pessoal dos atores para implementação das práticas alternativas e para absorção nas rotinas cotidianas; e, 4) o grau de formalidade das inovações sociais (cooperativas, plataformas, iniciativas temporárias), associada a forma de estabilização (JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015; FRANÇA et al., 2018).

Na busca da compreensão das práticas sociais envolvidas nas inovações, as autoras propõem algumas categorias de observação e de roteiro para campo como mostra o Quadro 6, que serão discutidas e integradas mais à frente.

Quadro 6: Dimensões de análise da inovação social de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) e seus graus de impacto.

Dimensão	Grau de impacto		
	Alto	Médio	Baixo
Inovatividade: grau de mudança.	Estabelecimento de uma nova prática, incluindo uma nova rede de práticas de consumo e infraestruturas conectadas.	Novas configurações / condições de contexto para novas práticas ou novos elementos dentro das práticas existentes.	Alteração de elementos dentro de configurações existentes / condições de contexto e / ou práticas de consumo existentes.
Comunalidade: necessidade e grau de formação de grupos ou comunidades.	Formação de comunidades com alta relevância para a identidade pessoal com base em valores compartilhados.	Formação de grupos ou comunidades a curto prazo ou orientada.	Baixa ou nenhuma necessidade de formar grupos.
Engajamento pessoal: necessidade e grau de envolvimento e auto-organização dos consumidores.	Os consumidores organizam condições de contexto para consumo sustentável por si mesmos e estão envolvidos além consumo.	Os consumidores estão envolvidos além do consumo ativado por terceiros e acompanhados em seu envolvimento.	A atividade diz principalmente respeito ao consumo, como o uso de serviços ou produtos alternativos.
Formalidade: grau de formalidade das práticas alternativas.	Formação de empresas, cooperativas, associações, relações formais.	Fornecedores parcialmente profissionais, a prática é, no entanto, principalmente realizada informalmente.	As práticas são individualizadas e realizadas em um contexto formalizado, muitas vezes organizado por fornecedores profissionais.

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015).

Como discutido anteriormente, além das quatro dimensões básicas relevantes para a tipologia, alguns aspectos descritivos adicionais que são capazes de caracterizar os cinco tipos

de inovação de forma mais abrangente (como a necessidade de transformação de sistemas estabelecidos, quantidade de pré-requisitos e grau de difusão) são importantes.

Entre estes, o atual grau de difusão das práticas alternativas é particularmente relevante para a definição de medidas de apoio (JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015). Se existir um conjunto alternativo de práticas em um nicho, ele estará disponível apenas em determinados locais e/ou para alguns consumidores.

Se práticas inovadoras já estão acessíveis a um público mais amplo e menos vinculadas a lugares específicos, elas têm o status de alternativas às práticas estabelecidas ou convencionais, embora a adoção da alternativa possa estar ligada a custos extras ou investimentos (por exemplo, em termos de tempo, recursos ou aquisição de conhecimento) (JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015).

Para Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) diferente de outras abordagens sobre inovação social, uma definição ampla não normativa e orientada para o processo de inovação social, foi aplicada.

A inovação não foi usada como um termo para objetos, procedimentos ou tecnologias específicas que têm pretensão de novidade ou superioridade e são avaliados em termos de sucesso econômico, como muitas vezes pode ser observado nos campos da economia ou engenharia. Assim, para as autoras, a inovação deve ser vista como um fenômeno social, com foco no desenvolvimento e estabelecimento de práticas sociais alternativas (JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015).

Os artefatos são vistos como possíveis produtos, mas não pré-requisitos necessários da inovação como fenômeno social. O sucesso econômico é visto como um efeito possível, mas não necessário, da inovação. O termo “social” na inovação social não é definido normativamente, no sentido de que os fenômenos associados implicam necessariamente um benefício social, ao invés disso, “social” é definido em um sentido mais amplo como se referindo a fenômenos sociais e práticas sociais (JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015).

A normatividade, desempenha um papel crucial, uma vez que as inovações que promovam o consumo sustentável sejam o foco principal (JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015; MULGAN 2007; CAULIER-GRICE et al. 2012; MOULAERT et al. 2013).

As cinco práticas alternativas de consumo (Quadro 5) e as quatro dimensões de análise de inovação social (Quadro 6) formaram uma matriz “quadridimensional” e o pano de fundo para uma tipologia de inovações sociais para o consumo sustentável. Com base nessa

matriz, cinco tipos gerais de inovação social para o consumo sustentável podem ser formulados, dessa forma, o processo de agrupamento e designação revelou que alguns modos podem ser conectados a diferentes tipos de inovações sociais para consumo sustentável, enquanto outros modos só pareciam relevantes para um tipo de inovação (JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015).

Diante do exposto, optou-se pela análise do modelo de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015), considerando que as pesquisadoras destacam a noção de “intencionalidade” ou “reflexão” no processo de inovação, a fim de distinguir as inovações de rearranjos de longo prazo e pouco recorrentes e variações de práticas sociais, centrada na relação de uma inovação com os problemas da sociedade como sendo criados por atores específicos ou agentes de mudança com a perspectiva de desenvolver alternativas.

O modelo proposto ainda desloca o foco de atores e objetos específicos para processos de problematização, experimentação e reestabilização, o que pode ser uma abordagem mais generalizada para descrever e compreender o surgimento de inovações sociais para o consumo sustentável. A seguir, apresentaremos os conceitos das cinco dimensões propostas pelos autores.

2.3.2.1 A dimensão Inovatividade

Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) descrevem o grau de mudança introduzido pelos elementos da prática alternativa (novos significados, materiais, configurações, competências) em contraste com as rotinas estabelecidas, assim, o grau de diferença entre a prática estabelecida e alternativa foi relevante como obstáculos ou fatores de sucesso para uma implementação e estabilização.

2.3.2.2 A dimensão Comunalidade

Embora as práticas sociais sejam sempre formas compartilhadas ou coletivas de fazer as coisas, os contextos sociais, bem como a comunalidade, para Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015), elas podem desempenhar um papel mais ou menos crucial como um significado social ou facilitador do desempenho das práticas.

2.3.2.3 A dimensão Engajamento Pessoal

Segundo Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015), é necessário para implementar práticas alternativas e continuamente reproduzi-las nas rotinas cotidianas, tais como o investimento de recursos ou a mudança necessária de práticas cotidianas.

2.3.2.4 A dimensão Formalidade

Para Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) o grau de formalidade de práticas alternativas derivadas de sua forma de reestabilização em organizações formais (por exemplo, cooperativas, associações, empresas) ou em ambientes mais informais (por exemplo, plataformas, iniciativas temporárias) é crucial para a estabilidade das práticas alternativas se elas são mais ou menos formalizadas.

2.3.3 Quadro analítico desenvolvido para a pesquisa

Considerando a exposição dos quadros analíticos revisados por vários pesquisadores de suas respectivas áreas de estudo, tendo em vista a inovação social de Tardif e Harrisson (2005) e Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) buscando respostas de caráter político, social, econômico e estrutural para resultados de inovação social, apresentamos nesta seção, o quadro analítico a ser utilizado nesta pesquisa.

Tardif e Harrisson (2005) consideram que a inovação traz consigo uma aprendizagem coletiva entre os múltiplos atores envolvidos, o que leva a uma miscigenação de identidades, valores e normas tradicionalmente apresentadas por atores enraizados em papéis e funções definidos e reconhecidos pelas diversas instituições da sociedade.

Ao mesmo tempo em que Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) abordam os atores sociais como portadores de práticas sociais que são, por um lado, pré-estruturadas em suas ações por práticas sociais anteriores, mas, ao mesmo tempo, por outro lado, também são capazes de mudar as práticas sociais por meio da performance.

Contudo, não iremos tratar dos modos de práticas de consumo alternativas nesta pesquisa. Se a inovação social abordada por Tardif e Harrisson (2005) coloca em perspectiva a participação e a mobilização de múltiplos atores, tentaremos, através do quadro analítico desenvolvido para a pesquisa (Quadro 7), também, associar os processos identificados na dimensão Transformação, com a tipologia do modelo de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015), partindo do pressuposto, que as inovações são sempre formuladas como uma alternativa às práticas existentes ou à inexistência ou à falta de outras possibilidades de consumo.

É possível existir conexões entre as dimensões de análise da inovação social de cada grupo de pesquisadores, considerando semelhanças e características para esta pesquisa, contudo, inicialmente, utilizaremos as dimensões de Tardif e Harrisson (2005) e conseqüentemente, através de um processo indutivo, poderemos emergir para possíveis discussões em torno das dimensões de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) que sejam identificadas no aspecto dos processos, dessa forma, apresentaremos no Quadro 7, as variáveis de cada dimensão com novas definições que foram utilizadas na pesquisa.

O referido quadro, propõe novas perspectivas e dimensões, tendo em vista que a revisão da literatura não explorou pesquisas com dimensões direcionadas para o estudo deste contexto. Assim, esta pesquisa apresenta uma nova contribuição teórica para que o campo da inovação social explore o contexto específico de empreendimentos sociais que se valem dos instrumentos do *blockchain* para promover inovação social.

Quadro 7: Quadro analítico desenvolvido para a pesquisa.

OBJETIVOS DA PESQUISA			
	CARÁTER SOCIAL	INOVATIVIDADE SOCIAL	TRANSFORMAÇÃO
Aspecto voltado ao indivíduo no sentido da mudança	Considera os indivíduos, o território, empresas, instituições, intermediários e a relações de poder.	Considera os modelos de trabalho, a economia do conhecimento e a ação social.	Considera as recomposição ou reconstrução do vínculo social por meio da adoção de novas práticas.
	Atores ↑	Características Social ↑	Social ↑
Aspecto orientado sobre o ambiente	Considera o engajamento pessoal, as práticas alternativas, o bem-estar e o bem-comum e os resultados produzidos.	Considera a inovação (novidade) social, organizacional, institucional, o interesse coletivo, o bem-comum e escala, para melhoria do bem-estar social.	Considera os contextos que envolvem crise, ruptura e descontinuidade, tanto em escala macro quanto micro além dos aspectos econômicos.
	Demandas ↑	Inovação/Inovatividade ↑	Econômica ↑

Fonte: Elaborado pelo autor (2019) a partir do trabalho de Tardif e Harrisson (2005) e das considerações sobre os aspectos centrados no indivíduo e no ambiente de Cloutier (2003).

Analisaremos a inovação social como um processo integrado, estudando as dimensões propostas a partir dos estudos de Tardif e Harrisson (2005), considerando ainda, dois aspectos explorados por Cloutier (2003): 1) voltado para o indivíduo; e, 2) orientado sobre o ambiente. A inovação social baseia-se na capacidade dos indivíduos, representada por um processo de aprendizado para adquirir conhecimento, cooperar e criar formas de relações, pois,

a inovação social é uma alternativa de soluções e práticas, para resolver problemas sociais (CLOUTIER, 2003).

A participação dos indivíduos é, portanto, uma condição essencial para os princípios da inovação social, embora necessariamente não consigam realizar um papel em todas as partes de um processo, eles se desenvolvem e geram resultados a partir de suas redes de relacionamento com diversos parceiros institucionais (CLOUTIER, 2003). Daí a importância de considerar os aspectos propostos em suas respectivas características de contexto.

Esses indivíduos, através dos fenômenos de solidariedade que podem emergir dentro de um grupo, por exemplo, fortalecem progressivamente suas relações com facilitadores ou promotores de uma determinada inovação social. Já no aspecto do ambiente, as inovações sociais visam o desenvolvimento de um território específico para melhorar a qualidade de vida (CLOUTIER, 2003). Assim, destacamos esses aspectos no quadro analítico da pesquisa:

1) Voltada ao indivíduo no sentido da mudança: através de arranjos sociais, organizacionais ou institucionais, ou mesmo novos produtos ou serviços, com um objetivo social explícito, decorrente, de forma voluntária ou não, de uma ação iniciada por um indivíduo ou um grupo de indivíduos para responder a uma aspiração, atender a uma necessidade, fornecendo uma solução para um problema ou aproveitar uma oportunidade de ação para modificar as relações sociais, transformando um quadro de ação ou propondo novas orientações culturais (CLOUTIER, 2003).

2) Orientada sobre o ambiente: onde a comunidade não é vista apenas como um meio que se organiza de forma diferente, podendo ser vista como um valor em si. Esta é uma forma de resposta a uma ausência sentida de comunalidade e significados associados, tais como cooperação, coesão, autodeterminação, participação e solidariedade (CLOUTIER, 2003).

Quanto às dimensões, três foram apresentadas para que fizessem referência às seguintes especificações: o componente do caráter social abordando aspectos de atores e demandas, a inovatividade social abordando aspectos das características e da inovação e a transformação que aborda os aspectos das mudanças e dos processos, assim estruturados: 1) Caráter Social, com as variáveis atores e demandas; 2) Inovatividade Social, com as variáveis características social e inovação/inovatividade; e 3) Transformação, com as variáveis social e econômica.

A respeito da dimensão Caráter Social:

a) Interações estabelecidas, entre os atores e suas demandas, durante o processo de inovação, nos diferentes setores e em níveis variados. Os atores sociais

podem incluir sociedade civil, movimentos cooperativos ou associativos, sindicatos ou associações comunitárias, empresas, organizações coletivas e beneficiários/destinatários (*shareholders*) das organizações privadas e institucionais como o Estado;

- b) A identidade e as normas ou valores de cada ator, comitês, redes sociais de alianças ou de inovação, constituem os atores intermediários;
- c) E o engajamento pessoal relacionado à implementação de práticas alternativas para reproduzir nas rotinas, o investimento de recursos ou a mudança necessária de práticas cotidianas.

A respeito da dimensão da Inovatividade Social:

- a) Os modelos de trabalho e de desenvolvimento, assim como, a governança, tem foco nas inovações sociais caracterizadas por parcerias entre o poder público e outras instituições;
- b) Os experimentos e a regulamentação social estão relacionados à implementação de novos arranjos institucionais entre os atores e de novas formas de regulações sociais;
- c) O local, como bem é definido, diz respeito a localização de onde o processo de inovação social se inicia com diferentes atores, e está relacionado a busca por modificar as interações entre si (cooperação), com seu ambiente organizacional e institucional, com o objetivo de neutralizar os efeitos das crises, na tentativa de conciliar os diferentes níveis de interesses individuais e coletivos, para atingir o bem comum;
- d) A técnica relacionada a produtos ou tecnologia, que geram melhorias no bem-estar dos indivíduos;
- e) O social, que está associada às inovações sociais que mais tomam a forma de sociais, isto é, aquelas que são desenvolvidas por atores da sociedade civil e não promulgadas em uma organização, empresa ou pelo Estado;
- f) O organizacional, que também ocorre dentro das organizações, mas trazem melhorias especificamente para as necessidades dos funcionários;
- g) O bem comum e o interesse coletivo, estão relacionados a iniciativas que envolvem diferentes atores, integrantes de diversos setores, público ou privado, e que resulta em um modelo de desenvolvimento emergente, caracterizado por

iniciativas que contemplem interesses gerais (bem comum) e coletivos (de um conjunto de pessoas com interesses próprios);

- h) E a formalidade, relacionada ao grau de formalidade de práticas alternativas derivadas de sua forma de reestabilização em organizações formais ou informais.

A respeito da dimensão Transformação:

- a) Os contextos que envolvem crise, ruptura e descontinuidade, tanto em escala macro quanto micro, que obrigam os atores a repensar suas ações e a formular novas respostas econômica e social, que possam entrar em conflito ou contradizer situações anteriores;
- b) As estruturas econômicas locais, regionais e nacionais transformadas radicalmente por adaptação (ajustes), por novos caminhos (reconversão) ou pela criação de novas estruturas de produção (emergência);
- c) Modificação das relações de trabalho, produção e relações de consumo;
- d) Recomposição ou reconstrução do vínculo social por meio da adoção de novas práticas e da modificação das relações sociais (incluindo relações de gênero);
- e) As preocupações quanto à dualização, exclusão e marginalização social e econômica como efeitos ligados às transformações estruturais.

A integração das dimensões de diferentes aspectos e ambientes, permite a construção de um quadro analítico alinhado aos objetivos da pesquisa, nesse sentido, os estudos de Tardif e Harrison (2005), e ainda, o complemento de aspectos voltados ao indivíduo no sentido da mudança e orientado sobre o ambiente, dos estudos da inovação social de Cloutier (2003), reúnem diversas variáveis a serem utilizadas para identificar de que forma um empreendimento social se vale dos instrumentos do blockchain para promover inovação social.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do estudo empírico, a presente seção, descreve os procedimentos metodológicos traçados para alcançar os objetivos geral e específicos estabelecidos para a pesquisa. Além da apresentação de sua tipologia, apresenta-se, nesta seção, suas unidades de análise, os objetos e sujeitos da pesquisa, os instrumentos de coletas de dados, a aplicação da análise dos dados, e por fim, os critérios para a confiabilidade dos dados.

3.1 Tipologia

Esta pesquisa será de natureza qualitativa considerando a pluralização das esferas de vida, sua relevância para os estudos das relações sociais e ainda, por investigar a forma de como se estabelecem as relações entre o objeto de estudo e o contexto no qual ele está inserido (FLICK, 2009; GRAY, 2012). O processo de pesquisa envolve prioritariamente, a teoria e a realidade (ROESCH, 2015). De paradigma fenomenológico, a realidade é socialmente construída e esperamos não levantar fatos nem medir frequências de determinados padrões (ROESCH, 2015).

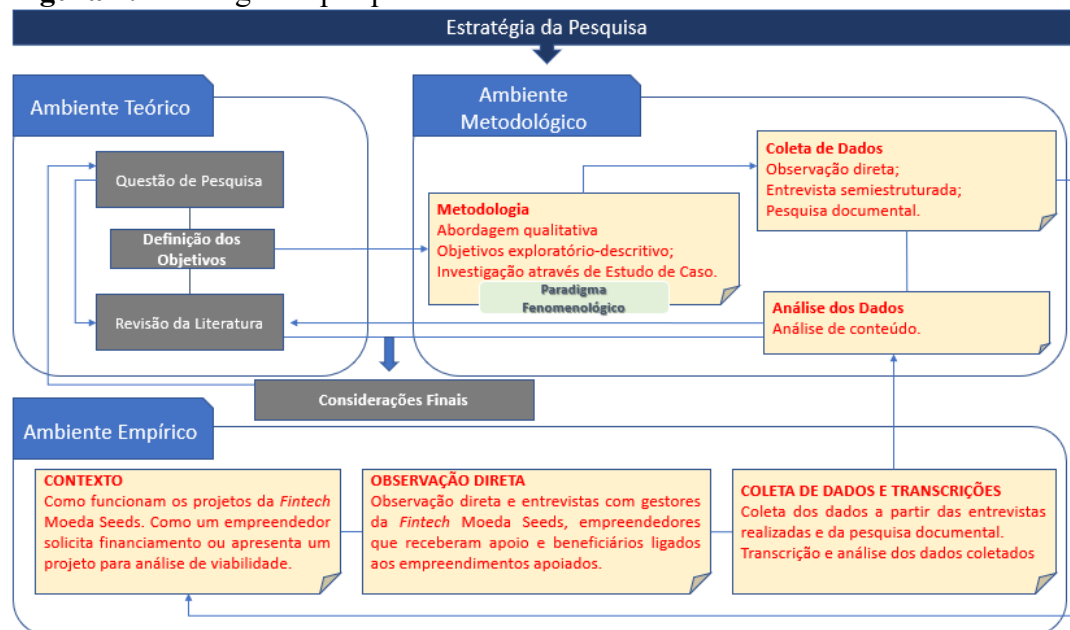
Pretende-se investigar as relações entre o objeto de estudo e o contexto no qual ele está inserido, e assim, abordar um fenômeno sobre o qual se conhece pouco para obter novas perspectivas sobre questões das quais não se sabe muito (CORBIN; STRAUSS, 1990). Uma etapa central a ser considerada, é a formulação das questões de pesquisa, pois através delas, constituímos os pontos para uma avaliação e apropriabilidade para as tomadas de decisão (FLICK, 2009).

Quanto aos fins a que se destina, os objetivos desta investigação classificam-se como uma pesquisa descritiva-exploratória por tentar descrever comportamentos dos fenômenos com objetivo de desenhar o quadro de uma situação, pessoa ou evento, a partir da coleta de dados pertinentes ao problema abordado, para dizer como é e como se manifesta o fenômeno estudado (COLLIS; HUSSEY, 2005; GRAY, 2012; SAMPIERE; COLLADO; LUCIO, 2013).

Nesse sentido, tendo em vista os objetivos da pesquisa, ela configura-se como exploratório e descritivo, pois, pretende-se identificar de que forma um empreendimento social se vale dos instrumentos do blockchain para promover inovação social, no caso, a *Fintech* Moeda Seeds localizada em Brasília-DF. Exploratória, por trabalhar em um tema ou problema de pesquisa pouco estudado e sobre o qual ainda se tem muitas dúvidas: o uso dos instrumentos

do blockchain para promover inovação social (SAMPIERE; COLLADO; LUCIO, 2013), e ainda, para conhecer as características de um fenômeno no intuito de explicar suas causas e consequências (RICHARDSON et al., 2012). É descritiva, por tentar descrever os fenômenos, por meio do relato das características do problema em questão (COLLIS; HUSSEY, 2005) de forma detalhada e objetiva (RICHARDSON et al., 2012). As etapas de pesquisa desta dissertação, perpassam pela estratégia apresentada na Figura 2.

Figura 2: Estratégia da pesquisa.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Quanto aos meios, a estratégia de pesquisa utilizada será o estudo de caso, que permite foco para que se identifique uma perspectiva holística e do mundo real. Uma leitura dos ciclos individuais da vida, do comportamento de grupos, mudanças e maturação social (YIN, 2015) de um objeto a ser estudado (STAKE, 2011). Nesse sentido, será realizado um estudo de caso único na *Fintech* Moeda Seeds. Os estudos de casos únicos justificam-se, entre outras situações, quando o caso em questão é revelador a respeito do fenômeno que está sendo estudado (YIN, 2015).

Quanto aos métodos específicos para a coleta de dados, utilizamos três técnicas: 1) a entrevista semiestruturada; 2) a observação direta; e, 3) a pesquisa documental, partindo da ideia de Yin (2010), onde o estudo de caso deve envolver múltiplas fontes de evidências. O uso de variadas técnicas, além de proporcionar maiores explicações para o problema da pesquisa, permitem a triangulação de dados, dessa forma, as descobertas do estudo de caso são apoiadas por mais de uma única fonte de evidência (YIN, 2015).

A triangulação dos dados ajuda e enriquece a compreensão do fenômeno, propiciando o surgimento de novas ou mais dimensões (CLARK; CRESWELL, 2008). Com essa convergência de evidências, a validade dos *constructos* do estudo de caso é reforçada, proporcionando essencialmente, avaliações diversas do mesmo fenômeno (YIN, 2015).

Dessa forma pretende-se entender os diferentes significados que os atores envolvidos em um projeto financiado pela Moeda Seeds atribuem a suas experiências, por isso, optou-se por esse caráter qualitativo, considerando um conjunto de técnicas interpretativas que procuram descrever, decodificar, traduzir e aprender os significados e não as frequências de um determinado fenômeno (COOPER; SCHINDLER, 2016) que serão detalhados a seguir.

3.2 Unidades de análise

O estudo de caso possibilita examinar um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto, seja ele único ou múltiplo (YIN, 2015; ROESCH, 2015). Podendo ser único ou de múltiplos casos, sua unidade de análise pode ser de um ou mais indivíduos, uma organização, um grupo, diferentes grupos em uma comunidade ou determinados indivíduos, independente do fato de que cada caso tenha uma unidade de análise distinta (ALVES-MAZZOTTI, GEWANDSZNAJDER, 1998; MORAES, 1999; ROESCH, 2015).

A pesquisa está direcionada para a identificação de um empreendimento social que se vale dos instrumentos do blockchain para promover inovação social, no caso, a *Fintech* Moeda Seeds localizada em Brasília-DF, que no seu portfólio, além de outros projetos e ações, têm um projeto em fase de aceleração e financiamento, o Projeto Artesanias, em parceria com a empresa de moda Catarina Mina localizada em Fortaleza-CE com atuação nacional e internacional, que será melhor detalhado na Seção 4.

Observando os projetos e ações realizados pela *Fintech* Moeda Seeds, percebeu-se três grupos distintos que atuam na cadeia dos processos do Projeto Artesanias. Assim sendo, a presente pesquisa tem como unidades de análise não somente a gestão da *Fintech* Moeda Seeds, mas também, os empreendedores que tiveram seus projetos selecionados para aceleração ou financiamento e os grupos de beneficiários que desenvolvem trabalhos nos empreendimentos selecionados.

A seguir, serão apresentados, os sujeitos da pesquisa, as técnicas de coleta dos dados e seus instrumentos, e a validação e confiabilidade dos dados qualitativos.

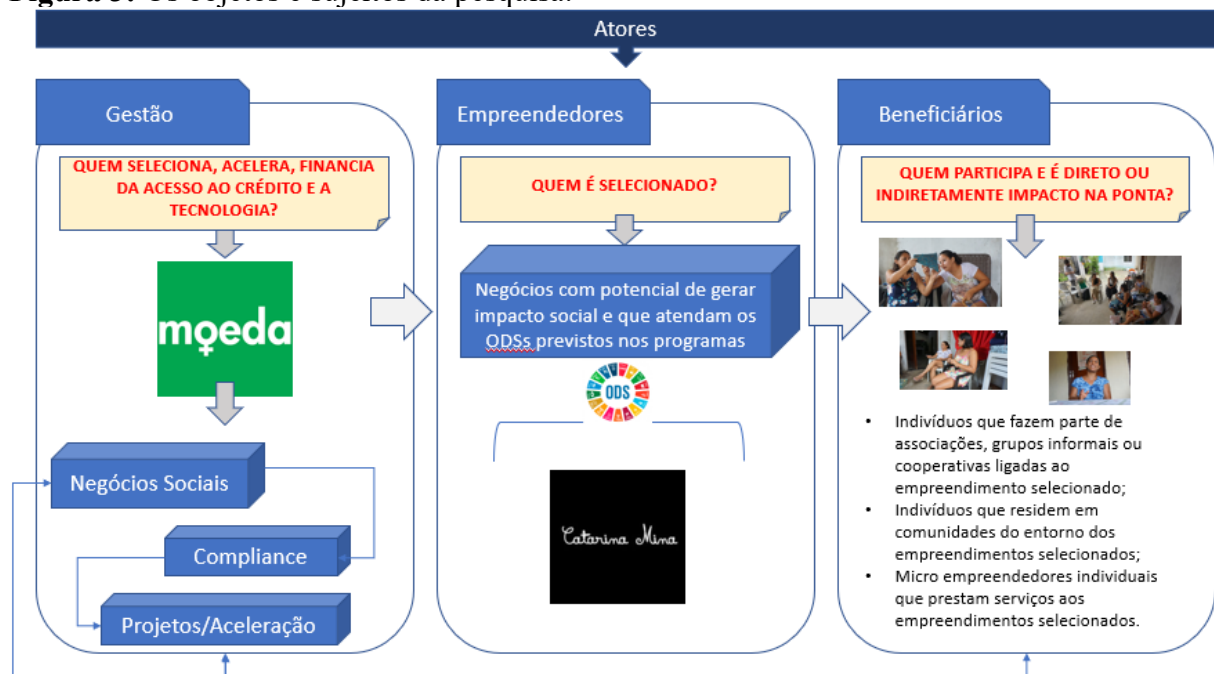
3.3 Sujeitos da pesquisa

Para Souza e Silva Filho (2014), os resultados da inovação social podem ser múltiplos, revelando-se na forma de novas instituições, novos movimentos sociais, novas práticas, ou diferentes estruturas de trabalho colaborativo.

A noção de inovação social, portanto, pode ser empregada para o desenvolvimento humano, tendo como estratégia, o desenvolvimento local e a emancipação, permitindo um ambiente para se explorar ações coletivas organizadas por indivíduos que buscam o bem-estar social e o fortalecimento local, nesse sentido, seu protagonismo se torna perceptível para construir mudanças sociais e sustentáveis (BUTKEVIČIENE, 2009; CAJAIBA-SANTANA, 2014; OLIVEIRA; SILVA, 2012).

Neste projeto, os sujeitos da pesquisa foram divididos em três grupos: 1) os gestores formalmente vinculados à direção, gerência ou programas especiais da *Fintech* Moeda Seeds (**gestores**); 2) os empreendedores que dirigem os Projetos selecionados pela Moeda Seeds e que atendam aos ODSs da ONU previsto em cada programa de aceleração, financiamento ou crédito (**empreendedores**); e, 3) os indivíduos que fazem parte de associações, grupos informais ou cooperativas, que residem em comunidades do entorno ou microempreendedores individuais que prestam serviços aos empreendimentos selecionados pela Moeda Seeds (**beneficiários**), de acordo com a Figura 3.

Figura 3: Os objetos e sujeitos da pesquisa.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Os Projetos são selecionados pela *Fintech* Moeda Seeds. O empreendedor interessado submete um projeto através da plataforma de projetos da Moeda Seeds (<https://moedaseeds.com/cooperated/>), ou em alguns casos, a própria *Fintech* explora potenciais negócios que tenham a capacidade de escala para gerar impactos sociais. Em ambos os casos, os empreendimentos devem atender as políticas de acesso ao financiamento, crédito ou aceleração, além dos ODSs previstos em cada chamada pública.

Quanto ao tamanho da amostra, consideramos para esta pesquisa, o critério do ponto de saturação de Thiry-Cherques (2009). O autor recomenda que o protocolo de pesquisas contemple um mínimo de oito observações e um máximo de quinze observações para que se atinja a saturação, quer dizer, o ponto em que as observações deixam de ser necessárias pois nenhum novo elemento permitiria ampliar o número de propriedades do objeto investigado, pois, o ponto de saturação pode ocorrer até a décima segunda entrevista.

Reforçando Thiry-Cherques (2009), os autores Guest, Buncem e Johnson (2006) defendem que as categorias centrais tendem a aparecer até a sexta entrevista.

O Quadro 8 apresenta os respectivos sujeitos que foram entrevistados composto por dois gestores, um empreendedor e cinco beneficiados.

Quadro 8: Sujeitos entrevistados.

Grupo	Entrevistado	Data	Local	Meio
Gestão (GG)	EG1 Sexo Feminino 30 anos	21/03/2019	Sede da <i>Fintech</i> Moeda Seeds em Brasília-DF	Através de pedidos de agenda para entrevista com gravação de áudio.
	EG2 Sexo Masculino 58 anos	21/03/2019		
Empreendedores (GE)	EE1 Sexo Feminino 36 anos	19/07/2019	Sede da Catarina Mina em Fortaleza-CE	Através de pedidos de agenda para entrevista com gravação de áudio.
Beneficiários (GB)	EB1 Sexo Feminino 59 anos	16/07/2019	Residência do entrevistado em Itaitinga-CE	Através da autorização do empreendedor para entrevista com gravação de áudio.
	EB2 Sexo Feminino 51 anos	22/07/2019	Sede da Catarina Mina em Fortaleza-CE	Através da autorização do empreendedor para entrevista com gravação de áudio.
	EB3 Sexo Feminino 46 anos	22/07/2019	Sede da Catarina Mina em Fortaleza-CE	Através da autorização do empreendedor para entrevista com gravação de áudio.
	EB4 Sexo Feminino 44 anos	24/07/2019	Residência do entrevistado em Itaitinga-CE	Através da autorização do empreendedor para entrevista com gravação de áudio.
	EB5 Sexo Feminino 20 anos	24/07/2019	Residência do entrevistado em Itaitinga-CE	Através da autorização do empreendedor para entrevista com gravação de áudio.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

3.4 Coletas de dados

Quanto aos métodos para o alcance dos objetivos deste estudo de caso, entre as múltiplas fontes de evidências sugeridas por Yin (2015), optamos por três técnicas: 1) a entrevista semiestruturada; 2) a observação direta; e, 3) a pesquisa documental.

A entrevista semiestruturada focada diretamente nos tópicos do estudo de caso para fornecer explicações, bem como visões pessoais (perceptível) dos entrevistados (YIN, 2015), e a observação direta assim como a pesquisa documental, como dados multifocais que permitem ao pesquisador a obtenção de informações além de palavras ditas pelo pesquisado (FLICK, 2009).

Nesse sentido, a coleta de dados foi realizada em três momentos por meio de visitas exploratórias, reuniões, observações e entrevistas: 1) no ambiente do grupo gestor no período de 18 a 22 de março de 2019 considerando ainda o período de 27 de maio a 02 de junho de 2019; 2) no ambiente do grupo empreendedor no período de 22 a 26 de abril de 2019 considerando ainda o período de 18 a 19 de julho de 2019; e, 3) no ambiente dos beneficiários em 29 de abril a 3 de maio de 2019 considerando ainda o período de 16 a 24 de julho de 2019.

A seguir, as subseções detalharão de forma específica cada técnica de coleta utilizada.

3.4.1 *Entrevista semiestruturada*

A entrevista teve como lente teórica o trabalho de Tardif e Harrisson (2005) sobre as dimensões da inovação social, com foco nos três objetivos específicos propostos, incluindo ainda, aspectos centrados no indivíduo e no ambiente de Cloutier (2003).

Contudo, conexões entre as dimensões de inovação social de cada grupo de pesquisador, podem emergir devido semelhanças e características nesta pesquisa, o que será mais bem observado nos resultados apresentados. Portanto, para esta pesquisa, foi construído um quadro analítico (Quadro 7) que propõe novas perspectivas e dimensões.

Para Cooper e Schindler (2016), a entrevista é técnica básica de coleta de dados, podendo ser aplicada individualmente em profundidade ou em grupo. A esta pesquisa, aplicou-se a técnica da entrevista semiestruturada, partindo de questões específicas e depois seguindo o curso de pensamento do participante (COOPER; SCHINDLER, 2016). A técnica aplicada, considerou a necessidade de entender os constructos que os entrevistados usam em suas

opiniões, desenvolvendo compreensão sobre o mundo qual o entrevistado está inserido (ROESCH, 2015).

Para Roesch (2015) o objetivo da entrevista é entender o significado que os entrevistados atribuem a questões e situações em contextos que não foram estruturados anteriormente a partir de suposições do pesquisador. Os pontos de vista dos entrevistados são expressos quando a entrevista tem um planejamento mais aberto, sem uma padronização com questionários fechados, espera-se que os entrevistados respondam de forma mais livre que desejarem (FLICK, 2009; FLICK, 2013).

A entrevista pode estar vinculada à três fatores: 1) de epistemológico, por permitir uma exploração da perspectiva dos atores sociais permitindo a compreensão das condutas sociais; 2) ético-política, por possibilitar a compreensão interna das questões enfrentadas pelos atores sociais; e, 3) metodológica, por serem ferramentas de informação de acesso à experiência dos atores (POUPART, 2014). Nesse sentido, a entrevista semiestruturada possibilitou que os entrevistados fossem fontes de informações, para comparar o conteúdo dos discursos e observar as perspectivas que os diferentes entrevistados possuem sobre o contexto.

Dessa forma, as abordagens dos diversos autores apresentados no Quadro 3, relacionadas ao bem-estar social, conceituada como uma nova prática social pelos atores que almejam satisfazer ou responder às necessidades e problemas da sociedade (TARDIF; HARRISSON, 2003; HOWALDT; KOPP; SCHWARZ, 2010; AGOSTINI et al., 2017; MEDEIROS et al., 2017; OEIJA et al., 2019), emergem no decorrer das entrevistas, atendendo portanto, as expectativas dos objetivos específicos da pesquisa.

A entrevista semiestruturada pode evidenciar a inovação social como um processo iniciado por diversos atores, para responder problemas sociais, e assim, oferecer soluções ou, através de rupturas, mudanças nas relações sociais para a melhoria da qualidade e das condições de vida da comunidade (TARDIF; HARRISSON, 2003; CRISES, 2012).

Todas as entrevistas foram gravadas para arquivamento com autorização das partes por meio de um Termo de Consentimento para Pesquisa Científica (Anexo 1). A importância de obter a colaboração do entrevistado é imprescindível, não apenas de acordo com a entrevista, mas, dizendo o que pensa de forma verdadeira e mais profunda o possível (POUPART, 2014).

3.4.1.1 Instrumentos de coleta de dados para as entrevistas

O instrumento de coleta de dados utilizado nas entrevistas foram roteiros semiestruturados. Foram criados três roteiros distintos: 1) roteiro de entrevista para gestores; 2)

roteiro de entrevista para empreendedor; e, 3) roteiro de entrevista para beneficiários. Todos os roteiros visavam identificar como se configuram os elementos caráter social, inovação social e transformação, com base nos estudos de Tardif e Harrison (2005) através do quadro conceitual desenvolvido para esta pesquisa (Quadro 7).

As perguntas semiestruturadas deram condições dos entrevistados estarem a vontade para expressar seu entendimento e de forma muito natural sem uma padronização ou rigidez, foi possível captar o sentimento e a forma como eles percebem o contexto que estão inseridos. Em uma única pergunta, pode-se absorver diversos parâmetros para análise do conteúdo e conseqüentemente dos resultados alcançados. O Quadro 9, apresenta as perguntas dos roteiros de entrevista por objetivo específico, direcionadas à cada grupo de sujeitos da pesquisa.

Quadro 9: Quadro geral do roteiro de entrevistas.

Objetivos específicos	Grupo	Perguntas
Identificar como se configura o elemento caráter social.	Gestores	Qual modelo de negócio da Moeda Seeds e quem são os principais atores que interagem com a Fintech? Quanto aos aspectos sociais, qual o papel da Moeda Seeds na promoção de consciência social em um ambiente capitalista, considerando os atores que ela atende? Quais as práticas alternativas que a Moeda Seeds considera para gerar mudança social? Como você compara as práticas sociais com as iniciativas de lucro ou sem fins lucrativos desenvolvidas pela Moeda Seeds?
	Empreendedores	Quem são os principais atores do seu modelo de negócio? Como é a relação da Catarina Mina com esses atores? Quais as práticas alternativas realizadas no contexto dos atores para gerar mudanças sociais?
	Beneficiários	Você faz parte de algum movimento social, cooperativa, é microempreendedor ou está vinculado à programas de Estado ou associações? Qual o seu papel na comunidade em que vive? Quais as principais mudanças que ocorreram antes e depois de você está participando do projeto?

Identificar como se configura o elemento inovatividade social.	Gestores	<p>Que tipo de negócios sociais foram desenvolvidos nas regiões onde a Moeda Seeds atua?</p> <p>Qual a finalidade das ações de inovação social desenvolvidas pela Moeda Seeds?</p> <p>Quais os produtos, as técnicas e as tecnologias utilizadas pela Moeda Seeds para criar bem-estar social?</p>
	Empreendedores	<p>Qual o modelo de negócio da Catarina Mina?</p> <p>Quais as técnicas, produtos ou serviços ofertados pela Catarina Mina que geram bem-estar social?</p>
	Beneficiários	<p>Como é a sua relação de trabalho com as demandas do projeto?</p> <p>Quais as técnicas que você utiliza para criar novidades, e o que você considera por inovação?</p>
Identificar como se configura o elemento transformação.	Gestores	<p>Como a Moeda Seeds descreve às mudanças que seus produtos ou serviços geraram no ambiente dos atores envolvidos?</p> <p>Quais as dinâmicas utilizadas para a mobilização e participação dos atores como protagonistas dos serviços ofertados pela Moeda Seeds?</p>
	Empreendedores	<p>Como a Catarina Mina lida com as complexidades e as incertezas do contexto dos atores envolvidos em seu negócio?</p> <p>De que forma a Catarina Mina gerencia os processos de aprendizagem e mobilização que focam no protagonismo dos atores e criam melhores perspectivas?</p>
	Beneficiários	<p>Quais os principais problemas que você superou no decorrer da sua relação com esse projeto?</p> <p>Qual o impacto de mudança que ocorreu na sua vida depois de iniciar os trabalhos no projeto?</p> <p>Como é feito o processo de ensinar e aprender na comunidade que atende o projeto?</p> <p>Como você se organiza, como é a mobilização para a interação de vocês com o projeto e o mercado?</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

3.4.2 Observação direta

Utilizou-se a observação direta para complementar a percepção da pesquisa voltada para eventos inesperados no ambiente estudado. A observação direta é uma abordagem flexível que permite ao observador relatar aspectos sutis de eventos e comportamentos conforme ocorram (COOPER; SCHINDLER, 2011).

Considerando que esta pesquisa está ancorada no contexto da inovação social, seus atores, suas práticas, lugares e fenômenos devem ser estudados, de preferência *in loco*, para que o pesquisador possa entender e se envolver com os significados e as prioridades dos envolvidos em seu contexto (KONSTANTATOS; SIATITSA; VAIYOU, 2013).

A observação direta proporciona uma compreensão do contexto dentro os quais as pessoas interagem (PATTON, 2002), envolvendo registros do comportamento humano e estados subjetivos de acontecimentos, observando o realismo da situação (GÜNTHER, 2006) para se familiarizar com o ambiente (SHAH, 2006).

O pesquisador esteve fisicamente presente (COOPER; SCHINDLER, 2011) nos três ambientes identificados no processo da coleta dos dados, dessa forma, para registrar o contexto geral dos atores, foi utilizado como diário de campo, uma plataforma digital (Anexo 2) para inserir relatos do que era observado e considerado pertinente à questão do estudo incluindo o registro de imagens (Anexo 3).

Nesse sentido, em diversas visitas feitas às instalações da *Fintech* Moeda Seeds, da Catarina Mina e das residências e locais de encontro dos beneficiários dos projetos, foi possível observar o funcionamento de suas atividades e a dinâmica das relações entre os atores, permitindo visualizar como os indivíduos atuavam no contexto.

Percebeu-se ainda, a cadeia de valor social da parceria Moeda Seeds e Catarina Mina, a interlocução de interesses, e a forma de como eles enxergam os beneficiários da parceria (artesãs) e aspectos gerais do cotidiano dos envolvidos, que, direta ou indiretamente, se relacionassem com os objetivos da pesquisa. Para Yin (2015) essas observações estão no protocolo do estudo de caso, e o pesquisador pôde investigar ocorrências de determinados comportamentos no período que esteve em campo.

A observação direta foi importante para a construção do aspecto orientado sobre o ambiente proposto no quadro analítico desenvolvido para a pesquisa (Quadro 7). Nessa perspectiva, a comunidade não é vista apenas como um meio que se organiza de forma diferente, ela é vista como um valor em si, e assim, podemos encontrar evidências para ausência de

comunalidade e significados associados, tais como cooperação, coesão, autodeterminação, participação e solidariedade.

Utilizou-se um diário de campo por meio de uma plataforma digital (Anexo 2) para efetuar os registros dos momentos em que a pesquisador esteve nos três ambientes identificados na coleta dos dados. Registros foram realizadas no decorrer de vinte e um dias, durante o período em que o pesquisador se encontrava nas instalações da *Fintech* Moeda Seeds, da Catarina Mina e dos beneficiários, sendo revisitadas e complementadas com maiores detalhes após cada evento.

3.4.3 Pesquisa documental

A informação documental é relevante para todos os tópicos do estudo de caso, corroborando com o aumento de evidências e outras fontes, refletindo uma comunicação entre outros grupos para tentar atingir outros objetivos (YIN, 2015). A busca por outros objetivos no contexto da pesquisa documental, cria menor probabilidade de desorientação com a evidência, dando condições para criticar corretamente a interpretação do seu conteúdo (YIN, 2015).

Para Creswell (2010) a pesquisa documental é vista como documentos qualitativos, sejam eles públicos (jornais, minutas de reuniões, relatórios, papers, material de divulgação) ou privados (diários, cartas, e-mails). Documentos, na visão de Wolf (2004), são artefatos padronizados como notas, relatórios de caso, contratos, rascunhos, certidões de óbito, anotações, diários, cartas ou pareceres de especialistas.

Para Prior (2003) os documentos são termos de campos, estruturas e de redes de ação, não sendo necessariamente artefatos estáveis, dependem da forma de como estão integrados. Dessa forma, podemos considerar ainda, quatro critérios abordados por Scott (1990) para definir a qualidade de um documento utilizado em uma pesquisa: 1) sua autenticidade; 2) credibilidade; 3) representatividade; e, 4) significação. Os documentos representam, portanto, uma versão específica de realidades construídas para objetivos específicos vistos como forma de contextualização da informação (FLICK, 2009).

Para tanto, esta pesquisa obteve acesso à documentos públicos da *Fintech* Moeda Seeds, como apresentações institucionais à parceiros e ao mercado, informações da base de dados do blockchain que estão abertos para investidores e interessados em conhecer os projetos da *Fintech*, papers com modelos de framework organizacional, documentos desenvolvidos por consultorias externas sobre o modelo de negócio e de como o seu ecossistema funciona além

de artigos publicados e compartilhados em plataformas de relevância para o ambiente de negócio que essa *Fintech* está inserida.

3.5 Análise dos dados

A análise dos resultados será apresentada de acordo com as dimensões de inovação social destacadas no quadro analítico desenvolvido para a pesquisa (Quadro 7) baseado nas dimensões de inovação social de Tardif e Harrisson (2005), assim, para cada uma das dimensões, procuramos destacar os aspectos mais relevantes das unidades estudadas.

Essa é uma pesquisa qualitativa, portanto, a análise dos dados ocorreu durante todo o processo de coleta (CRESWELL, 2010). Para dar maior agilidade e segurança, a análise dos dados foi auxiliada por sistemas de codificação computadorizada, para facilitar, agilizar e validar as análises do material coletado, e, para ter uma visão mais estruturada dos resultados (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011).

A análise dos dados, foi realizada através de métodos de análise de conteúdo, por constituir uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos, ajudando a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum (BARDIN, 2016; MORAES, 1999).

Optou-se por realizar a análise de acordo com três etapas propostas por Bardin (2016):

1) Pré-análise: etapa em que se organiza o material a ser analisado, sistematizando as ideias iniciais;

2) Exploração do material: fase da descrição analítica, na qual o material textual coletado é submetido a um estudo aprofundado, orientado pelos pressupostos e referenciais teóricos, para definir como os documentos escolhidos serão codificados, classificados e categorizados; e,

3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação: transformação dos dados brutos do texto, efetuada por meio de recorte, agregação e enumeração, permitindo atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão.

Dessa forma, dentre as categorias e subcategorias de análise para atingir os objetivos específicos propostos, considerou-se três dimensões expostas no quadro de análise desta pesquisa (Quadro 7), sendo: 1) Caráter Social, com duas subcategorias; 2) Inovação Social, com duas subcategorias; e, 3) Transformações, com duas subcategorias de acordo com

o Quadro 10. Para atender os resultados esperados, cada categoria de análise correspondente aos objetivos específicos da pesquisa.

Quadro 10: Categorias e subcategorias de análise.

	Categorias (Dimensões)	Subcategorias (Aspectos)	Ambiente
Objetivos da Pesquisa	Caráter Social	Atores	Os indivíduos, o território, empresas, instituições, intermediários e a relação de poder.
		Demandas	O engajamento pessoal, as práticas alternativas, o bem-estar e o bem-comum e os resultados produzidos.
	Inovatividade Social	Características Social	Os modelos de trabalho, a economia do conhecimento e a ação social.
		Inovação/Inovatividade	Social, organizacional, institucional, o interesse coletivo, o bem-comum e escala, para melhoria do bem-estar social.
	Transformação	Social	As recomposição ou reconstrução do vínculo social por meio da adoção de novas práticas.
		Econômica	Os contextos que envolvem crise, ruptura e descontinuidade, tanto em escala macro quanto micro, além dos aspectos econômicos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Considerando as fases de análise propostas por Bardin (2016), primeiramente, as ideias iniciais foram sistematizadas para se tornar operacionais num plano de análise, com a escolha dos documentos, a formulação de hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores para interpretação final. Nesse primeiro momento, utilizou-se o software Atlas.TI 7.5.4. A segunda fase consistiu em operações de codificação e decomposição, com análise dos diversos dados. E por fim, a realização das interpretações e dos resultados.

A categorização dos dados coletados nesta pesquisa, foram realizadas com o auxílio do software Atlas.ti versão 7.5.4, permitindo a estruturação e conexão das categorias e subcategorias de análises. A utilização de softwares, nesse sentido, não anula a atuação ativa do pesquisador na adoção de um método de análise coerente e transparente ao tema e à condução

epistemológica, ela servirá para facilitar a análise e a interpretação dos dados (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011).

A análise das entrevistas, da observação no campo realizada pelo pesquisador e da pesquisa documental, foi desenvolvida por meio da classificação dos textos em categorias, para auxiliar na compreensão do que estava por trás dos discursos (SILVA; FOSSÁ, 2013), obtendo inferências confiáveis para o problema da pesquisa, evidenciando não somente o texto, mas, sobretudo, a forma como a palavra é empregada (MARTINS, 2007).

Por fim, a triangulação dos dados, que segundo Yin (2015), é essencial aos estudos de caso, e foi realizada por meio da confrontação entre as informações fornecidas nas entrevistas com diversos envolvidos no caso estudado, assim como dos dados da observação direta e da análise documental.

No tocante a validação e confiabilidade dos dados qualitativos, três critérios foram considerados a partir de Laperrière (2014): 1) a validade interna; 2) a validade externa; e, 3) a confiabilidade, sendo: 1) a garantia da exatidão e da pertinência da ligação entre as interpretações e as observações; 2) o estabelecimento da utilidade geral dos resultados; e, 3) a aplicabilidade das análises no tempo e no espaço.

Quanto a validade interna, durante todo o processo de pesquisa, a perspectiva particular do pesquisador e dos sujeitos foram consideradas. Todo o processo foi tratado com abordagens discretas para construir variações entre a escuta crítica e empática dos sujeitos (LAPERRIÈRE, 2014). Este critério foi alcançado a partir do momento em que o pesquisador utilizou técnicas variadas de coleta de dados buscando conhecer o contexto pesquisado e a triangulação de dados na análise.

Quanto a validade externa, consideramos a especificação das características do contexto e dos procedimentos de pesquisa, tendo em vista a diversificação dos locais pela amostra teórica, assim como a profundidade da análise dos processos sociais por meio de uma amostragem teórica diversificada possibilitando a generalização dos resultados (LAPERRIÈRE, 2014). Este critério foi alcançado a partir do momento em que foi utilizada a proposta teórica aplicada em diversos autores.

Quanto ao terceiro e último critério, da confiabilidade, consideramos sua reprodutibilidade, tendo em vista suas categorias analíticas e a triangulação, possibilitando sua reprodução e avaliação das análises por outros pesquisadores, através da explicação das estratégias de coleta e análise (LAPERRIÈRE, 2014). Este critério foi alcançado a partir do momento em que a pesquisa descreve detalhadamente a coleta e análise dos dados possibilitando a reprodução da pesquisa em outros espaços.

4 A FINTECH MOEDA SEEDS

A Moeda Seeds é um ecossistema de empresas (Anexo 4) que trabalha pela inclusão financeira e igualdade de gênero gerando oportunidades por meio dos Programas de Nano e Microcrédito Orientado incentivando práticas sustentáveis de longo prazo para promover crescimento e desenvolvimento de comunidades.

De qualquer lugar do mundo, com segurança e transparência, proporcionada pela utilização de tecnologias como o *blockchain*, através da plataforma Moeda Seeds (Anexo 5), é possível apoiar empreendimentos e projetos selecionados com potencial de desenvolvimento sustentável e transformação social. Os empreendimentos são em sua maioria cooperativas da agricultura familiar, associações, micro, pequenas e médias empresas, agroindústrias e autônomos em áreas rurais e de periferia.

A Moeda Seeds remove três barreiras fundamentais que impedem efetiva alocação de recursos para financiamento público e privado de fomento ao desenvolvimento sustentável, são elas:

1) Transparência insuficiente: investidores têm pouca visão em investimentos sustentáveis, isto torna arriscado gerenciar um grande portfólio porque não há meios de acompanhar onde o dinheiro está sendo direcionado;

2) Acesso Insuficiente ao Capital: tomadores de empréstimo em áreas rurais e de periferia têm poucas oportunidades de acesso ao crédito com taxas diferenciadas e orientação para otimização da aplicação de recursos; e,

3) Parcialidade nos Investimentos: estatísticas mostram que investidores são parciais em relação ao gênero, tendo menor interesse em projetos liderados por mulheres apesar de historicamente haver maior taxa de sucesso e de devolução de investimento nos projetos liderados por mulheres.

Para a Chief Executive Officer da Moeda, Taynah Reis o acesso ao sistema financeiro é o maior limitante para criar, operar e expandir negócios. A *Fintech* Moeda Seeds foi lançada em um *hackathon* das Nações Unidas com o propósito de abordar os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU no ano de 2017.

A Moeda Seeds realiza a seleção de “Projetos Semente” para facilitar o acesso a financiamento aos empreendedores com projetos de impacto que têm acesso dificultado ao crédito pelo sistema bancário tradicional. A Moeda Seeds tem a expectativa de que esses empreendimentos possam crescer e trazer desenvolvimento às suas comunidades.

Por meio da tecnologia *blockchain*, utilizando *tokens* (dispositivo eletrônico gerador de senhas) digitais, pessoas do mundo todo podem investir com agilidade e transparência nos empreendimentos, participando do crescimento sustentável (Anexo 6).

A missão da Moeda Seeds busca promover uma economia mais justa e de impacto, ligando investidores diretamente a empreendedores de impacto e promovendo os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Por um lado, espera-se reduzir obstáculos burocráticos e facilitar o financiamento com taxas mais realistas com melhores condições a empreendedores que têm dificuldades de acesso a serviços bancários tradicionais.

Os empreendimentos selecionados pela Moeda Seeds, recebem apoio de áreas técnicas, de negócios e de sustentabilidade através do Programa Moeda Semente. Por outro lado, ela adota o conceito de transparência do *blockchain* para que investidores de todo o mundo invistam diretamente nos Projetos Semente com a agilidade dos *tokens* digitais, numa nova relação de confiança em que pessoas investem em pessoas.

A Moeda Seeds se inspirou na ideia de que a tecnologia *blockchain* (Anexo 5) traz mais confiança, eficiência, transparência e acesso a financiamento para aqueles que não têm meios de adquiri-lo no sistema tradicional. A Moeda oferece transparência tanto para os investidores quanto aos beneficiários.

Os investidores podem acompanhar o fluxo de capital bem como o progresso de todos os projetos financiados pela plataforma Moeda Seeds na internet (www.moedaseeds.com), por um app móvel Moeda Seeds App para Android ou, em breve, através do Iphone IOS. A plataforma da Moeda também permite que todos os empreendedores tenham sua própria identidade digital, capacitando-os, muitas vezes pela primeira vez, com os meios para realizar registros financeiros viáveis e adquirir o crédito necessário para impulsionar seus negócios e apoiar sua comunidade.

A Moeda Seeds tem expertise na modelagem e execução de *softwares* de salas de situação, sistema de autoria própria, aplicativo para gestão de negócios por indicadores georreferenciados para grandes empresas e governos, compreendendo: gerenciamento, monitoramento, controle, parametrização, modelagem de dados, e geração de relatórios dinâmicos utilizando Google Earth e Maps API, Java, JSP, Ajax, DOM, CSS, WebServices, UML, e MySql.

A Moeda Seeds também faz análise de viabilidade econômica de projetos na área de tecnologia e engenharia tecnológica, desenvolvimento de softwares gerenciais, coordenação da parte tecnológica de projetos para cooperações internacionais em implantação de programas governamentais, fornecendo consultoria, treinamentos e adaptação de soluções desenvolvidas

no Brasil e poio na operação da solução e nos serviços implementados, com intuito de sedimentar a transferência do conhecimento.

A *Fintech* tem sedes no Brasil, Uruguai, Estados Unidos, China e Suíça. A partir de 2020, a Moeda começa a expansão para outros países da América Latina. O uso da tecnologia *blockchain*, garante a transparência de todos os processos. Além disso, os tokens digitais proprietários permitem que investidores do mundo todo apoiem os projetos.

Todo o trabalho da Moeda é baseado em 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (Anexo 6) para mensurar as conquistas de cada projeto e de informar esse progresso ao público. Através da conjugação de capacitação local e inovação tecnológica, a Moeda visa criar um ecossistema mais sustentável para investimentos de impacto.

A meta da Moeda Seeds é fornecer um sistema de empréstimo acessível focado em comunidades de nenhum ou baixo acesso ao crédito, dando prioridade e protagonismo às mulheres, para proporcionar uma identidade digital multifuncional que fortaleça as oportunidades empreendedoras e econômicas para construir credibilidade e reputação utilizando uma arquitetura modular híbrida (Anexo 7) em seu ecossistema.

4.1 O Projeto Artesanias: uma parceria Moeda Seeds e Catarina Mina

O Projeto Artesanias (Anexo 8) busca apoiar artesãs que atuam nos negócios sociais da empresa Catarina Mina em regiões do Estado do Ceará. A iniciativa da parceria Catarina Mina com a *Fintech* Moeda Seeds, visa organizar a produção em escala com a participação de consultorias de designers e assistência técnica para amadurecimento de práticas sustentáveis, além do desenvolvimento de planos de negócios e projeção de abertura de novos mercados.

O projeto prevê o acesso ao crédito com taxas diferenciadas do mercado tradicional através de contas digitais baseadas em *blockchain*. A meta, é que as artesãs conquistem crédito, obtenham autonomia financeira e desenvolvam a economia local. No interior do Ceará, grupos de artesãs usam métodos tradicionais para criar moda e complementar o orçamento.

O Projeto Artesanias, está mapeando as diferentes tipologias artesanais e ajudando as artesãs a se organizarem de modo a ampliar os resultados de seu trabalho, além de transmitir esse conhecimento valioso a novos grupos.

O objetivo é oferecer assessoria técnica para a formalização desses grupos, realizar momentos de trocas de saberes com designers a fim de preparar as peças para o mercado internacional, tudo o que for necessário para inserir essas mulheres no contexto da economia criativa. Esses processos serão implementados em ciclos a serem monitorados e incrementados

com os aprendizados, permitindo que as artesãs assumam a autonomia por suas criações e consigam ampliar seus mercados. O primeiro ciclo trouxe uma coleção de moda assinada por Catarina Mina, Moeda Seeds e as artesãs do Projeto, e será disponibilizada a compradores do mundo todo por meio do primeiro *MarketPlace* em *Blockchain* para moda.

A produção dos produtos do Projeto Artesanias acontece em 3 polos principais (Anexo 9): Fortaleza, a capital do Ceará, Itaitinga, a 40km da capital, e no distrito de Aracatiaçu, no município de Sobral, no norte do Estado. Apesar disso, sabemos que o artesanato é uma atividade com dimensões histórica, econômica, social, cultural e ambiental, que possui elevado potencial de ocupação e geração de renda e até mesmo estratégica no crescimento econômico de certas localidades.

O trabalho da Catarina Mina com artesãs, somada as possibilidades tecnológicas da parceria com a Moeda Seeds, busca possibilitar meios inovadores no modo de consumo do artesanato. O *blockchain* poderá garantir a rastreabilidade da cadeia da moda de forma que o consumidor poderá também se conectar diretamente a artesã.

O número de artesãs envolvidas com a Catarina Mina cresceu em menos de dois anos. Nesse período, também foram identificados relatos de mulheres que viviam em situação de violência doméstica, áreas de risco, mas não podiam sair de casa pela dependência financeira do marido.

A empresa já trabalha em projetos com artesãs há mais de 10 anos, nesse momento, em parceria com a Moeda Seeds, para implementação do *blockchain*, pretende dar um novo passo na luta pela valorização das artesãs e o trabalho manual. Incentivando a independência e o senso de empreendedorismo, com a criação de contas digitais e a implementação da cadeia *blockchain* que irá inovar e revolucionar o consumo do artesanato.

A Catarina Mina está presente no Reino Unido, Estados Unidos e França, além de participar de feiras da moda em Berlim, Paris e Nova Iorque. Durante alguns anos, a Catarina Mina fez *private label* para marcas como Água de Coco, Osklen, Le Lis Blanc, Daslu, Maria Garcia, Maria Filó e Lita Mortari.

Em 2014, resolveu abrir os custos de produção, chamando o consumidor para uma conversa sincera, incluindo designers e artesãos, para que pudesse entender mais do mundo da moda. Por essas e outras, Catarina Mina, foi agraciada com o prêmio Vogue Brasil/Ecoera em 2015 e, com o Brasil Criativo da 3M em 2016.

5 COMO SE CONFIGURAM OS ELEMENTOS DAS DIMENSÕES DE INOVAÇÃO SOCIAL NO CASO ESTUDADO

Tendo em vista os quadros analíticos revisados por vários pesquisadores de suas respectivas áreas de estudo sobre inovação social, Tardif e Harrisson (2005) e Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015), como mencionado em seções anteriores, é possível existir conexões entre as dimensões de análise da inovação social de cada grupo de pesquisadores, considerando semelhanças e características para esta pesquisa.

Contudo, utilizaremos as dimensões de Tardif e Harrisson (2005) e conseqüentemente, através de um processo indutivo, poderemos emergir para possíveis discussões em torno das dimensões de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) na análise dos resultados. A inovação social foi analisada como um processo integrado, estudando as dimensões propostas a partir do quadro analítico desenvolvido para pesquisa (Quadro 7) sob dois aspectos trabalhados por Cloutier (2003): voltada para o indivíduo e orientada sobre o ambiente.

Voltada ao indivíduo no sentido da mudança através de arranjos sociais, organizacionais ou institucionais, ou mesmo novos produtos ou serviços, com um objetivo social explícito, decorrente, de forma voluntária ou não, de uma ação iniciada por um indivíduo ou um grupo de indivíduos para responder a uma aspiração, atender a uma necessidade, fornecendo uma solução para um problema ou aproveitar uma oportunidade de ação para modificar as relações sociais, transformando um quadro de ação ou propondo novas orientações culturais (CLOUTIER, 2003).

E orientada sobre o ambiente onde a comunidade não é vista apenas como um meio que se organiza de forma diferente, podendo ser vista como um valor em si. Esta é uma forma de resposta a uma ausência sentida de comunalidade e significados associados, tais como cooperação, coesão, autodeterminação, participação e solidariedade (CLOUTIER, 2003).

Esses aspectos voltado para o indivíduo e orientado para o ambiente, reforça, portanto, a participação dos indivíduos como uma condição essencial para os princípios da inovação social, embora necessariamente não consigam realizar um papel em todas as partes de um processo, eles se desenvolvem e geram resultados a partir de suas redes de relacionamento com diversos parceiros institucionais.

Quanto às dimensões, três foram apresentadas para que fizessem referência às seguintes especificações: o componente do caráter social abordando aspectos de atores e demandas, a inovatividade social abordando aspectos de características e inovação, e a

transformação, que aborda os aspectos das mudanças e dos processos, assim estruturados: 1) Caráter Social, com as variáveis atores e demandas; 2) Inovatividade Social, com as variáveis características e inovação; e 3) Transformação, com as variáveis social e econômica.

As informações extraídas dos dados coletados foram submetidas a uma análise baseada no referencial teórico, na codificação e categorização, interpretando cada um dos três objetivos específicos propostos referente às categorias de análise de cada dimensão, de acordo com o Quadro 7. A seguir, será apresentado como se configuram os elementos das dimensões caráter social, inovação social e transformação, e por fim, a análise dos resultados obtidos.

5.1 Configuração dos elementos da dimensão Caráter Social

A dimensão Caráter Social está relacionada às interações estabelecidas, entre os atores e suas demandas, durante o processo de inovação, nos diferentes setores e em níveis variados. Os atores sociais podem incluir a sociedade civil, movimentos cooperativos ou associativos, sindicatos ou associações comunitárias, empresas, organizações coletivas e beneficiários/destinatários (*shareholders*) das organizações privadas e institucionais públicas (TARDIF; HARRISSON, 2005).

A identidade, as normas, os valores, os comitês e as redes sociais de alianças ou de inovação, constituem os atores intermediários. Ainda na dimensão Caráter Social, o engajamento pessoal relacionado à implementação de práticas alternativas para reproduzir nas rotinas, o investimento de recursos ou a mudança necessária de práticas cotidianas, também é considerado (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Essa dimensão contempla variáveis dos estudos de Tardif e Harrisson (2005) adaptadas para esta pesquisa através de um quadro analítico que propõe novas perspectivas e dimensões para que o campo da inovação social explore o contexto específico de empreendimentos que se valem dos instrumentos de blockchain para promover inovação social, conforme detalhado no Quadro 7. Obteve-se a prevalência de duas variáveis que englobam aspectos diversos apontados por Tardif e Harrisson (2005):

1. Atores (sociais, organizações, instituições, intermediários e as relações de poder);
2. Demandas (engajamento pessoal, práticas alternativas, bem-estar de indivíduos, bem-comum, desenvolvimento local e os resultados produzidos).

Para Tardif e Harrisson (2005), a inovação coloca em perspectiva a participação e a mobilização de múltiplos atores. Nesse cenário, o papel e as condições da participação da

sociedade civil organizada no desenvolvimento e implementação de projetos inovadores, ao lado de outros atores institucionais e o setor privado, também emergem ao centro das observações. A análise dessa dimensão procura entender como as relações entre os atores contribuem para a miscigenação de identidades, valores e normas que, por sua vez, leva à aprendizagem coletiva (TARDIF; HARRISSON, 2005).

5.1.1 Atores

As inovações sociais promovem o bem-estar dos indivíduos e das comunidades, sendo caracterizado por um processo de implementação que envolva a cooperação entre uma variedade de atores e com o objetivo de se alcançar, a longo prazo, uma mudança social, podendo contribuir para o surgimento de um novo modelo de desenvolvimento (CLOUTIER, 2003; TARDIF; HARRISSON, 2005; CRISES, 2012).

Os resultados da inovação social podem ser múltiplos, revelando-se na forma de novas instituições, novos movimentos sociais, novas práticas, ou diferentes estruturas de trabalho colaborativo (SOUZA, SILVA FILHO, 2014).

Para Tardif e Harrisson (2005), os atores da inovação são múltiplos. Estão envolvidos nos processos de inovação que dão origem aos intermediários, bem como redes que desenvolvam projetos de inovação local.

Esse nascimento leva à miscigenação de identidades, valores e normas, tradicionalmente identificadas em atores enraizados nos papéis e funções definidos e reconhecidos pelas diversas instituições da sociedade. Buscaremos entender como as relações entre os atores contribuem para a miscigenação de identidades, valores e normas que, por sua vez, leva à aprendizagem coletiva (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Os atores envolvidos nesse estudo, são artesãs, que estão vinculadas ao Projeto Artesanias, a gestão da *Fintech* Moeda Seeds, que financia e dá suporte ao Projeto Artesanias e a empresa de moda Catarina Mina, que recebeu financiamento de aceleração da *Fintech* para coordenar os trabalhos desenvolvidos nas comunidades que as artesãs residem e produzem.

Pode-se considerar nesse desenho, a configuração principal da rede de atores envolvidos, a partir do contexto de cada ambiente pesquisado, dessa forma, os atores construíram novos arranjos institucionais e estabeleceram novas relações e práticas sociais entre eles em seu cotidiano.

Assim podemos identificar, as artesãs como atores sociais e tanto a Moeda Seeds como a Catarina Mina, como atores institucionais. Vale ressaltar ainda, a presença dos atores

intermediários, que são os grupos de trabalhos formados pelas artesãs de forma espontânea, ligadas ou não a associações e cooperativas da região, e as parcerias com o poder público, que direto ou indiretamente, estão na agenda de desenvolvimento dos projetos da Catarina Mina e da Moeda Seeds. Os chamados atores híbridos ou intermediários, são formadas por diferentes atores provenientes dos mais diversos níveis da sociedade (TARDIF; HARRISON, 2005).

Também foi percebido a participação de diversos profissionais que atuam direto e indiretamente no Projeto Artesanias. Profissionais das áreas da economia, tecnologia, estilismo, moda, designer, administração, comunicação e *compliance*, têm interação com todos os atores em momentos articulados no decorrer das atividades e dos arranjos construídos a partir das relações de confiança. Ao mesmo tempo em que possam ser identificados como híbridos ou intermediários, promovem o engajamento pessoal relacionado às práticas alternativas desenvolvidas:

[...] a gente faz parceria com uma organização como a UNICAFES - União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária, a gente passa a ter uma porta aberta pra entrar em vinte dois estados do Brasil [...] ao fazer parceria com o governo do estado do Ceará e com o governo do estado da Bahia, a gente passa a ter nesse parceiro, toda uma estrutura com suas políticas de governo suas políticas de Estado, que abrem portas pra gente chegar naquelas comunidades mais distantes. [...] deficiências estruturais da empresa acaba sendo suprida por essa relação de parceria com movimentos sociais, movimento sindical, FETRAECE na Bahia [...] movimentos outros como Movimento Sem Terra, como o Movimento Nacional de Catadores, são tudo feitos com essa perspectiva de chegar ao público e permitir a chegada onde se encontra esse público que é socialmente mais fragilizado (EG2).

As interações estabelecidas, entre os atores e suas demandas, emergem na medida em que os atores convergem seus interesses para obter resultados comuns. Foi perceptível no decorrer das visitas e entrevistas, que a interação se manifesta de maneira muito espontânea, dando a impressão de que toda uma cadeia produtiva se constrói quando uma demanda surge, destacando nesse sentido, o sentimento das artesãs que se reconhecem como líderes locais, ao mesmo tempo em que as outras envolvidas também a tenham como sua liderança e representante. Sobre essa relação das “líderes” com os “grupos de trabalho”, alguns comentários:

[...] é a coordenação né do grupo, eu quem recebo o material, quem repasso pra elas quem digo o que é para fazer muitas vezes ensino também o que é pra fazer, fiscalizo, faço uma parte de cada coisa (EB1).

[...] é tanto que as vizinhas, quando querem resolver alguma coisa, vai lá em casa pra gente, resolver como é que vai organizar né, assim, como é que vai ficar, são coisas diferentes (...) né, artesanato diferenciado (EB3).

[...] aí o pessoal fala dela aí, que ela dava trabalho né, aí eu vim aqui conversar com ela, perguntar se tinha alguma coisa pra ela, pra mim fazer. Aí primeiramente ela me entregou umas florzinha pra fazer né, aí fiz, passei, aí fiquei né, até hoje, inda tô ainda fazendo (EB4).

[...] me vejo num papel importante pra equipe porque aqui a gente se ajuda muito e a gente passa né o aprendizado de um pro outro, pessoas pra outras é um constante aprendizado (EB5).

Para os atores sociais, é natural para o grupo que ele pertence, reconhecer tipos de liderança, alguém que irá representar os interesses dos demais, para garantir trabalho, demandas e renda. Esse sentimento de liderança e compromisso é muito forte no contexto dos grupos de artesãs, demonstrado de forma salutar, nas relações de poder identificadas.

Já para os atores institucionais, o artesanato é uma atividade com dimensões histórica, econômica, social, cultural e ambiental, que possui elevado potencial de ocupação e geração de renda:

[...] nossa missão é repensar os laços entre designers, artesãos e consumidores e, em prol da longevidade do artesanato e também pensando na questão de levar renda pra lugares onde ela não chegava [...] é um negócio que pensa as questões do impacto social, o trabalho com artesãs, cooperativas de mulheres, a gente tem esse viés de, também de apostar na transparência como metodologia pra repensar os laços entre designers, consumidores e artesãs (EE1).

Ainda sobre aspectos que envolvem os atores institucionais, o compromisso de impactar vidas com transformação social é algo latente na agenda dos negócios sociais desenvolvidos:

[...]o meu papel é oferecer opções, hoje as pessoas não têm opções sustentáveis, você tem um sistema bancário muito quadrado, que te oferece uma poupança, um título de capitalização, um CDB e qualquer outro, quaisquer outros instrumentos que beneficiam a um único grupo, não a um conjunto maior de indivíduos [...] trazer opções para humanizar as finanças é investir diretamente em outra pessoa, em outro empreendimento, e entender os resultados e acompanhar [...] com o mesmo dinheiro que você investiria na poupança você pode investir num projeto em Formosa, num café, numa cerveja, numa bolsa, num artesanato, e isso render muito mais do que a poupança e impactar a vida (EG1).

[...] um primeiro elemento determinante tem sido o de financiar projetos coletivos, grupos de produção, associações e principalmente cooperativas [...] então, por mais que esteja dentro de uma lógica capitalista, o processo de gestão que prevê desde um processo de planejamento até a execução das ações, avaliação e um replanejamento, isso é feito em tese, a partir de processos coletivos e processos que têm gestão social, então é uma lógica capitalista com elementos inovadores de gestão social que quebram um pouco a lógica originária da fonte de recursos (EG2).

Tardif e Harrisson (2005) tratam dos atores institucionais como elementos que proporcionam processos de miscigenação de identidades, valores e normas pelos quais os atores passam, em decorrência das interações e relacionamentos estabelecidos entre eles. Alguns

depoimentos mostram essas identidades locais, as relações e os valores em torno das dinâmicas do contexto qual estão inseridos.

Identificou-se a miscigenação de identidades, valores e normas, que tradicionalmente emerge em atores enraizados nos papéis e funções definidos e reconhecidos pelas diversas instituições da sociedade (TARDIF; HARRISSON, 2005):

[...] quando eu casei que eu vim embora pra cá, o meu esposo, tinha pedreira aqui dentro, aí elas já trabalhavam com ele, então elas se acostumaram comigo desde cedo né. [...] quando foi pro pai dela se aposentar, já foi comigo, quem foi ajeitar. Fui tirar os documentos dele, ele já adulto [...], aí elas se acostumaram, aí pra você ter ideia, a Julinha quando ela comprou o telefone, ela não atendia telefone de ninguém só se eu ligasse pra ela (EB1).

[...] eu já faço crochet desde de nova, aí eu trabalhei muitos anos em empresa e depois que tive minhas filhas, eu optei por ficar em casa pra tomar conta. Não tive coragem de largar trabalhar e largar elas. Trabalhei até uma certa época, mais depois da segunda filha eu deixei, aí eu fui, fazer parte de uma cooperativa que era um projeto [...] e pra mim não deu muito certo, a gente pintava um projeto muito bonito, mas na, não ia pra frente [...] na realidade era outra coisa, o pessoal era muito desunido dentro, na frente do pessoal era uma maravilha, quando o pessoal virava as costas, entendeu, não tinha (EB2).

[...] é que eu tive propriamente um C.A., tive que me ausentar e me ajudou muito porque eu tive esse apoio né que não é só a empresa que vê a produção né, vê o seu né, e fui muito bem cuidada pela empresa [...] meu respeito e a minha admiração, é principalmente a pessoa da Celina, pela parte humana dela, de assim, como uma empresa que a gente sabe que o mercado de trabalho quer ver produção mas ela não ver só isso, ela ver o lado do ser humano, ela ver a necessidade do ser humano que precisa pra ser melhorado (EB3).

Essa miscigenação resultaria, então, em um processo de aprendizagem coletiva, caracterizado pelo intercâmbio de informações e pela formação dos atores, que aprenderiam novos conhecimentos e habilidades, gerando novas regras e padrões sociais. Os atores atuam de acordo com determinadas condições e leituras dentro do seu contexto (TARDIF; HARRISON, 2005).

As relações entre os atores envolvidos no Projeto Artesanias, proporcionam um processo de miscigenação de identidades, valores e normas que, tradicionalmente, são manifestados de maneira fixa em funções definidas e reconhecidas pelas instituições. Nesse sentido, os atores aprendem em grupo, desenvolvem novas práticas e adquirem novos conhecimentos e habilidades, proporcionando a difusão de novas regras e padrões sociais.

5.1.2 Demandas

A inovação social, é vista como uma “nova resposta” para situações sociais insatisfatórias capaz de transformar espaços voltados para o bem-estar das pessoas ou de

comunidades no tocante ao desenvolvimento de indivíduos, territórios ou negócios (CLOUTIER, 2003; ANDION, 2003; TARDIF; HARRISSON, 2005; ANDRÉ, ABREU, 2006; MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010).

A noção de inovação social também pode ser empregada para o desenvolvimento humano, tendo como estratégia, o desenvolvimento local e a emancipação, permitindo um ambiente para se explorar ações coletivas organizadas por indivíduos que buscam o bem-estar social e o fortalecimento local, nesse sentido, seu protagonismo se torna perceptível para construir mudanças sociais e sustentáveis (OLIVEIRA; SILVA, 2012; BUTKEVIČIENE, 2009; CAJAIBA-SANTANA, 2014).

Para tanto, Tardif e Harrison (2005) observam que a inovação coloca em perspectiva a participação e a mobilização de múltiplos atores. O papel e as condições da participação da sociedade civil no desenvolvimento e realização de projetos inovadores, ao lado de outros atores institucionais e do setor privado, constituem um problema central de demandas a serem resolvidas.

As demandas são perceptíveis na cadeia de produção, uma vez que, ao mesmo tempo em que se percebe a relação entre os atores sociais, intermediários e institucionais, também observa-se a preocupação em criar constantes práticas alternativas voltadas para o bem-comum, quando o ator institucional busca alternativas para gerar demanda que culminará na viabilidade de crédito e conseqüentemente, de renda:

[...] a gente, trabalha com bolsas agora, pode ser que amanhã a gente, tipo não esteja mais trabalhando mas a gente entende a importância também do mercado da moda, porque é um mercado que movimenta muito e que, é importante para gerar renda a gente entende que o consumidor da gente também entende que o produto às vezes Catarina Mina tem um preço mais elevado porquê de alguma forma parte desse investimento ele acaba indo pra esse processo de trabalho pros novos grupos, que é um processo muito demorado, muito custoso, e que esse dinheiro vem de algum lugar, então quando a gente vai para uma tipologia nova as vezes a gente demora três anos pra depois essa tipologia de fato virar uma bolsa (EE1).

Reflete nos atores sociais, as interações estabelecidas e o engajamento pessoal. Os atores sociais acreditam na relação dos atores institucionais e intermediários para viabilizar condições de atendimento de demandas. Essas demandas são atendidas ao tempo em que essa relação se fortalece, com retorno reconhecimento e conseqüentemente com o surgimento de novas demandas:

[...] é autoestima, as meninas agora se sentem mais segura né, mais capaz de fazer as coisas, de saber [...] certa independência, muitas já adquiriram bens materiais, como casa, tinha uma menina que hoje em dia ela até trabalha lá com a Celina, essa semana eu até passei na frente da casinha dela era uma casinha de taipa de dois vão, hoje ela

fez uma casa já grande né pra ela porque era só o marido dela que trabalhava então ela não tinha condição de fazer aí mudou porque ela passou a trabalhar né então os dois trabalhando um trabalha pra sustentar o outro trabalha pra ir construindo alguma coisa (EB1).

[...] a gente não tinha um trabalho fixo, não tinha uma renda fixa e agora a gente tem, é bem melhor [...] a gente consegue várias coisas e atualmente eu tô comprando, comprei, tô pagando né (...) meu terreno que eu comprei agora, e é através desse dinheiro, dessa ajuda, se não fosse, a gente não tinha como (EB5).

Através das práticas alternativas considerando o engajamento pessoal, a inovação social contribuiu para o aumento das necessidades de integração socioeconômica dos indivíduos em torno de organizações inovadoras para criar uma demanda por inovações sociais centradas em indivíduos ou no território como um todo. O reconhecimento de um problema ou uma demanda insatisfeita, pode gerar vontade para resolver um problema (TARDIF; HARRISON, 2005):

[...] a Moeda hoje possui um conjunto de soluções, sendo a primeira delas a solução para fomento de crédito, nanocrédito, microcrédito, onde nós temos também a partir de gestão de fundos de investimentos um fundo hoje em Luxemburgo, e outro sendo criado, um FIDIC, fundos tradicionais, e um fundo de investimento em criptomoedas pra facilitar que indivíduos e instituições, façam investimento, e na ponta, eles tenham o acesso ao crédito através de soluções de pagamento, conta digital, conta de carteira de criptomoedas [...] (EG1).

[...] nós criamos uma arquitetura dividida em micro serviços pra justamente ser modular e flexível, então tem essa parte de autenticação e identificação, tem a parte de carteira, tem a parte de acompanhamento de projetos, e empreendimentos, onde a gente faz a disponibilização e desembolso dos recursos e medição de resultados [...] são essas as tecnologias, que a Moeda oferece hoje tanto pra indivíduos público e privado [...] também tem o seu programa de aceleração, que a gente percebeu a importância de agregar o conhecimento, e inovação nos nossos investimentos, pra trazer sustentabilidade a longo prazo (EG1).

[...] eu acho que ela começa partindo do próprio processo de construção do projeto como pegar uma ideia e transformar num projeto, então isso já considera as particularidades de cada grupo [...] essas particularidades é enaltecida a partir da demanda que também é apresentada por eles, então o projeto visa suprir uma demanda, essa demanda é uma demanda que há todo um processo de reflexão pra dar esse caráter, pra que a gente possa atingir esse caráter de um projeto que tem o caráter social aliado ao caráter econômico, e, em equilíbrio com uma outra dimensão que é a dimensão ambiental [...] isso faz com que surjam projetos que diferem da grande maioria dos outros que já estão em operação, então, essas inovações, elas acabam acontecendo no campo tecnológico, quando parte de um modelo tecnológico convencional pra um modelo tecnológico alternativo a esse convencional (EG2).

[...] a agroecologia é um desses, no campo da gestão, quando sai daquela gestão centralizada pra uma gestão mais horizontalizada, é uma outra forma de inovação, é, criação de novos produtos, isso é problematizado em alguns lugares acaba acontecendo então, passa a ser uma inovação a partir dessa relação que se materializa na criação de novos produtos e por aí vai, então são em diversas áreas, não é simplesmente botar um robô no lugar de um ser humano, não, é num modelo organizacional que ele é diferente, é num modelo de produção que é diferente, é inclusive num modelo de comercialização que eles propõem alternativas diferentes, então a inovação se dá a partir de um conjunto de dimensões (EG2).

A dinâmica dos atores sociais através das novas tecnologias, uma vez ofertadas pelos atores intermediários ou institucionais, e o desafio imposto pelas intervenções do Estado, exigem novos modos de relacionamento entre diferentes atores. Nesse sentido, percebemos novas formas de construir demanda social e serviços para a população, envolvendo descentralização e articulação entre instituições públicas, organização social, cooperativas ou associações e, em alguns casos, empresas privadas:

[...] as pessoas hoje têm um acesso a crédito que é muito restrito, o crédito é extremamente caro no Brasil e elas não têm a parte de aprendizado forte que chegue junto com o crédito. O sistema bancário no país vê as pessoas meramente como clientes, não vê a construção do lado humano das pessoas e quanto mais a sustentabilidade [...] nossa proposta de banco é diferente, é de humanizar as finanças justamente por isso, porque a gente quer trazer valor agregado a vida delas (EG1).

[...] a gente viu também que precisava contribuir na questão da comercialização, pra eliminar intermediários, pra que os produtos possam ter visibilidade e possa ser garantido que o dinheiro da compra vá direto para as pessoas, os beneficiários finais [...] tudo possa ser medido com um nível de transparência que eu vejo que é escancarado na Moeda, pra todo mundo saber, cada real aplicado, o que tá sendo construído, quantos empregos estão gerando e quais os resultados reais que são construídos a cada dia e aprendizados ao longo do processo, então, todos esses sistemas componentes da Moeda, eles são facilitados pelas tecnologias tradicionais em conjunção com a tecnologia blockchain (EG1).

Os atores intermediários e institucionais apresentam perspectivas e soluções muito alinhadas. Esse alinhamento não se dá pelo fato do Projeto Artesanias, mas, por um conceito que é muito forte e foi destacado a cada visita no percurso da pesquisa:

[...] a gente tá falando de um preço justo considerando tudo que está agregado pra aquilo chegar lá no consumidor, nesse consumidor, digamos, mais consciente [...] é sempre um desafio porque o preço justo é difícil de fato ele bancar a inovação social, porque você precisa bancar, então essas empresas elas enfrentam desafios muito grande, eu acho que ainda não tá porque é difícil (EE1)

[...] é um negócio que pensa as questões do impacto social, o trabalho com artesãs, cooperativas de mulheres, a gente tem esse viés, também de apostar na transparência como metodologia pra repensar os laços entre designers, consumidores e artesãs (EE1).

[...] a transparência é um dos pilares do nosso negócio e a Moeda chega pra nos mostrar outras formas de apostar nesse caminho, é tanto na questão da transparência que o blockchain implementa modelo de confiabilidade que podem tornar esse modelo de negócio ainda mais é, relevante como também no trabalho com cooperativas de mulheres artesãs que a gente também tinha um foco de trabalhar com mulheres artesãs, e a Moeda por ter esse viés do impacto pra mulheres também, tem essa confluência (EE1).

[...] eu acho que os Estados, alguns deles têm políticas e programas específicos pra isso, desses aí a gente pode destacar dois que vem muito nessa linha, de procurar

innovar, mas partindo da realidade dos públicos que eu diria que os empréstimos, os acordos de empréstimos que os Estados têm com o Banco Mundial e com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agropecuário, que é o FIDA. São dois que são muito presentes nas áreas que a Moeda atua. Além disso tem também ações, que organizações ligadas ao poder público, a exemplo da Fundação Banco do Brasil, que estimula e financia, organiza banco de tecnologias sociais e pra vários dos parceiros que a Moeda está trabalhando e eles têm também apoio dessa fundação, que antecede a existência da Moeda. Bom, fora esses, ainda tem algumas organizações, aí em número mais reduzido, algumas organizações que têm apoio internacional e que também desenvolve ações com objetivos de impacto social (EG2).

[...] temos parceiros intermediários de transição nesse momento, mas, que são os bancos, mas também tem intermediários na cooperação de tecnologias, outros parceiros de tecnologia, e terceiros que a gente utiliza pra uma melhor coleta de dados, como a gente faz o processo de identificação [...], que tem todo um approach, para parte de crédito, então tem alguns parceiros também estratégicos nessa, que compõem a ferramenta da Moeda (EG1).

A inovação social é um processo de construção social, através da participação dos atores envolvidos (BIGNETTI, 2011; CLOUTIER, 2003). As demandas nesse aspecto, são as necessidades oriundas dos atores sociais, que por sua vez, ao interagir com os atores institucionais identificados, desenvolvem alternativas que possam solucionar problemas de aspecto social e econômico inclusive, por meio dos processos de aprendizagem coletiva, caracterizado pelo intercâmbio de informações e pela formação dos atores (TARDIF; HARRISON, 2005; CLOUTIER, 2003).

5.2 Configuração dos elementos da dimensão Inovatividade Social

A dimensão Inovatividade Social está associada aos modelos de trabalho, a economia e a ação social, e ainda, aos experimentos e a regulamentação social, relacionados à implementação de novos arranjos institucionais entre os atores e novas formas de regulações sociais, caracterizam essa dimensão (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Em termos de escala, o local, como bem é definido, tendo em vista a localização de onde o processo de inovação se inicia com diferentes atores, procura modificar as interações entre si (cooperação), no ambiente organizacional e institucional, com o objetivo de neutralizar os efeitos das crises, na tentativa de conciliar os diferentes níveis de interesses individuais e coletivos para atingir o bem comum (TARDIF; HARRISSON, 2005).

A técnica, relacionada a produto ou tecnologia, que geram melhorias no bem-estar dos indivíduos, o social, que está associado às inovações sociais que mais tomam a forma de sociais, desenvolvidas por atores da sociedade civil não instituída por uma organização,

empresa ou pelo Estado, também caracterizam a dimensão abordada (TARDIF; HARRISSON, 2005).

As melhorias especificamente para as necessidades dos indivíduos bem como o interesse coletivo, estão relacionados a iniciativas que envolvem diferentes atores, integrantes de diversos setores, público ou privado, e que resulta em um modelo de desenvolvimento emergente, caracterizado por iniciativas que contemplem interesses gerais (bem comum) e coletivos (de um conjunto de pessoas com interesses próprios), assim como a formalidade, que está relacionada ao grau das práticas alternativas derivadas de sua forma de reestabilização em organizações formais ou informais (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Essa dimensão contempla variáveis dos estudos de Tardif e Harrisson (2005) adaptadas para esta pesquisa através de um quadro analítico que propõe novas perspectivas e dimensões para que o campo da inovação social explore o contexto específico de empreendimentos que se valem dos instrumentos de blockchain para promover inovação social, conforme detalhado no Quadro 7. Obteve-se a prevalência de duas variáveis que englobam aspectos diversos apontados por Tardif e Harrisson (2005):

1. Características Social (modelos de trabalho, economia do conhecimento e ação social);
2. Inovação/Inovatividade (social, organizacional, institucional, interesse coletivo, bem-comum e escala).

Tardif e Harrisson (2005) consideram que as inovações apresentam características inéditas ou inovadoras, dependendo de como emergem exigindo dos atores a implementação de novos arranjos institucionais e sociais. A inovação estaria, portanto, nas respostas fornecidas pelos atores à essas crises.

As soluções passam a ser chamadas de novas, pois, também têm uma característica comum: são inovadoras, de acordo com as condições do ambiente em que emergem, exigindo a implementação de novos arranjos institucionais entre os atores e alcançar novas regulamentações sociais (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Busca nessa dimensão, entender como uma ação social desencadeada por meio da implementação de novos arranjos institucionais e novas formas de regulação social, proporciona soluções inovadoras para problemas identificados, tendo em vista tipos de inovações sociais com objetivo de conciliar os interesses individuais e coletivos, para atingir o bem comum (TARDIF; HARRISSON, 2005).

5.2.1 Características Social

No contexto pesquisado, as características de inovação social podem ser definidas como uma ação que cria relações sociais, estruturas ou modos de decisão, originadas de uma ação individual e depois coletiva, sendo contextual, promovendo mudanças que levam a uma melhor integração de grupos excluídos (CLOUTIER, 2003; (TARDIF; HARRISON, 2005; PATIAS et al., 2017), sendo aceita e difundida na sociedade, através dela ou de outros subgrupos com o mesmo interesse coletivo.

Foi identificado a implementação de novos arranjos institucionais entre os atores, possibilitando novas regulamentações sociais. Essas novas soluções são designadas como tentativas ou experimentos na fase inicial de sua implementação. Novos programas ou novas políticas públicas podem fomentar, apoiar ou restringir o surgimento dessas novas práticas sociais ou econômicas. A longo prazo, experiências inovadoras que conseguem estabelecer seus efeitos benéficos, como o desempenho social e econômico, tendem a se institucionalizar (TARDIF; HARRISON, 2005):

[...] é importante as parcerias com o governo, que vem de uma cultura assistencialista, socialista onde a gente trabalha esses aspectos todos na área social quanto a instituições organizadas como a UNICAFS, a Associação Nacional da Agricultura Familiar, e outras cooperativas e redes de cooperativas e associações e instituições, da sociedade civil, WWF, Instituto C&A (EG1).

[...] nessa transição a gente tem bancos parceiros, pra facilitar esse processo até de entendimento da parte de regulação, tudo a gente tá sujeito a regulação no Brasil então não tem como ser anarquista e falar tudo cripto agora, vamos fazer tudo descentralizado, mas ainda não dá [...] estamos nesse momento que precisa de licenças pra operar em um sistema extremamente complexo (EG1).

[...] acho que o primeiro ganho significativo é que Moeda vai se dispor a financiar, a colocar no mercado um produto que é difícil hoje no Brasil, que é o capital de giro, então a maior parte das organizações financeiras que financiam esse tipo de linha, não financia só a linha, ela obriga o empreendimento a buscar investimentos e outros produtos bancários que nem sempre eles têm interesse e acabam tendo que aceitar esses novos empréstimos pra poder chegar ao que eles precisam, que é realmente o capital de giro [...] uma segunda coisa, tem sido o processo de elaboração em função da proposta, por ser um processo extremamente interativo ajuda ao empreendimento com boa parte do pessoal com certeza seus dirigentes, técnicos e alguns associados a aumentar a compreensão sobre educação financeira, sobre um estudo de viabilidade, como se constrói a importância pra pensar, planejar e tocar o seu empreendimento (EG2).

A Moeda Seeds ainda não está totalmente fora das regras tradicionais do mercado e do Estado, quanto ao aspecto das instituições financeiras. Mesmo apresentando suas características de *Fintech*, ela ainda se depara com situações de adaptação às regulamentações,

que estão intrinsecamente ligadas à ação social no aspecto do caráter inovador abordado por Tardif e Harrison (2005). Percebe-se que a dimensão Inovação Social, traz consigo, dimensões do Caráter Inovador e da Inovação, elementos da abordagem original dos autores utilizados no quadro analítico aplicado à pesquisa.

De fato, existe um problema nos modelos de desenvolvimento, modos de produção e consumo que excluem diversos atores sociais, em nome do progresso econômico. Os modos de regulação e as formas institucionais tradicionais, convencionais, estão abalados, incluindo o mercado, e os atores pesquisados estão nesse espectro (TARDIF; HARRISON, 2005).

A Moeda Seeds vai de encontro às características hierárquicas, tecnocráticas e burocráticas de organizações e instituições menos flexíveis e menos eficazes para atender às demandas sociais e econômica. Esses parceiros, intermediários apontados pela entrevista, tendem a desaparecer com a renovação dos modelos de trabalho, desenvolvimento e governança demonstrados pela *Fintech* pesquisada:

[...] a Moeda é uma grande startup, com uma linha metodológica, onde você tem um processo orgânico de crescimento, onde no início várias pessoas compartilham diversas responsabilidades e isso vai crescendo e a gente vai tendo mais especialistas e pessoas agregadas no time para diversas funções. Então tem um núcleo de tecnologia que eles se dividem entre os especialistas em blockchain, os especialistas em front end de designer experiência do usuário, especialistas em back office bancário e especialistas em proteção e segurança de dados, infraestrutura e prestação de contas de projetos, sistema de cobrança para o sistema bancário [...] tem o núcleo de core business, o pessoal que cuida dos projetos, analisa e tem tanto a parte de governança de parcerias governamentais quanto parcerias institucionais, a parte de compliance, operação, financeiro, que são a parte de fundos de investimentos, gestão desses fundos e administração desses recursos ao nível de escala global e nacional [...] tem também a parte legal, são hoje cinco times no mundo pra operacionalizar todas as operações da Moeda, garantir que tudo que a gente tem feito está de acordo com a parte de regulação [...] e o coração de uma CEO, no meio disso tudo (EG1).

Essas características propostas são evidenciadas quando atores do mesmo contexto manifestam sua percepção sobre as possibilidades que podem emergir, corroborando com a economia do conhecimento:

[...] acho que a gente pode conseguir aumentar o nosso alcance no social e a tecnologia eu acho que faz a gente aumentar a nossa relevância no sentido de ser uma tecnologia que é inovadora e torna os processos mais ágeis, mais transparentes, e a questão do crédito que a Moeda oferece, isso faz com que a gente também torne o nosso negócio ágil, como também um articulador para que isso chegue em outros lugares (EE1).

[...] a gente pega agora esse nosso modelo incrementa com tecnologia, mas além disso, a gente também implementa uma cultura nova nas comunidades de artesãs [...] é muito legal porque essas artesãs que as vezes não tinham nem conta no banco, vão passar a ter uma conta no banco digital, vão receber dinheiro direto do consumidor final [...] acesso a empréstimo sem burocracia [...] então a gente também uma cultura inovadora,

chega direto nessas mulheres sem que elas precisassem passar por todas as etapas que outras pessoas passaram, então eu acho que isso daí também é legal (EE1).

Os atores sociais, principais beneficiários, também conseguem relatar perspectivas econômicas e de ação social, uma vez que o bem comum e o interesse coletivo estão relacionados a iniciativas que envolvem diferentes atores, e que resulta em um modelo de desenvolvimento emergente:

[...]eu acho bacana essa proposta porque nos ajuda nessa parte também que você falou naquele dia, de a dificuldade que tem de a linha de crédito, no meu caso eu realmente [...] por conta do tratamento que eu fiquei inapta ao trabalho aí eu tinha que me manter, tinha que ter a opção né, e aí isso é uma proposta de melhoria, de várias coisas né (EB3).

[...] bem bacana pra gente né, inclusive pra mim por exemplo, que eu tô começando a construir aí pra dá um ponta pé inicial na construção pra concluir né, um crédito seria bem, bacana (EB5)

[...] foi na época que a gente começou aquela coleção, que a Celina começou a falar da Moeda [...] e depois que isso entrou, quando tava mais concretizada que ela falou dessa parte né, que era um financiamento, que podia ter financiamento, que a gente podia ter essa conta, essa modalidade que o dinheiro vem direto pra conta da gente, das artesãs (EB2).

[...] então só melhorou muito aqui pra gente, pra muita gente né, pras pessoas ter o poder né de tá fazendo suas coisa, de fazer mais sem medo, antes a gente fazia mas a gente tinha medo, por exemplo, a gente tinha vontade de comprar uma televisão né, eu tenho medo que eu não sei se vou vender, não sabe se vai ter (EB1).

As soluções da Moeda, são tentativas ou experimentos na fase inicial de sua implementação. O Estado com novos programas ou políticas públicas pode fomentar, apoiar ou restringir o surgimento de novas práticas sociais ou econômicas como as propostas pela *Fintech* pesquisada. Toda essa expertise da Moeda Seeds, pode dar origem a novos modelos de trabalho, desenvolvimento e governança, de fato, uma nova economia (TARDIF; HARRISON, 2005).

Os atores aprendem, individualmente e coletivamente, a desempenhar papéis e adotar atitudes diferentes daquelas relacionadas aos mecanismos do modelo de desenvolvimento anterior. Surgem, assim, sistemas participativos, mais flexíveis e mais democráticos, estruturados horizontal e verticalmente, de acordo com os setores de atividade e escala (TARDIF; HARRISON, 2005).

5.2.2 Inovação/Inovatividade

A inovação social provoca iniciativas que escapam às ordens estabelecidas, possibilitando novas formas de pensar e fazer, estabelecendo, portanto, mudanças sociais como

alternativas, ou mesmo ruptura, diante de processos tradicionais (ADNRÉ; ABREU, 2006; TARDIF; HARRISSON, 2005).

A inovação é dividida em cinco tipos: técnico (tecnológico), sócio técnico, social, organizacional e institucional, considerando ainda, suas interrelações voltadas para o processo de criação e implementação de soluções e a escala na qual o processo de inovação social é iniciado (TARDIF; HARRISSON, 2005).

O emprego, as condições de vida e o desenvolvimento do território se manifestam no contexto dos atores sociais, contudo, o trabalho, considerado vetor central para a construção de vínculos sociais, parece estar perdendo força dando lugar a outros problemas, outros relacionamentos sociais (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Para satisfazer os interesses gerais, os atores buscam modificar as interações entre si, por meio de processos de cooperação, para conciliar interesses individuais e coletivos (TARDIF; HARRISSON, 2005):

[...] a gente já trabalhava em grupo, mas a gente tinha muita dificuldade em vender [...] participei muito das feiras na CEART e no SEBRAE [...] a gente era um grupo, uma parte fazia um bordado, outra fazia o crochet, outros fazia bordado na máquina, e assim, até hoje [...] a gente juntava e levava no caso quando eu viajava aí eu levava de todo mundo pra vende (EB1).

[...] a gente chegou nessa, porque a gente chegava lá achava, olhava pra ele, pareciam joias que tavam ali, aí isso tudo foi crescendo, aí quando a Celina passou “Pra uma conversa sincera”, que fez o projeto novo, né, que tudo foi melhorando, onde ela teve essa visibilidade, que lançou, que foi o primeiro site do custo aberto, que a empresa foi crescendo, quando começou a criação (EB2)

[...]nessa parte do desenvolvimento das pilotagens dos forros, tanto que tem alguns forros que, tem lá uma pessoa que ela fazer o forro né, que são outras costureiras que fazem, prestam o serviço e quando tão com dificuldade aí eu vou ajudar, né, dá essa assessoria pra elas (EB3).

[...] eu gosto de ajudar né [...] primeiramente ela me entregou umas florzinha pra fazer né, aí fiz, passei, aí fiquei né, ainda fazendo [...] era assim, por conta assim mesmo minha, assim por conta própria né, que eu fazia era, que era tolha de, bico de toalha e aplicações que eu fazia, pra botar assim em mesa, essas coisinha pequenininha [...] antes a gente era parado né, sem ganhar nada, só em casa cuidando de menino e da casa, só isso (EB4).

[...] ao todo eu acho que tem umas trinta pessoas [...] porque tem a gente tem com bem uns três grupos [...] eu já andava por aqui que tinha uma confecçãozinha de costura, eu sempre tava aqui, aí a Celina veio e começou o trabalho aí eu tava aqui já tava aprendendo aí eu comecei também (EB5).

[...] a gente tem uma média dez colaboradores [...] o grupo FIA foram quarenta artesãs beneficiadas diretamente a partir de oficinas, lá eram quatro comunidades [...] tem os beneficiados de Aracati, que aí é um projeto que a gente tá desenvolvendo, começou esse ano, que aí é um público de mais de 150 artesãs, e tem o grupo de Itaitinga que são 35 artesãs, mas também tiveram os beneficiados dos projetos de arte que a gente fez com a Ana Maria Tavares que aí a gente conheceu artesãs de Ubajara, também

trabalhou com artesãs de Maranguape [...] a gente trabalhou com retalhos em Sabiaguaba [...] aí a gente também já trabalhou com outros projetos (EE1).

O desaparecimento do trabalho assalariado não é iminente, nem na consciência ou na ética dos indivíduos, nem nas intervenções dos atores sociais da pesquisa (FAVREAU, 1998; BOUCHER, 2001; TARDIF; HARRISSON, 2005).

Para resolver problemas sociais e atender o bem coletivo, a procura de qualquer iniciativa e inovação que garanta o acesso ao emprego e a renda, é emergente nas observações dos atores institucionais. Esses atores buscam mecanismos relacionados ao grau de formalidade de práticas alternativas derivadas de sua forma, para atender demandas e o vácuo de outros problemas e vínculos sociais crescentes:

[...] a Moeda capta recursos, a primeira delas foi por uma oferta inicial de moedas, o chamado ICO, onde a gente emite moedas, e investidores de forma global podem enviar os recursos diretamente pra gente [...] como empresa temos uma segunda forma de captação que é a tradicional, então tem tanto um fundo em Luxemburgo quanto um fundo FIDIC no Brasil, e tem a parte de investimento de criptomoeda nos projetos de forma direta, através do nosso website [...] então você pode investir não só na criptomoeda em si, mas investir no projeto direto tendo uma conta na Moeda (EG1).

[...] esse é o nosso desafio como a gente monta isso, a gente cada vez mais pesquisa sobre ferramentas de gestão, de tecnologia, mas, é um modelo novo, então é como se a gente quisesse inventar vários processos, os processos eles não vêm prontos, a gente não importa de uma indústria tradicional, então as coisas não se adaptam tão facilmente, e a gente percebe, e quando eu penso há três anos atrás, eu percebo, tipo, nossa como a gente tá avançado, mas quando eu olho as vezes pra indústrias tradicionais, eu vejo como os nossos processos ainda são imaturos, então, a gente entende também que tudo isso é muito, tem muita coisa nova, que a gente inventa, e aí os processos as vezes precisam ser também adaptados mas eu acho que esse é um grande problema dos empreendimentos de impacto (EE1).

[...] incluir grupos historicamente excluídos de acesso ao mundo das finanças, pra isso acontecer tem que ter todo um diferencial que respeite as características desse público, que fez com eles fossem excluídos [...] então, ela inclui, ela humaniza, essa é a missão, então essa é uma característica que a Moeda procura levar (EG2).

A questão da inovação social não é explícita, como mencionado nos referenciais teóricos, não há uma definição formal do que seria inovação. No entanto, as questões levantadas em torno das transformações sociais, econômicas, políticas ou culturais, levam a examinar a implementação de soluções inovadoras para resolver os problemas que surgem (TARDIF; HARRISSON, 2005).

O bem comum e o interesse coletivo estão relacionados a iniciativas que envolve diferentes atores. A definição de inovação social aparenta ser uma concepção mais ampla, por se interessar pelas dinâmicas coletivas presentes em um dado contexto, contudo, as dinâmicas

sociais da inovação, incluem questões que afetam o trabalho, o emprego e as condições de vida dos atores envolvidos (TARDIF; HARRISSON, 2005)

Precisaríamos, nesse sentido, de uma análise mais precisa do modo de trabalho, desenvolvimento e governança, além das orientações que os atores coletivamente se dedicam ao desenvolvimento socioeconômico de sua comunidade. É possível, que as transformações identificadas, sejam a introdução de uma inovação em um contexto que nem sempre é o mesmo em que essas transformações ocorrem.

Nesse sentido, as inovações têm efeitos diretos nos ambientes imediatos em que são implementadas, mas também efeitos indiretos que repercutem em outros níveis do funcionamento da sociedade (TARDIF; HARRISSON, 2005):

[...] é uma mudança cultural, de mentalidade, então a gente precisa construir esse laço de confiança que tem que ser feito por seres humanos, não dá só pra tecnologia cobrir toda essa parte, mas a tecnologia ajuda a dar escala às nossas ações, e a mostrar e criar referências e modelos pra que outras pessoas possam ter como exemplo (EG1).

[...] ela inova também levando tecnologia, e inclui também por intermédio da tecnologia, via tecnologia, o pessoal pode ter um smartphone com aplicativos que permitem inclusão financeira, ele pode ter um cartão quando nenhum banco dá pra ele [...] são serviços que a moeda se propõe a disponibilizar que pra esse público é algo que eles não têm acesso, então é inovador (EG2).

Para Tardif e Harrison (2005), a partir da análise das transformações socioeconômicas, pode-se vincular a inovação na esfera econômica e a inovação na esfera social, ou ver como essas duas esferas influenciam-se mutuamente no contexto da crise das instituições, do emprego e do vínculo social. Identifica-se nos atores institucionais, alguns aspectos que acenam para uma ação social, entre tentativas, experimentos e arranjos. Eles mitigam a crise de alguma forma, e se põem na condição de protagonista para mudanças:

[...] no Brasil em específico, as coisas têm um tempo maior de maturação, é mais lento o processo das coisas aqui. E o entendimento também. Há uma barreira com relação a criptomoedas, que foi criada tanto por uma instabilidade no mercado quanto por pessoas que utilizaram de má fé pra fazer besteira, então, pessoas amadoras que realmente balançaram no mercado, tem toda uma parte de mensagem de passar o que que é o blockchain, que não é só o bitcoin e toda a sua aplicabilidade e contar essa história que é um desafio [...] contar que a gente é uma flor e que tá florescendo lindo não é fácil (EG1).

[...] uma barreira ideológica também das pessoas não estarem acostumadas com o processo de inovação e a pensar fora da caixinha, e pensar com variáveis que elas acham, enxergam que tá muito longe como a crise, como mudanças climáticas, essas variáveis não foram colocadas de forma estratégica pelos nossos políticos no país, ninguém fala que a crise vai vir no ano que vem, ninguém fala que a seca vai ser pior do que as pessoas pensam, então contar com isso e com os nossos investimentos pra

entender, fazer as pessoas entenderem que se elas continuaram fazendo o mesmo do mesmo jeito não vai virar, e o porquê de fazer diferente, trazer essa nova mentalidade de execução de um negócio que não visa apenas o crédito, mais além, a gente visa impactar e fazer realmente a diferença na vida das pessoas. Esse é um grande desafio, mas que me alegra muito com cada progresso que a gente tem (EG1).

[...] é um negócio que pensa as questões do impacto social, o trabalho com artesãs, cooperativas de mulheres, a gente tem esse viés de, também apostar na transparência [...] muitas vezes, eles vêm de lugares que detectam o problema, detectam questões, pensam soluções, mas isso pra ser estruturado, pra impactar muitas pessoas, as empresas tradicionais grandes que têm essa experiência de estruturas e tal, e aí tem que se pensar diálogos, às vezes, pra você conseguir essa gestão que delega tudo isso (EE1).

A inovação estaria, portanto, nas respostas fornecidas pelos atores a essas crises. As soluções são então chamadas de novas, uma característica comum de serem inéditos, isto é, inovadores de acordo com as condições específicas do ambiente em que emergem (TARDIF; HARRISON, 2005).

Ao nível das inovações sociais, identificamos novas configurações, novas formas organizacionais, novos métodos as novas combinações na organização que possam refletir em melhorias. As inovações sociais representam novas formas organizacionais e institucionais, novas formas de fazer as coisas, novas práticas sociais, novas combinações, novas abordagens e novos conceitos que levam a conquistas ou melhorias (TARDIF; HARRISON, 2005).

Novas formas coletivas de pensar, fazer e consumir, favoráveis ao bem-estar e ao interesse geral, em continuidade com práticas passadas e aceitas favoravelmente por outros setores e instituições nas áreas de consumo coletivo (LÉVESQUE, 2002; TARDIF; HARRISON, 2005).

5.3 Configuração dos elementos da dimensão Transformação

A dimensão Transformação está associada à três ângulos interconectados: 1) o contexto que esteja inserida; 2) fatores econômicos; e, 3) fatores sociais. No primeiro ângulo, o contexto, está voltado para a crise, ruptura e descontinuidade, tanto na macro quanto na micro estrutura, além das mudanças estruturais que obrigariam os atores a repensar suas ações e a formular novas respostas tanto econômicas quanto social (TARDIF; HARRISSON, 2003).

Quanto ao segundo ângulo, para Tardif e Harrison (2003), estruturas econômicas locais, regionais e nacionais são transformadas radicalmente por adaptação (ajuste), novos caminhos (reconversão) ou pela criação de novas estruturas de produção (emergência). Na

esfera econômica, faz-se necessário, modificações nas relações de trabalho, produção e de consumo (TARDIF; HARRISSON, 2003).

O contexto de crise, identificado nesta pesquisa, também atua sobre a esfera social, para tanto, uma recomposição ou reconstrução do vínculo social por meio da adoção de novas práticas e da modificação das relações sociais (incluindo relações de gênero) se faz urgente, e aqui, a mudança social e os mecanismos que a induzem, são analisados (TARDIF; HARRISSON, 2003).

A dualização, exclusão e marginalização social e econômica, efeitos ligados às transformações estruturais identificadas no contexto estudado, também são consideradas, e nesse aspecto, uma atenção especial às soluções voltadas para o combate a esses processos é considerada (TARDIF; HARRISSON, 2003).

As transformações terão efeitos diferenciados de acordo com as escalas, os setores de atividade e os atores. Geralmente, o contexto particular da organização, o setor, o território e sua comunidade, devem ser levados em conta, sendo uma característica fundamental para enfatizar a natureza localizada das inovações sociais (TARDIF; HARRISSON, 2003).

Esta dimensão, põe a inovação enquanto produto de uma longa sequência de atividades que leva em consideração os contextos internos e externos da organização, o conteúdo dos projetos de inovação e a dinâmica de mudança específica de cada organização (TARDIF; HARRISON, 2003).

Para os autores, apesar dos constrangimentos relacionados ao contexto macro ou micro, os atores locais podem atuar de acordo com determinadas condições e de acordo com a leitura que farão desse contexto. Questões sobre as formas de governança que são estabelecidas entre os diferentes atores, bem como às diferentes lutas sociais (papéis de movimentos sociais tradicionais e novos) que geralmente fazem parte de uma perspectiva de desenvolvimento local, serão necessárias (TARDIF; HARRISSON, 2003).

Esta dimensão contempla variáveis dos estudos de Tardif e Harrisson (2005) adaptadas para esta pesquisa através de um quadro analítico que propõe novas perspectivas e dimensões para que o campo da inovação social explore o contexto específico de empreendimentos que se valem dos instrumentos de blockchain para promover inovação social, conforme detalhado no Quadro 7. Obteve-se a prevalência de duas variáveis que englobam aspectos diversos apontados por Tardif e Harrisson (2005):

1. Social (marginalização, mudanças, práticas, relações sociais e de gênero, reconstrução);

2. Econômica (contexto de estrutura macro e micro, crise, ruptura, emergência, relações de trabalho, produção e consumo).

Para Tardif e Harrison (2005), a dinâmica da transformação na esfera econômica exige uma modificação das relações de trabalho, das relações de produção e das relações de consumo. Em termos gerais, é a mudança social e seus mecanismos que a induzem a preocupações quanto à dualização, exclusão e marginalização social e econômica, como efeitos ligados às transformações estruturais.

A depender dos efeitos sobre o componente econômico, reações poderão ser adotadas: emergência ou adaptação. Essas reações poderão provocar processos que criam relações de trabalho, produção e consumo e ainda, impactos sociais que exijam reconstrução e mudanças nas relações sociais (TARDIF; HARRISON, 2005).

O contexto de crise também atua sobre e na esfera social. Uma das principais preocupações que emerge de vários trabalhos diz respeito à dualização, exclusão e marginalização social e econômica que são efeitos ligados às transformações estruturais (TARDIF; HARRISON, 2005).

5.3.1 Social

A inovação social promove a mudança social (SHIER; HANDY, 2016). As inovações sociais são práticas alternativas ou novas variações delas não necessitando ser novidades completas (JAEGER-ERBEN, RÜCKERT-JOHN E SCHAFER, 2015), as próprias práticas sociais e arranjos dos indivíduos e das instituições são as inovações sociais (LÁZARO et al., 2018), portanto, a inovação social adquire uma característica, por natureza, multidisciplinar, abrangendo diferentes setores e campos de ação (SANTOS, 2018).

As mudanças identificadas no estudo, obrigam os atores a repensar suas ações e a formular novas respostas, tanto econômica como sociais, podendo entrar em conflito ou contradizer situações já implementadas no contexto. A Moeda Seeds, ao identificar problemas em determinadas práticas, iniciou um processo de mudança social, que culminou na reconstrução dos laços sociais por meio da adoção de novas práticas sociais (TARDIF; HARRISSON, 2005):

[...] a Moeda, até o nome dela foi pensado para uma ressignificação (...) o valor na Moeda é gerado com uma série de fatores que envolvem a sustentabilidade do indivíduo, do empreendimento e do meio ambiente/ecossistema inseridos (EG1).

[...] tem várias iniciativas, e tem muito do que meu pai construiu também, com as visões de construir em bases de serviço de comercialização, em construir estruturas e ecossistemas pra beneficiar cooperativas, ajudar as pessoas a pensarem de forma coletiva, montar associações, então tudo, tudo isso é um pouco da minha história que é com certeza parte da história da Moeda, tanto do lado de programas de governo, onde meu pai estava inserido, e não conseguiu inovar dentro do governo, quanto do lado privado com pessoas que realmente levaram a sério essa questão do impacto (EG1).

[...] constrói também uma rede onde é possível o aprimoramento, buscar cada vez mais produtos sustentáveis: algodão orgânico, menos violência aos animais e enfim, uma série de economia de água e materiais, e tudo que isso é possível em rede né quando a gente conecta as pessoas, então as pessoas já fazem um consumo de produtos naturalmente se elas têm a opção de comprar um produto com preço mais justo e sabem que quem elas tão colaborando, pra ajudar e a diferença que aquele produto tá fazendo, proporcionando na vida de outras pessoas é gratificante pra quem trabalha e pra quem compra (EG1).

Os motivos que fizeram a *Fintech* Moeda Seeds adentrar no contexto do modelo de negócio da Catarina Mina e conseqüentemente propor a parceria para o que veria ser o Projeto Artesanias, foi a necessidade de, além do impacto social a ser mensurado, promover o acesso a uma linha de crédito diferenciada voltada para a cadeia produtiva da moda dando prioridade à empreendimentos sustentáveis e inovadores geridos por jovens e mulheres.

Esse processo de mudança social, começa a partir dos atores institucionais, quando implementam uma metodologia de negócios para a cadeia produtiva da moda através do empreendedorismo social de impacto, voltado para a valorização do trabalho artesanal, a conquista da autonomia financeira de artesãs, prioritariamente mulheres e jovens, e conseqüentemente o desenvolvimento econômico. A transformação social nesse aspecto, é uma fonte de inovação social, pois sua implementação requer que o modelo de desenvolvimento adotado pelos atores socioeconômicos seja modificado.

5.3.2 Econômica

Identificamos resultados múltiplos, novas instituições, novos movimentos sociais, novas práticas e diferentes estruturas de trabalho colaborativo (SOUZA, SILVA FILHO, 2014), percebendo no seu contexto, um conjunto de estratégias, conceitos, ideias e padrões organizacionais que expande e fortalece o papel da sociedade civil frente às suas necessidades sociais que não são atendidas de forma convencional (OLIVEIRA; CORREIA; GOMEZ, 2018).

Para Tardif e Harrisson (2005), o contexto que leva ao surgimento de inovações sociais, sugere um conjunto de restrições e oportunidades que encorajam os atores a redefinir

seu sistema de ação. Os novos requisitos de concorrência e competitividade, a intensificação do comércio e do livre comércio, assim como os avanços tecnológicos, obrigam os atores a pensar diferentemente ou reorientar suas estratégias, com o objetivo de criar uma ordem socioeconômica que está tomando forma (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Analizamos as mudanças nas estruturas econômicas que modificam as relações de trabalho, de produção e de consumo. Para Tardif e Harrisson (2005), essas transformações vão desde a adaptação (ajustamento) das estruturas econômicas, passando pela adoção de novas trajetórias (reconversão), até a criação de estruturas de produção completamente novas (emergência).

A parceria entre a Moeda e a Catarina Mina aconteceu em um período relativamente conturbado do ponto de vista econômico. Entre novembro e dezembro de 2018, as discussões sobre o modelo da parceria foram iniciadas. Nesse período a Moeda estava começando todas as suas parcerias para operações no Brasil.

Contudo, mesmo em um ambiente econômico de baixa expectativa, o Plano Setorial do Artesanato 2016-2025, parte do Plano Nacional de Cultura, apresenta um dado relevante, que no Brasil, o número estimado de brasileiros que vivem da produção de artesanato é de cerca de oito milhões de pessoas. Tendo em vista o potencial produtivo e a capacidade criativa do artesão brasileiro, pode-se afirmar que o setor do artesanato contribui para o desenvolvimento econômico do país, além de apresentar grande perspectiva de crescimento.

Nesse aspecto, o Projeto Artesanias busca reconhecer o valor do trabalho artesanal e sua importância na economia local considerando a relação entre design e artesanato, agregando valor à tradição e ampliando a sua inserção no mercado atual. Procura ainda, atender às necessidades reconhecidas entre as artesãs de formação técnica, apoio na comunicação, apoio na logística de vendas e distribuição.

Os contextos que envolvem crise, ruptura e descontinuidade, identificados no decorrer da pesquisa, obrigam os atores a repensar suas ações e a formular novas respostas econômicas e social:

[...] os obstáculos agora é a dor do crescimento, porque pra crescer a gente precisa de mais braço, então eu tenho todo cuidado e carinho pra que nosso time sejam as melhores pessoas alinhadas com o propósito, e eu sei que isso vai ficando difícil de administrar ao longo do crescimento muito rápido, e em outros países a gente vai fazendo o que pode, os obstáculos ainda com a parte de regulação, a gente vai conversando e vai construindo esse diálogo aberto com o sistema, pra abarcar essa inovação e ajudando também o próprio sistema isso a gente consegue chegar do outro lado e fatores de sucesso são todos porque as portas do universo estão escancaradas, eu vejo que todo mundo tem nos procurado como referência mesmo, por um curto espaço de tempo que a gente teve né, a Moeda tem dois anos, mais um ano com

financiamento propriamente dito, e só expandindo, o que a gente já construiu de tecnologia é único no mundo, o que nós construímos de relações e parcerias é também tempo record, e o respeito que a gente tem tanto pela comunidade científica, tecnológica e acadêmica no mundo, isso valida que a gente tá no caminho certo e o impacto e o sorriso das pessoas na ponta também entra na conta do sucesso (EG1).

[...] essa interação da equipe técnica da Moeda com gestores dos projetos ajuda na percepção do negócio deles, inclusive eles pensam e repensam o negócio à medida que a gente está discutindo o projeto, e esse é um outro elemento que eu acho que é determinante [...] a gente coloca também como inovador, é que toda essa interação entre empresa e organizações da sociedade civil que estão apresentando o projeto é, o estímulo e a aceitação desse estímulo que é de que eles operem em rede, rede de cooperação solidária (EG2).

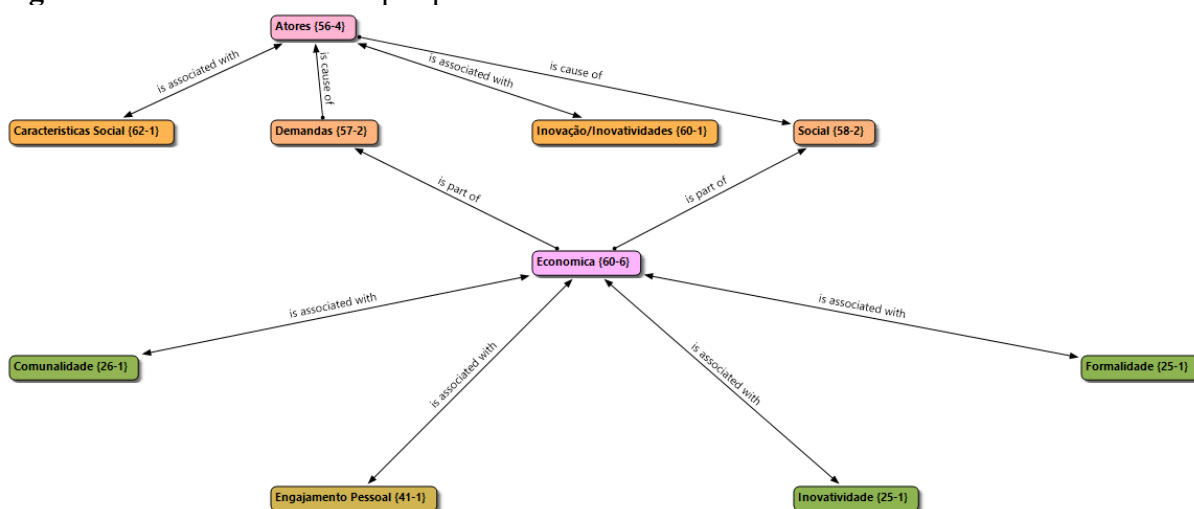
A parceria entre os atores sociais, institucionais e intermediários, também espera concretizar a disposição de uma linha de crédito acessível e flexível oferecida através da plataforma Moeda Seeds prioritariamente para mulheres e jovens que queiram empreender para a cadeia produtiva da moda. Essa iniciativa requer o mapeamento das tradições culturais e regionais para prospecção de novos produtos ou inovação social que fortaleçam a parceria, valorizando por tanto, o trabalho artesanal para a conquista da autonomia financeira de artesãos e o desenvolvimento econômico regional de impacto.

Processos de inovação social são alternativas para atender as necessidades de populações vulneráveis através de novos modelos de desenvolvimento local (BITTENCOURT; RONCONI, 2016), ressignificando, inclusive, padrões de consumo, fortalecendo a sociedade em redes, incluindo os indivíduos em processos (TARDIF; HARRISSON, 2005; CORREIA; OLIVEIRA; GOMEZ, 2015).

5.4 Análise final das dimensões pesquisadas

Após a análise de conteúdo realizada sobre as configurações das dimensões Caráter Social, Inovatividade Social e Transformação, apresentadas com suas respectivas características na Seção 2.3.3, chegamos à análise final das dimensões pesquisadas. Abaixo, apresentamos uma rede relacional gerada no software Atlas.Ti 7.4.5 a partir da coleta de dados utilizada na pesquisa, como mostra a Figura 4. Nesta Seção, faremos uma síntese das dimensões estudadas, e na Seção 6, faremos nossas conclusões.

Figura 4: Rede relacional da pesquisa.



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

O objetivo geral da pesquisa foi identificar de que forma um empreendimento social se vale dos instrumentos do blockchain para promover inovação social, considerando o modelo conceituais de inovação social de Tardif e Harrisson (2005) por meio de um quadro analítico desenvolvido para a pesquisa, para identificar como se configuram as dimensões caráter social, inovação social e transformação.

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, de natureza qualitativa, utilizando como estratégia de pesquisa o estudo de caso, por meio da coleta de dados em campo, a partir de entrevistas semiestruturadas, observação direta e análise documental. Os dados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo, na qual categorias e subcategorias de análise, alinhadas aos objetivos específicos propostos e ao referencial teórico adotado, serviram de critério para a decomposição e análise dos conteúdos coletados.

Avaliamos a possibilidade de existir conexões entre as dimensões de análise da inovação social de Tardif e Harrisson (2005) e Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015), considerando semelhanças e características dos objetos da pesquisa.

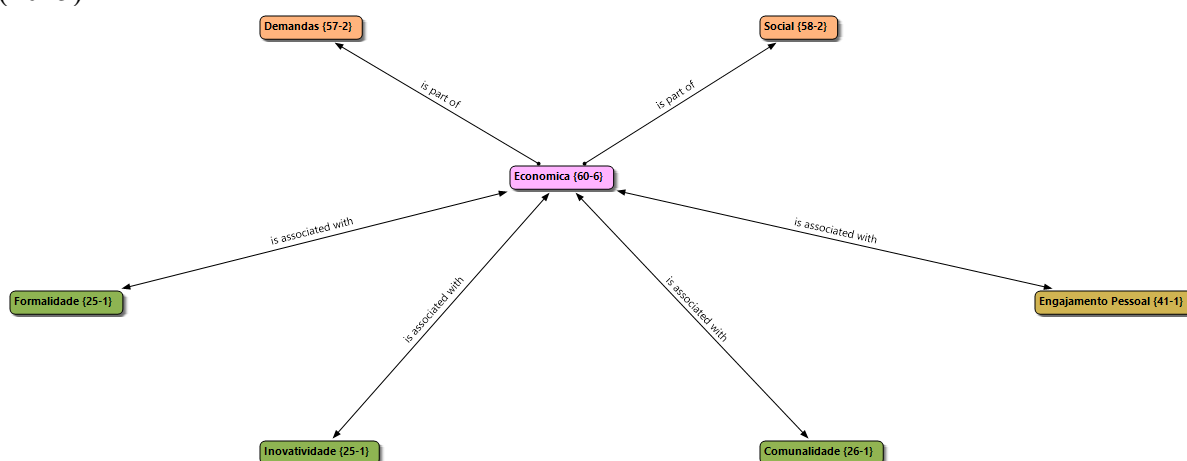
Nesse sentido, utilizamos quatro variáveis representadas pelo quadro conceitual de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) abordada na Seção 2.3.2, e que está visível na rede relacional da pesquisa como mostra a Figura 4: Inovatividade; Comunalidade; Engajamento Pessoal; e, Formalidade. Através de um processo indutivo, emergiram nesse cenário, algumas discussões que merecem sínteses.

Para Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015), em contraste com outras abordagens à inovação em geral e à inovação social em particular, foi aplicada numa definição ampla, não normativa e orientada para o processo de inovação social.

A inovação não foi usada como um termo para objetos, procedimentos ou tecnologias específicas que têm pretensão de novidade ou superioridade, e em geral, são avaliados em termos econômicos (JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015).

As autoras consideram que a inovação deve ser vista como um fenômeno social, com foco no desenvolvimento e estabelecimento de práticas sociais alternativas, nesse sentido, entendemos que os resultados do desenvolvimento social através de novas práticas sociais alternativas, estão evidentes nos resultados alcançados com as dimensões utilizadas através do quadro analítico da pesquisa (Anexo 7) baseado no modelo conceitual de Tardif e Harrisson (2005). O que não desconsidera sob qualquer aspecto, a abordagem de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015). A Figura 5, apresenta a rede relacional resultado da interface entre os dois modelos:

Figura 5: Rede relacional da pesquisa Dimensões de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015)



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

As práticas de consumo são apropriadas, realizadas, combinadas e agrupadas na vida cotidiana, através de performances, elas são adaptadas aos recursos disponíveis (por exemplo, tempo, capital social e financeiro), dados contextos cotidianos e demandas sociais e pessoais (JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015).

Neste estudo, não pesquisamos sobre práticas de consumo, mas com os resultados obtidos, podemos fazer relações de aproximação que sugerem, em outro momento, um estudo específico sobre o modelo e seus resultados.

A *Fintech* Moeda Seeds, está em processo de organização de suas operações no Brasil, nesse sentido, não é possível identificar consumidores ativos. Esta pesquisa, focou nos atores que compõe suas relações sociais, institucionais e intermediárias a partir de um modelo analítico aplicado à parceria que culminou no Projeto Artesanias, não sendo possível discorrer com maiores detalhes, sobre os aspectos de práticas de consumo identificados.

De todo modo, identificamos que as dimensões de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015), estão associadas ao aspecto Econômico que conseqüentemente, é parte dos aspectos Social e Demandas do modelo analítico utilizado na pesquisa. Ou seja, a dimensão Transformação, é a mais próxima das dimensões Inovatividade, Comunalidade, Engajamento Pessoal e Formalidade.

De fato, o aspecto econômico é visto como um efeito possível, mas não necessário, da inovação (MULGAN 2006; CAULIER-GRICE et al. 2012; JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015). O termo social na inovação social não foi definido normativamente, no sentido de que os fenômenos associados implicam necessariamente em um benefício social, nesse sentido, o social é definido em um sentido mais amplo como se referindo a fenômenos sociais e práticas sociais (MOULAERT et al. 2013; JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015).

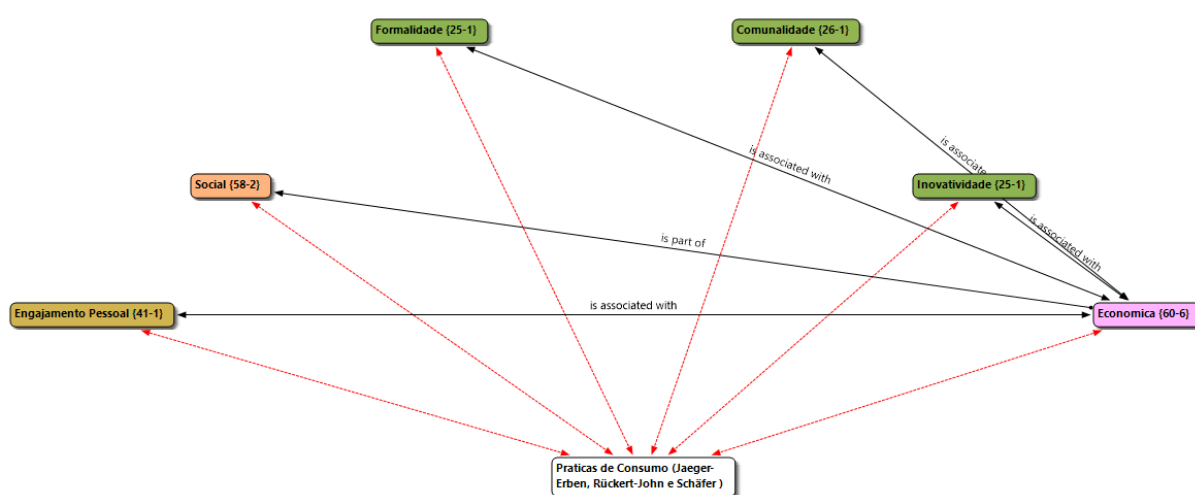
Contudo, enfatizamos o fato de que os resultados provenientes das dimensões de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) utilizadas nesta pesquisa, não são suficientes para determinar os efeitos exatos de diferentes tipos de inovações sociais para a sustentabilidade.

Flexibilidade e intencionalidade são características de processos de inovação, assim, as práticas estabelecidas são defendidas por indivíduos que percebem diferenças entre suas expectativas, atitudes, demandas ou necessidades e as oportunidades disponíveis (JAEGER-ERBEN; RÜCKERT-JOHN; SCHÄFER, 2015).

Para concluir a síntese sobre as conexões do modelo de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) com o quadro analítico desenvolvido para esta pesquisa, identificamos na variável Formalidade, vinte e cinco citações, na variável Inovatividade, vinte e cinco citações,

na variável Comunalidade, vinte e seis citações, e na variável Engajamento Pessoal, quarenta e uma citações. Essas dimensões tiveram baixa densidade, e foram exploradas nos aspectos voltados ao indivíduo no sentido da mudança e orientado sobre o ambiente. Na Figura 6, é possível visualizar os relacionamentos entre as dimensões exploradas, mantendo o aspecto da variável Econômica associada às dimensões de de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015), parte consequente da variável Social, oriundas da dimensão Transformação:

Figura 6: Rede relacional das práticas de consumo conectadas: Dimensões de Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) interconectadas as dimensões do quadro analítico da pesquisa.



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

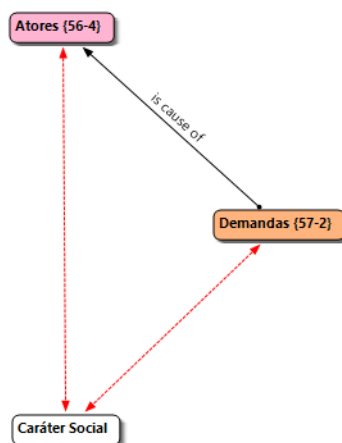
De forma geral, foi possível identificar na parceria entre a Moeda Seeds e a Catarina Mina, as relações entre os atores sociais, institucionais e intermediários, que contribuem para a miscigenação de identidades, valores e normas que, por sua vez, leva à aprendizagem coletiva.

Demonstra ainda, alternativas que possam solucionar problemas de aspecto social e econômico, por meio dos processos de aprendizagem coletiva, caracterizado pelo intercâmbio de informações e pela formação dos atores. A seguir, a síntese final das dimensões pesquisadas.

Sobre a dimensão Caráter Social, identificamos na variável Atores, cinquenta e seis citações e na variável Demandas, cinquenta e sete citações. Essa dimensão teve alta densidade, e reflete aspectos voltados ao indivíduo no sentido da mudança e orientado sobre o ambiente, considerando: Atores (os indivíduos, o território, as empresas, as instituições, os intermediários e as relações de poder); e, Demandas (o engajamento pessoal, as práticas alternativas, o bem comum e os resultados produzidos). Foi possível identificar na parceria entre a Moeda Seeds e a Catarina Mina, as relações entre os atores sociais, institucionais e intermediários, que

contribuem para a miscigenação de identidades, valores e normas que, por sua vez, leva à aprendizagem coletiva. Demonstra ainda, alternativas que possam solucionar problemas de aspecto social e econômico, por meio dos processos de aprendizagem coletiva, caracterizado pelo intercâmbio de informações e pela formação dos atores. A Figura 7 mostra que as demandas são causas dos atores:

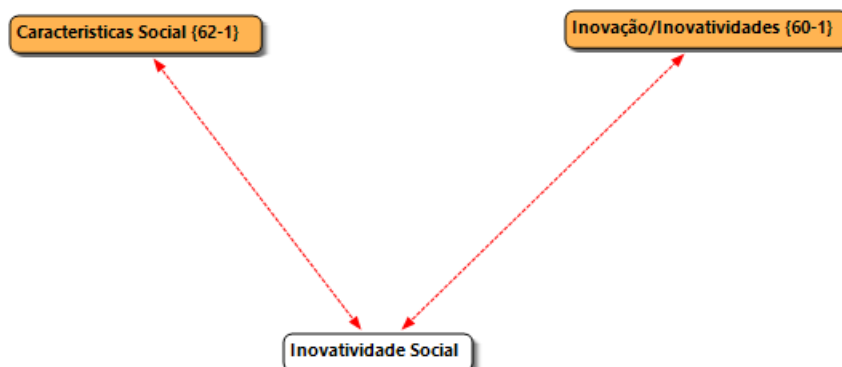
Figura 7: Rede relacional da pesquisa: Dimensão Caráter Social.



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Sobre a dimensão Inovatividade Social, identificamos na variável Características, sessenta e duas citações e na variável Inovação, sessenta citações. Essa dimensão teve baixa densidade, e reflete aspectos voltados ao indivíduo no sentido da mudança e orientado sobre o ambiente, considerando: Características Social (os modelos de trabalho, a economia do conhecimento e a ação social); e, Inovação/Inovatividade (a inovação social, organizacional e institucional, o interesse coletivo, o bem-comum, e escala para melhoria do bem-estar social). Mesmo com uma baixa densidade, identificamos que a ação social desencadeada por meio da implementação de novos arranjos institucionais e novas formas de regulação social, proporcionam soluções inovadoras para problemas identificados, tendo em vista tipos de inovações sociais com objetivo de conciliar os interesses individuais e coletivos, para atingir o bem comum. A Figura 8 mostra que as características e a inovação estão co-relacionadas:

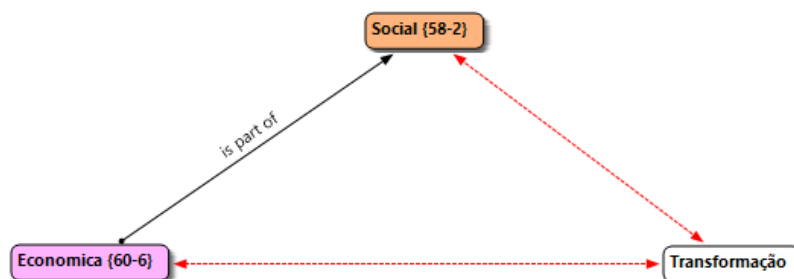
Figura 8: Rede relacional da pesquisa: Dimensão Inovatividade Social.



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Sobre a dimensão Transformação, identificamos na variável Social, cinquenta e oito citações e na variável Econômico, sessenta citações. Essa dimensão teve altíssima densidade, e reflete aspectos voltados ao indivíduo no sentido da mudança e orientado sobre o ambiente, considerando: Social (as recomposições ou reconstruções do vínculo social por meio da adoção de novas práticas); e, Econômica (os contextos que envolvem crise, ruptura e descontinuidade, tanto em escala macro quanto micro, além dos aspectos econômicos). Identificamos que o contexto de crise da parceria entre a Moeda Seeds e a Catarina Mina, também atua sobre a esfera social, sinalizando uma das preocupações que emerge sobre a dualização, exclusão e marginalização social e econômica que são efeitos ligados às transformações estruturais, contudo, não invalida a forte expectativa de transformação social perceptível nos comentários e no contexto estudado. A Figura 9 mostra que a variável econômica é parte da social:

Figura 9: Rede relacional da pesquisa: Dimensão Transformação.



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Esta última subseção, portanto, encerra a Seção 5, através da qual, a configuração dos elementos das dimensões caráter social, inovatividade social e transformação baseado no modelo conceitual de Tardif e Harrison (2005), foram analisados na *Fintech* Moeda Seeds.

6 CONCLUSÃO

Mesmo com a literatura vasta, e experimentos diversos no campo dos estudos sociais, a inovação social ainda não é um consenso, merece profundidade para consolidar abordagens, metodologias e práticas. Novas perspectivas e as relações sociais emergentes, fazem com que as discussões em torno dessa temática sejam ricas e constantes, nesse sentido, os elementos de inovação social estão presentes no ambiente estudado.

É importante enfatizar, que o modelo utilizado pelas pesquisadoras Melanie Jaeger-Erben, Jana Rückert-John e Martina Schäfer, da Technische Universität Berlin (TU-Berlin), encontra-se em fase de revisão. O trabalho desenvolvido por Jaeger-Erben, Rückert-John e Schäfer (2015) resultou numa tipologia de inovações para práticas sustentáveis de consumo, descrevendo sistematicamente o campo heterogêneo das inovações sociais para o consumo sustentável e desenvolver uma tipologia baseada em conhecimento teórico e observação empírica.

Esta pesquisa, no entanto, não focou nos estudos sobre consumo sustentável ou práticas de consumo, mas, deixou que o contexto dos envolvidos na pesquisa apresenta-se possível conexões que fossem perceptíveis ao longo da análise dos dados. O presente estudo, teve sua abordagem conceitual pautada pela teoria da prática, com foco nos atores e suas interações, suas práticas sociais e a transformação oriunda de suas rotinas. Nesse sentido, percebeu-se os atores sociais, como sendo portadores de práticas sociais, continuamente alteradas e rearranjadas.

Assim sendo, optamos por utilizar um quadro analítico baseado no modelo conceitual de Tardif e Harrisson (2005), para identificar as principais transformações no contexto estudado. Para os autores, as mudanças estruturais obrigam os atores a repensar suas ações e a formular novas respostas, tanto econômica como social, mesmo que entrem em conflitos ou contradições.

Tardif e Harrisson (2005) desenvolveram um modelo conceitual reconhecido pelo campo, e constantemente aplicado aos estudos de casos de inovação social por meio de suas cinco dimensões de análises. O objetivo geral desta pesquisa foi identificar de que forma um empreendimento social se vale dos instrumentos do blockchain para promover inovação social.

Consideramos que esse objetivo geral foi alcançado, na medida em que: 1) identificamos um empreendimento social que utiliza tecnologia blockchain em todo seu ecossistema; 2) esse empreendimento tem características de uma *Fintech* e dispõe de soluções

financeiras por meio de tecnologias transparentes e descentralizadas, para atender atores sociais de baixa renda ou mesmo de regiões de extrema pobreza, priorizando a questão de gênero, abrindo espaço para o empoderamento da mulher nos negócios sociais; 3) por utilizarmos um quadro analítico desenvolvido a partir de um modelo conceitual reconhecido e aplicável, proporcionando identificar como se configuram elementos que caracterizem inovação social; e, 4) por descobrir novas possibilidades de interação entre modelos de inovação social vinculando estudos de práticas sustentáveis para emergir discussões sobre modelos, sustentabilidade e ecossistemas de para transformação social.

Analisamos a mudança social e os mecanismos que a induzem, no contexto da parceria da *Fintech* Moeda Seeds e Catarina Mina. Para Tardif e Harrison (2005), articular a inovação na esfera econômica e social, é um dos maiores desafios no contexto da crise das instituições, do emprego e dos vínculos sociais. Esta pesquisa buscou identificar inovação social, nas respostas fornecidas pelos atores de acordo com as condições específicas do ambiente em que emergem.

As respostas, poderão apresentar, o que Tardif e Harrison (2005) definem como novas soluções. Na fase inicial da pesquisa, essas novas soluções aparecem como tentativas ou experimentos, que de alguma forma, poderão dar origem a novos modelos de trabalho e desenvolvimento, por exemplo.

O acesso ao crédito ofertado pela Moeda Seeds, com o uso da tecnologia *blockchain*, se apresenta como uma dessas alternativas para atender demandas que o poder público, ou mesmo a sociedade civil, não conseguem resolver a curto prazo, fortalecendo a organização e mobilização de grupos e territórios excluídos para proporcionar transformação social e impacto social em escala.

A pesquisa se apresentou em um contexto, em que o mundo globalizado, homogêneo e virtual, vem negando regionalismos e aceitando a massificação cultural, inspirando a sociedade a humanizar processos em seus trabalhos, mesmo quando se utiliza da alta tecnologia, e a impulsionar um estilo de vida mais responsável, colaborativo e sustentável.

No caminho de uma sociedade de híbridos, que acolhe novas formas de conectar os opostos leve e pesado, decorativo e minimalista, masculino e feminino, jovem e idoso, artesanal e tecnológico em um mesmo corpo, vislumbra-se uma estrutura social que transforma e é transformada para fazer-se inteira novamente.

Neste cenário, o artesanato ganha cada vez mais significado por ser entendido como algo que identifica um passado comum e traz com ele sentimentos de pertencimento e continuidade. O Projeto Artesanias traz em si diferentes olhares, que confere uma arquitetura

inovadora à condição humana, fazendo uma interessante correlação entre a transformação material e o desenho deste novo tecido social.

Para que o objetivo geral fosse alcançado, os objetivos específicos foram alinhados aos modelos conceituais de inovação social de Tardif e Harrisson (2005), atendidos na forma que segue.

Quanto ao primeiro objetivo específico, identificamos as relações de miscigenação de identidades, valores e normas entre os atores envolvidos manifestados de maneira fixa em funções definidas e reconhecidas pelas instituições, evidenciando que os atores aprendem em grupo, desenvolvem novas práticas e adquirem novos conhecimentos e habilidades, proporcionando a difusão de novas regras e padrões sociais. Também foi identificado uma dinâmica dos atores sociais através do acesso tecnológico ofertado pelos atores intermediários e institucionais, proporcionando novas formas de construir demanda social e serviços para a população, envolvendo descentralização e articulação entre instituições públicas, organização social, cooperativas ou associações e empresas privadas.

Sobre o segundo objetivo específico, identificamos aprendizagem entre os atores, tanto de forma individual quanto coletiva. O desempenho de novos papéis e de novas atitudes diferentes daquelas relacionadas aos mecanismos do modelo de desenvolvimento anterior, também foram evidenciados. Ao nível das inovações sociais, identificamos novas configurações, novas formas organizacionais, novos métodos e novas combinações na organização que refletem melhorias, por meio de novas práticas sociais, novas combinações, novas abordagens e novos conceitos. Também foi identificado novas formas coletivas de pensar, fazer e consumir, favoráveis ao bem-estar e ao interesse geral.

Por fim, referente ao terceiro objetivo específico, identificamos processos de mudança social a partir dos atores institucionais através do empreendedorismo social de impacto, voltado para a valorização do trabalho artesanal, a conquista da autonomia financeira de artesãs. Identificamos também, modelos de parcerias entre os atores sociais, institucionais e intermediários, por meio do mapeamento das tradições culturais e regionais para prospecção de novos produtos ou inovação social que fortaleçam a parceria, valorizando por tanto, o trabalho artesanal para a conquista da autonomia financeira de artesãs e o desenvolvimento econômico regional de impacto.

A *Fintech* Moeda Seeds, com o slogan “humanizar finanças e distribuir impacto”, atua para facilitar o acesso ao financiamento de projetos sociais oferecendo apoio técnico, consultoria especializada, mentoria e tecnologia blockchain para negócios sociais. Desta forma,

considerando o quadro analítico utilizado, baseado no modelo desenvolvido por Tardif e Harrison (2005), seus referenciais teóricos e seu percurso metodológico, identificamos a *Fintech* Moeda Seeds como um empreendimento social que se vale dos instrumentos do blockchain para promover inovação social.

O quadro analítico desenvolvido para a pesquisa, que constitui dimensões da inovação social, baseado em um modelo conceitual estruturado e frequentemente utilizado no campo, apresenta resultados com estudos empíricos pertinentes, que de certa forma, contribui para o desenvolvimento do campo.

Nesse sentido, esta pesquisa teve sua relevante contribuição, uma vez que incentiva o uso de dimensões para identificar de que forma um empreendimento social se vale dos instrumentos do blockchain para promover inovação social. Um tema emergente, atual, que não busca somente respostas, mas, tendências e perspectivas.

Por razões de confidencialidade e das políticas de acesso à informação da empresa estudada, o pesquisador limitou-se a trabalhar somente com dados que se encontram abertos para investidores que acompanham de forma transparente o avanço dos projetos por meio da tecnologia *blockchain*. O Projeto Artesanias, que ainda não está disponível para investimento, conta com algumas informações que não prejudicam sob qualquer aspecto, a sua estratégia de negócio e sua perspectiva de investimento. O pesquisador contou com a colaboração dos atores institucionais, para conseguir autorização de uso de informações necessárias de caráter estritamente científico, além das observações que foram realizadas no decorrer da pesquisa.

É importante para o campo, a continuidade desta investigação, com maior profundidade em outros contextos. O empreendedorismo social é um campo emergente e inovador. Novas *fintechs* surgem a cada momento, e é nesse ambiente, que os modelos econômicos se transformam e buscam resolver soluções nos mais adversos modelos de sociedade, através da tecnologia *blockchain*. Dessa forma, a inovação social seria vista como um processo iniciado por diferentes atores, buscando modificar suas interações e seus resultados, para fortalecer o interesse coletivo e o bem comum.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. et al. **Mercados do empreendedorismo de pequeno porte no Brasil**. 2003. Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Disponível em: <<http://www.eclac.org/cgi-bin/getprod.asp?xml=/publicaciones/xml/0/11870/P11870.xml&xsl=/brasil/tpl/p9f.xsl&base=/brasil/tpl/top-bottom.xsl>>. Acesso em: 02 maio 2019.
- ACCORSI, A. O banco do futuro: perspectivas e desafios. **Revista Administração**, São Paulo, v.49, n.1, p.205-216, mar. 2014.
- ADHAMI, S.; GIUDICI, G.; MARTINAZZI, S. Why do businesses go crypto? An empirical analysis of initial coin offerings. **Journal Of Economics And Business**, [s.l.], v. 100, p.64-75, nov. 2018. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jeconbus.2018.04.001>.
- AGOSTINI, M. R.; VIEIRA, L. M.; TONDOLO, R. R. P.; TONDOLO, V. A. G. Uma Visão Geral Sobre a Pesquisa em Inovação Social: Guia Para Estudos Futuros. **Brazilian Business Review**, v. 14, n. 4, p. 385-402, ago. 2017.
- AITZHAN, N. Z.; SVETINOVIC, D. Security and Privacy in Decentralized Energy Trading through Multi-Signatures, Blockchain and Anonymous Messaging Streams. **IEEE Transactions on Dependable and Secure Computing**, v. 15, p. 840-852, set. 2018.
- ALVES-MAZZOTI, A. J.; GEWANDSZNAJER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ANAGNOSTOPOULOS, I. Fintech and regtech: Impact on regulators and banks. **Journal Of Economics and Business**, [s.l.], v. 100, p.7-25, nov. 2018. Elsevier BV. DOI: 10.1016/j.jeconbus.2018.07.003.
- ANDION, C. Análise de redes e desenvolvimento local Sustentável. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 5, p. 1033-1054, 2003.
- ANDION, C. Inovação Social. In: BOULLOSA, Rosana (Org.). **Dicionário para formação em gestão social**. Salvador: Ciags; Ufba, 2014.
- ANDION, C.; RONCONI, L.; MORAES, R. L.; GONSALVES, A. K. R.; SERAFIM, L. B. D. Sociedade civil e inovação social na esfera pública: uma perspectiva pragmatista. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 51, n. 3, p.369-387, jun. 2017.
- ANDRÉ, I.; ABREU, A. Dimensões e espaços da inovação social. **Revista Finisterra**, v. 41, n. 81, pp. 121-141, 2006.
- ANESE, V.; COSTA, C.; COELHO, E. A. Impactos sociais das ações de uma organização sem fins lucrativos. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**. v. 12, n. 1, p. 61-75, mar. 2018.
- ARNER, D.; BARBERIS, J.; BUCKLEY, R. The Evolution of Fintech: A New Post-Crisis Paradigm? **SSRN Electronic Journal**, [s.l.], p.1-44, 2015. Elsevier BV. DOI:10.2139/ssrn.2676553.

ARNER, D.W.; BARBERIS, J.; BUCKLEY, R. P. 150 years of Fintech: An evolutionary analysis. **JASSA: The Finsia Journal of Applied Finance**, n. 22, p. 22-29, 2016.

ATKINSON, A. B.; MARLIER, E. (Ed.). **Analysing and measuring social inclusion in a global context**, 2010. United Nations. Disponível em: <<https://www.un.org/esa/socdev/publications/measuring-social-inclusion.pdf>>. Acesso em: 04 abril 2019.

AUSTIN, J. The collaboration challenge: how nonprofits and businesses succeed through strategic alliances. **International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations**, San Francisco, CA, Jossey-Bass, 2002.

AUSTIN, J.; STEVENSON, H.; WEI-SKILLERN, J. Social and commercial entrepreneurship: Same, different, or both? **SAGE Journals: Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 30, n. 1, p. 1.22, 2006.

AVADHANAM, R. M.; CHAND, V. S. Leveraging Correlates of Innovative Teacher Behaviour for Educational Development in Developing Societies. **American Journal of Educational Research**. v. 4, n. 14, p. 1019-1024, 2016.
DOI:10.12691/education-4-14-6

BACQ, S.; ALT, E. Feeling capable and valued: A prosocial perspective on the link between empathy and social entrepreneurial intentions. **Journal of Business Venturing**, [s.l.], v. 33, n. 3, p.333-350, maio 2018. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jbusvent.2018.01.004>.

BARBOSA, A. S.; MORAES, E. A.; ROMANI-DIAS, M. O social e o econômico em negócios sociais: proposição de um modelo conceitual. **Revista Capital Científico Eletrônica**, v. 15, n.4, dez. 2017.

BARBOSA, L. G. M.; REZENDE, C. Observatório de Inovação Social do Turismo: o envolvimento da academia, governo e sociedade civil organizada no combate à exploração sexual de crianças e adolescentes no turismo. **Revista Acadêmica do Observatório de Inovação do Turismo**, v. 3, n. 3, art. 1, p. 1-14, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARSKI, E. **Negócios de Impacto: Tendência ou Modismo?** GV-Executivo, v. 14, n. 1. Disponível em: < <https://rae.fgv.br/gv-executivo/vol14-num1-2015> >. Acesso em: 04 janeiro 2019.

BARSKI, E.; COMINI, G.; CUNLIFFE, A.; HART, S. L.; RAI, S. Social entrepreneurship and social business: Retrospective and prospective research. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, n. 55, v. 4, p. 380-384, 2015.

BARROSO, J.M.D, 2011. **Europe leading social innovation**. Disponível em: <http://europa.eu/rapid/press-release_SPEECH-11-190_en.htm> . Acesso em: 12 março 2019.

BARROW, C. J. Evaluating the social impacts of environmental change and the

environmental impact of social change: an introductory review on social impact assessment. **Environ Stud**, v. 59, n. 2, p. 185–195, 2002.

BRASIL. Banco Central do Brasil. **Resolução nº 4.656 de 26 de abril de 2018**. Dispõe sobre a sociedade de crédito direto e a sociedade de empréstimo entre pessoas, disciplina a realização de operações de empréstimo e de financiamento entre pessoas por meio de plataforma eletrônica e estabelece os requisitos e os procedimentos para autorização para funcionamento, transferência de controle societário, reorganização societária e cancelamento da autorização dessas instituições. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 26 de abril de 2018. Seção 1. p. 24. Disponível em: <<http://www.in.gov.br>>. Acesso em: 16 junho 2019.

BRASIL. Banco Central do Brasil. **Resolução nº 4.657 de 26 de abril de 2018**. Altera a Resolução nº 4.606 de 19 de outubro de 2017. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 26 de abril de 2018. Seção 1. p. 26. Disponível em: <<http://www.in.gov.br>>. Acesso em: 16 junho 2019.

BEPA. Bureau of European Policy Advisors, 2010. **Empowering people, driving change – Social Innovation in the European Union**. Luxembourg: Publication Office of the European Union. Disponível em: <http://ec.europa.eu/bepa/pdf/publications_pdf/social_innovation.pdf>. Acesso em: 23 abril 2019.

BETTINGER, A. Fintech: A series of 40 time shared models used at Manufacturers Hanover Trust Company. **Interfaces Journal**, v. 2, n. 4, p. 62–63, 1972.

BIGNETTI, L. P. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 3-14, 2011.

BIKSE, V.; RIEMERE, I. The Development of Entrepreneurial Competencies for Students of Mathematics and Science Subjects: the Latvian Experience. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, v. 82, p. 511–519, 2013.

BIKSE, V.; RIVZA, B.; RIEMERE, I. The Social Entrepreneur as a Promoter of Social Advancement. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, v. 185, p. 469-478, 2015.

BITTENCOURT, B. L.; RONCONI, L. F. A. Políticas de inovação social e desenvolvimento: o caso da Bolsa de Terras. **Revista Administração Pública**, v. 50, n. 5, p. 795-818, Rio de Janeiro-RJ, out. 2016.

BOCK, B. B. Rural marginalisation and the role of social innovation: a turn towards nexogenous development and rural reconnection. **Sociologia Ruralis**, [s.l.], v. 56, n. 4, p.552-573, 8 fev. 2016. Wiley. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/soru.12119>.

BÖHME, R.; CHRISTIN, N.; EDELMAN, B.; MOORE, T. Bitcoin: Economics, technology, and governance. **Journal of Economic Perspectives**, v. 29, n. 2, p. 213–38, 2015.

BORGAZA, C., DEFURNY, J. (Ed.). **The emergence of social enterprise**. Londres, Routledge, 2001.

BORZAGA, C.; DEPEDRI, S.; GALERA, G. Interpreting social enterprises. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.47, n.3, p.398-409, set. 2012.

BOTSMAN, R.; ROGERS, R. **What's Mine is Yours. The Rise of Collaborative Consumption**. How collaborative consumption is changing the way of life. New York: HarperCollins UK, 2010.

BREST, P., KATZ, S., PEELER, H., STANGLER, D. A decade of outcome-oriented philanthropy. **Stanford Social Innovation Review**, v. 10, n. 2, p.42–47, 2012.

BRICENO, T.; STAGL, S. The role of social processes for sustainable consumption. **Journal of Cleaner Production**, [s.l.], v. 14, n. 17, p.1541-1551, jan. 2006. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro.2006.01.027>.

BRITO, R. P. DE., BRITO, L. A. L. 2012. Vantagem competitiva e sua relação com o desempenho: uma abordagem baseada em valor. **Revista de Administração Contemporânea**, [s.l.], v. 16, n. 3, p.360-380, jun. 2012. FapUNIFESP (SciELO). DOIS: <http://dx.doi.org/10.1590/s1415-65552012000300003>.

BRUNSTEIN, J.; RODRIGUES, A. L.; KIRSCHBAUM, C. Inovação social e empreendedorismo institucional: a ação da ONG “Ação Educativa” no campo educacional da Cidade de São Paulo. **Organizações & Sociedade**, v. 15, n. 46, art. 6, p. 119-136, 2008.

BUCHAK, G. et al. Fintech, Regulatory Arbitrage, and the Rise of Shadow Banks. **SSRN Electronic Journal**, [s.l.], p.17-39, 2017. Elsevier BV. Doi: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2941561>.

BOUCHER, J. L. Transformations sociales et orientation de la société. In: BOUCHER, J. L.; FOTEV, G.; KOLEVA, S. (Orgs.). **Mutations de société et quête de sens: une rencontre entre des sociologues bulgares et québécois**. Sofia: Éditions LIK, 2001. p. 19-44.

BURDGE, R.J., VANCLAY, F. Social impact assessment: a contribution to the state of the art series. **Impact Assessment**, [s.l.], v. 14, n. 1, p. 59-86, mar. 1996. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/07349165.1996.9725886>.

BUTKEVIČIENĖ, E. Social innovations in rural communities: methodological framework and empirical evidence. **Social Sciences/Socialiniai Mokslai**, v. 63, n. 1, p. 80-88, 2009.

CAJAIBA-SANTANA, G. Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework. **Technological Forecasting & Social Change**, v. 82, p. 42–51, 2014.

CANAVIRE-BACARREZA, G.; HANAUER, M. M. Estimating the impacts of Bolivia's protected areas on poverty. **World Development**, v. 41, p. 265–285, 2012.

CAULIER-GRICE, J.; DAVIES, A.; PATRICK, R.; NORMAN, W., 2012. Defining Social Innovation. Part One of Social Innovation Overview. A deliverable of the project: The theoretical, empirical and policy foundations for building social innovation in Europe (TEPSIE), European Commission – 7th Framework Programme, Brussels: European Commission, **DG Research**. Disponível em: <<https://youngfoundation.org/wp-content/uploads/2012/12/TEPSIE.D1.1.Report.DefiningSocialInnovation.Part-1-defining->

social-innovation.pdf>. Acesso em 30 de junho de 2019.

CAULIER-GRICE, J.; KAHN, L.; MULGAN, G.; PULFORD, L.; VASCONCELOS, D. Study on Social Innovation. Social Innovation Exchange (SIX). **The Young Foundation**, 2010.

CENTRE FOR SOCIAL INNOVATION. **Proof: How Shared Spaces are Changing the World**. 2014. Disponível em: https://socialinnovation.org/wp-content/uploads/2016/06/Proof_How_shared_spaces_are_changing_the_world_.pdf. Acesso em: 10 maio 2019.

CERTO, S.; MILLER, T. Social entrepreneurship: key issues and concepts. **Business Horizons**, v. 51, n. 4, p. 267–271, 2008.

CHARTER, M.; GRAY, C.; CLARK, T.; WOOLMAN, T. Review: the role of business in realising sustainable consumption and production. **Avian Diseases Journal**, n. 3, p. 45–69, 2008.

CHEN, L. From Fintech to Finlife: the case of Fintech Development in China. **China Economic Journal**, [s.l.], v. 9, n. 3, p. 225-239, set. 2016. Informa UK Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/17538963.2016.1215057>.

CHEN, Z.; LI, Y.; WU, Y.; LUO, J., 2017 The transition from traditional banking to mobile internet finance: an organizational innovation perspective - a comparative study of Citibank and ICBC. **Financial Innovation**, [s.l.], v. 3, n. 1, p.1-12, 24 jul. 2017. Springer Nature. DOI: <http://dx.doi.org/10.1186/s40854-017-0062-0>.

CHIU, I.H.Y. A new era in Fintech payment innovations? A perspective from the institutions and regulation of payment systems. **Law, Innovation and Technology**, v. 9, n. 2, p. 190–234, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/17579961.2017.1377912>)

CHRISMAN, J. J., PEREDO, A. M. (2006) Toward a theory of enterprise community-based. **Academy of Management Review**, v. 31, n. 2, p. 309-328, 2006.

CHRISTENSEN, C.M. **The innovator’s dilemma: the revolutionary book that will changed the way you do business**. Harper Business, 2003, 286 p.

CLARK, V. L. P.; CRESWELL, J. W. **The mixed methods reader**. Sage Publications, 2008.

CLEMENTS, T.; SUON, S.; WILKIE, D. S.; MILNER-GULLAND, E. J. Impacts of protected areas on local livelihood. **World Dev**, v. 64, p. 125–134, 2014.

CLOUTIER, J. Qu’est-ce que l’innovation sociale? In: CRISES. Centre de Recherche Sur Les Innovations Sociales. **Cahiers du CRISES**, Québec, 2003.

COETZEE, J. Strategic implications of Fintech on South African retail banks. **South African Journal of Economic and Management Sciences**, v. 21, n. 1, p. 24-55, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4102/sajems.v21i1.2455>.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de**

graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COMINI, G.; BARKI, E.; AGUIAR, L. T. A three-pronged approach to social business: a Brazilian multi-case analysis. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.47, n.3, p.385-397, set. 2012.

CONG, L. W.; HE, Z. Blockchain Disruption and Smart Contracts. **The Review Of Financial Studies**, [s.l.], v. 32, n. 5, p.1754-1797, 4 abr. 2019. Oxford University Press (OUP). DOI: <http://dx.doi.org/10.1093/rfs/hhz007>.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2016.

COOPER, R. **The Design Experience: The Role of Design and Designers in the 21 Century**. Cornwall, Ashgate Publishing, 2002.

COOPER, T. Slower consumption reflections on product life spans and the throwaway society . **Journal of Industrial Ecology**, v. 9, n. 1/2, p. 51–67, 2005.

CORBIN, J.; STRAUSS, A. Grounded Theory Research: Procedures, Canons, and Evaluative Criteria. **Qualitative Sociology**, v. 13, n. 1, p. 3-21, 1990.

CORREIA DE SÁ, M. G. O capital de risco aplicado em start-ups no brasil: uma reflexão sobre o ecossistema dos empreendimentos inovadores a partir da visão do investidor. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**. UNEB, Salvador, v. 7, n. 1, p. 97-120, abr. 2017.

CORREIA, S. E. N.; OLIVEIRA, V. M.; FEITOSA, M. J. S.; GOMÉZ, C. R. P. Inovação Social para o Desenvolvimento Sustentável: um caminho possível. **Revista Administração Pública e Gestão Social**, n. 10, v.3, p. 199-212, set. 2018.

COUGHLAN, J.; MACREDIE, R. D.; PATEL, N. Understanding the consumption process through in-branch and e-mortgage service channels: A first-time buyer perspective. **The International Journal of Bank Marketing**, v. 29, n. 2, p. 148–167, 2011.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRISES. Centre de Recherche Sur Les Innovations Sociales. **Rapport Annuel des activités scientifiques du Crises 2009-2010**. Quebec, 2010.

CRISES. Centre de Recherche sur les Innovations Sociales. **Rapport Annuel des activités scientifiques du CRISES 2011-2012**. Quebec, 2012.

CRISES. Centre de Recherchesur les Innovations Sociales. ANDREW, C; KLEIN, J. **Social Innovation: What is it and why is it important to understand it better**, 2010. Disponível em: <http://www.crisis.uqam.ca/upload/files/publications/etudes-theoriques/CRISES_ET1003.pdf>. Acessado em: 20 maio 2018.

CRISES. Centre de Recherchesur les Innovations Sociales. **Présentation**. Disponível em: <<http://crises.uqam.ca/le-centre/presentation.html>>. Acesso 27 maio 2018.

CROSSAN, M. M.; APAYDIN, M. A multi-dimensional framework of organizational innovation: A systematic review of the literature. **Journal of Management Studies**, v. 47, n. 6, 2010.

CRUZ, G. As duas faces do empreendedorismo social. **Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Administração da Universidade Potiguar**, v. 1, n. 1, mar. 2013.

CUKIER, W.; TRENHOLM, S.; CARL, D.; GEKAS, G. Social entrepreneurship: a content analysis. **Journal of Strategic Innovation and Sustainability**, n. 7, pp. 99–119, 2011.

DAI, W. **B-Money**. 1998. Disponível em: <<http://www.weidai.com/bmoney.txt>>. Acesso em 20 nov. 2018.

DAPP, T. F. Fintech – The digital (r)evolution in the financial sector. Algorithm-based banking with the human touch. 2014. **Deutsche Bank**. Disponível em: <https://www.deutschebank.nl/nl/docs/Fintech-The_digital_revolution_in_the_financial_sector.pdf>. Acesso em 20 jun 2019.

DAPP, T. F. Fintech reloaded – Traditional banks as digital ecosystems. With proven walled garden strategies into the future. 2015. **Deutsche Bank**. Disponível em: <https://www.deutschebank.nl/nl/docs/Fintech_reloaded_Traditional_banks_as_digital_ecosystems.pdf>. Acesso em 26 jun 2019.

DAVIES, A.; SIMON, J.; PATRICK, R.; NORMAN, W. Mapping citizen engagement in the process of social innovation. TEPSIE, European Commission, Framework Programme. Brussels: European Commission, **DG Research**, 2012.

DEES, G., ANDERSON, B. Framing a theory of social entrepreneurship: building on two schools of practice and thought. **Business**, v. 1, n. 3, p. 39-66, 2006.

DEES, J. G. Enterprising nonprofits. **Harvard Business Review**, v. 76, n. 1, 12 p, 1998.

DEFOURNY, J.; NYSSSENS, M. Conceptions of social enterprise and social entrepreneurship in Europe and the United States: Convergences and divergences. 2010. **Journal of Social Entrepreneurship**, v. 1, n. 1, p. 32-53. DOI:10.1080/19420670903442053.

DEFOURNY, J.; NYSSSENS, M. Social enterprise in Europe: recent trends and developments. **Social Enterprise Journal**, v. 4, n. 3, p. 202–228, 2008.

DELPAL, F.; HATCHUEL, G. La consommation engagée s'affirme comme une tendance durable. **Centre de Recherche pour l'Étude et l'Observation des Conditions de Vie**, v. 201, p. 1–4, 2007.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa da pesquisa qualitativa: teoria e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIEMERS, D., LAMAA, A., SALAMAT, J., STEFFENS, T. **Developing a Fintech Ecosystem in the GCC**. 2015. Disponível em: <<https://www.strategyand.pwc.com/media/file/Developing-a-FinTech-ecosystem-in-the->

GCC.pdf>. Acesso em 10 maio de 2019.

DIMON, J. **Bitcoin Will Try to Eat Our Lunch, By Inside Bitcoins**. 2014. Disponível em: <<https://insidebitcoins.com/news/jp-morgans-jamie-dimon-bitcoin-will-try-to-eat-our-lunch/25378>>. Acesso em 10 abril de 2019.

DRUCKER, P. F. **Landmarks of Tomorrow**. New York: Harper and Brothers, 1957.

DRYALL, S. Cryptocurrencies and blockchain. *The WealthTech Book: The Fintech Handbook for Investors*. **Entrepreneurs and Finance Visionaries**, p. 158–161, 2018.

DUBE, L.; MORGAN, M. S. Capturing the dynamics of in-process consumption emotions and satisfaction in extended service transactions. **International Journal of Research in Marketing**, v. 15, n. 4, p. 309–320, 1998.

EBRAHIM, A., BATTILANA, J., MAIR, J. The governance of social enterprises: Mission drift and accountability challenges in hybrid organizations. **Research In Organizational Behavior**, [s.l.], v. 34, p.81-100, 2014. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.riob.2014.09.001>.

EBRAHIM, A.; RANGAN, V. K. What impact: a framework for measuring the scale and scope of social performance. **California Management Review**, v. 56, n. 3, p. 118-141, 2014.

EIKENBERRY, A.M., KLUVER, J.D. The marketization of the nonprofit sector: civil society at risk? **Public Adm. Rev**, v. 64, n. 2, p. 132–140, 2004.

EMERSON, J. The blended value proposition: Integrating social and financial returns. **California Management Review**, v. 45, n. 4, p. 35–51, 2003.

EMERSON, J., BONINI, S. **The blended value map: tracking the intersects and opportunities of economic, social and environmental value creation**. 2013. Disponível em: <<http://www.blendedvalue.org>>. Acesso em 09 maio 2019.

ESTIVAL, K. G. S.; ROSA, R. O.; CORRÊA, S. R. S.; ANDRADE, J. C. B.; PROCÓPIO, D. P. Educação empreendedora e negócios sociais: estudo de caso da concepção à implantação da disciplina Negócios Sociais no curso de Administração. **Revista de Tecnologia Aplicada**, v.7, n.2, p.16-34, ago. 2018.

EUROPEAN COMISSION. **Assessing Europe’s University-Based Research: expert group on assessment of University-Based Research**. Luxembourg: publications office of the European Union, 2010. Disponível em: <https://ec.europa.eu/research/science-society/document_library/pdf_06/assessing-europe-university-based-research_en.pdf>. Acesso em 17 jan 2019.

EUROPEAN COUNCIL. **Social Innovation Research in the European Union. Approaches, Finding and Future Directions**. 2013. Policy Review. Social Innovation Research in the European Union. Disponível em: http://ec.europa.eu/research/social-sciences/pdf/social_innovation.pdf. Acesso em 08 maio 2019.

FARFUS, D.; ROCHA, M. C. S. Inovação social: um conceito em construção. In: FARFUS,

D.; ROCHA, M. C. S. Inovações sociais. **Coleção Inova**, v. 2. Curitiba: SESI/SENAI/IEL/UNINDUS. 2007.

FAVREAU, L. L'insertion conjugée avec le développement économique communautaire. dans Defourny, Favreau et Laville (dirs). *Économie sociale et insertion: bilan international*. Paris, **Éditions Desclée de Brouwer**, p. 159-182, 1998.

FICHMAN, R.G. et al. Digital Innovation as a Fundamental and Powerful Concept in the Information Systems Curriculum. *Mis Quarterly*, [s.l.], v. 38, n. 2, p.329-343, 2 fev. 2014. **MIS Quarterly**. DOI: <http://dx.doi.org/10.25300/misq/2014/38.2.01>.

FISCHER, A. **Um resgate conceitual e histórico dos modelos de gestão de pessoas**. In: Fleury, M. (Org.). *As pessoas na organização*. São Paulo: Editora Gente, 2002.

FLEURY, S. **Observatório da inovação social**. In: Congresso Internacional del CLAD Sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública, 9, 2001, Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires: s.ed., 2001.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORTNUM, D.; POLLARI, I.; MEAD, W.; HUGHES, B.; SPEIER, A., 2017. **The pulse of Fintech Q1 2017**: Global analysis of investment in Fintech. KPMG technical report, 2017. New York. Disponível em: <https://assets.kpmg.com/content/dam/kpmg/xx/pdf/2017/04/pulse-of-Fintechq1.pdf>. Acesso em 10 maio 2019.

FOUGÈRE, M.; SEGERCRANTZ, B.; SEECK, H. A critical reading of the European Union's social innovation policy discourse: (Re)legitimizing neoliberalism. *Organization*, [s.l.], v. 24, n. 6, p.819-843, 9 jan. 2017. **SAGE Publications**. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1350508416685171>.

FRANÇA, R. O.; COSTA, L. L. P.; CORREIA, S. E. N.; OLIVEIRA, V. M. Inovação social para o consumo sustentável: um estudo do semiárido brasileiro. **RIEM**, n. 18, v. 9, p. 153-180, dez. 2018.

FREEMAN, R. E. **Strategic management**: a stakeholder approach. Boston: Pitman, 1984.

GABOR, D. **Innovations**: scientific, technological and social. New York: Oxford University Press, 1970.

GABOR, D.; BROOKS, S. The digital revolution in financial inclusion: international development in the Fintech era. **New Polit. Econ.** v. 22, p. 423–436, 2017.

GAI, K.; QIU, M.; SUN, X. A survey on FinTech. **Journal Of Network And Computer Applications**, [s.l.], v. 103, p.262-273, fev. 2018. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jnca.2017.10.011>.

GARCIA, S. G. A tecnologia social como alternativa para a reorientação da economia. **Revista Estudos Avançados**, v. 28, n. 82, 2014.

GARRETT-JONES, S. International trends in evaluating university research outcomes: what

lessons for Australia. **Research Evaluation**, v. 8, n. 2, p. 115-124, 2000.

GIAGLIS, G. M.; KYPRIOTAKI, K. N. Towards an Agenda for Information System Research on Digital Currencies and Bitcoin. In: BIS 2014 Workshops, W. Abramowicz and A. Kokkinaki, ed., **Springer International Publishing**, Switzerland, LNBIP n. 183, p. 1–11, 2014.

GIBBON, J., DEY, C. Developments in social impact measurement in the third sector: scaling up or dumbing down? *Social Environ. Account. Journal.*, v.31, n. 1, p. 63–72, 2011.

GILLICK, A. Beyond 2020: How blockchain is reshaping our economic, environmental and social orders Pt I. **Medium**. Disponível em: <<https://medium.com/@andrew.gillick/beyond-2020-how-blockchain-is-reshaping-our-economic-environmental-and-social-orders-pt-i-a3abff723227>>. Acesso em 07 março de 2019.

GOLDMAN, L.; BAUM, S. **Introduction**. In L. Goldman (Ed.). *Social impact analysis: an applied anthropology: manual*, p. 1-34. Oxford: Berg Books, 2000.

GOMBER, P.; KOCH, J.-A.; SIERING, M. Digital Finance and Fintech: current research and future research directions. **J. Bus. Econ.**, v.87, p. 537–580, 2017.

GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GREBITUS, C.; PRINTEZIS, I.; PRINTEZIS, A. Relationship between consumer behavior and success of urban agriculture. **J. Ecol. Econ.** v. 136, p. 189–200, 2017.

GREGOIRE, M. Exploring various approaches of social innovation: a francophone literature review and a proposal of innovation typology. **Revista RAM**, v. 17, n. 6, p. 45-71, dez. 2016.

GUEST, G.; BUNCE, A.; JOHSON, I. How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability. **Field Methods**, n. 18, p. 59-82, 2006.

GUILLEN-ROYO M. Sustainable consumption and wellbeing: Does on-line shopping matter?. **Journal of Cleaner Production**, [s.l.], v. 229, p.1112-1124, ago. 2019. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro.2019.05.061>.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 201-210, jun. 2006.

HARDING, R. Social enterprise: the new economic engine? **Business and Strategy Review**, v. 15, n. 4, p. 39–43, 2004.

HEINRICHS, H.; GRUNENBERG, H. Sharing Economy - Auf dem Weg in eine neue Konsumkultur? Lüneburg: Centre for Sustainability Management, 2012. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/5252/7833792321384b607c460f7b4424a5868718.pdf>>. Acesso em agosto 2019.

HERMANN, E.; TRIMBORN, S.; ONG, B.; LEE, T. M. The cross-section of cryptocurrencies as financial assets: An overview (No. 2016-038). SFB 649 Discussion Paper #2016-038, 2016. Disponível em: <<https://www.econstor.eu/handle/10419/148874>>. Acesso

em 29 julho 2019.

HILL, J. Fintech in a Global Setting. Fintech and the Remaking of Financial Institutions. **Academic Press**, p. 269–283, 2018.

HINZEN, F. **Cryptocurrency Valuation: A Demand Side Approach**, Working Paper, 2018.

HÖLBL, M.; KOMPARA, M.; KAMIŠALIĆ, A.; ZLATOLAS, N. A Systematic Review of the Use of Blockchain in Healthcare. **Symmetry**, v. 10, n. 470, 2018.

HOWALDT, J.; DOMANSKI, D.; KALETKA, C. Social innovation: towards a new innovation paradigm. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 17, n. 6, p. 20-44, 2016.

HOWALDT, J.; KOPP, R.; SCHWARZ, M. **Social Innovations as Drivers of Social Change – exploring Tarde's contribution to social innovation theory building**. In: HOWALDT, J.; HOWALDT, J.; SCHWARZ, M. (eds), 2010. Social Innovation: Concepts, Research Fields and International Trends Studies for Innovation in a Modern Working Environment – International Monitoring, v. 5, Aachen: Technische Hochschule.

HOWELL, S.; NIESSNER, M.; YERMACK, D. Initial Coin Offerings: Financing Growth with Cryptocurrency Token Sales. 2018. **ECGI Working Paper Series in Finance**.

Disponível em: <

https://ecgi.global/sites/default/files/working_papers/documents/finalhowellniessneryermack.pdf>. Acesso em 10 julho 2019.

HUBERT, A. Empowering People, Driving Change: Social Innovation in the European Union. **Bureau of European Policy Advisers**. European Commission, 2011.

IBM. International Business Machine. IBM Systems Brasil Blog. **Blockchain: o que é e como funciona?** Disponível em: <https://www.ibm.com/blogs/systems/br-pt/2017/06/05/blockchain-o-que-e-e-como-funciona/>. Acesso 10 maio 2019.

JACKSON, T. **Prosperity without Growth: Economics for a Finite Planet**, London: Earthscan, 2009.

JAEGER-ERBEN, M.; OFFENBERGER, U. A Practice Theory Approach to Sustainable Consumption. **Gaia - Ecological Perspectives For Science And Society**, [s.l.], v. 23, n. 3, p.166-174, 30 jul. 2014. Oekom Publishers GmbH. DOI: <http://dx.doi.org/10.14512/gaia.23.s1.4>.

JAEGER-ERBEN, M.; RÜCKERT-JOHN, J.; SCHAFER, M. Sustainable consumption through social innovation: a typology of innovations for sustainable consumption practices. **Journal of Cleaner Production**, v. 108, p. 1-15, 2015.

JAGTIANI, J.; JOHN, K. Fintech: The Impact on Consumers and Regulatory Responses. **Journal of Economics and Business**, [s.l.], v. 100, p.1-6, nov. 2018. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jeconbus.2018.11.002>.

JAY, J.; GERAND, M. Accelerating the Theory and Practice of Sustainability-Oriented Innovation. **SSRN Electronic Journal**, [s.l.], p.1-103, 2015. Elsevier BV. DOI:

<http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2629683>.

Jl, M. F.; WOOD, W. Purchase and consumption habits: Not necessarily what you intend. **Journal of Consumer Psychology**, v. 17, n. 4, p. 261–276, 2007.

KAAL, W. A. Dynamic Regulation for Innovation. **SSRN Electronic Journal**, [s.l.], p.1-30, 2016. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2831040>.

MALINOVA, K.; PARK, A. Market Design for Trading with Blockchain Technology. **SSRN Electronic Journal**, [s.l.], p.1-40, 2017. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2785626>.

KERLIN, J. Social enterprise in the United States and Europe: understanding and learning from the differences. **International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations**, v.17, n.3, p.247-263, 2006.

KISIL, M.; FABIANI, P. M. J. RETORNO SOCIAL DO INVESTIMENTO (SROI): Metodologia que traduz o impacto social para o investidor. **Revista Pensamento e Realidade**, v. 31, n. 1, p. 107-126, 2016.

KLEIN, J. L. Social Innovation at the crossroads between science, economy and society, in: Moulaert, F., MacCallum, D., Mehmood, A., Hamdouch, A. (Eds.), *Handbook of Social Innovation*. **Edward Elgar Publishin Limited**, p. 9-12, 2013.

KNEIPP, J. M.; GOMES, C. M.; BICHUETI, R. S.; MÜLLER, L. O.; MOTKE, F. D. Gestão estratégica da inovação sustentável: um estudo de caso em empresas industriais brasileiras. **Revista Organizações em Contexto**, v. 14, n. 27, jun. 2018.

KONSTANTATOS, H.; SIATITSA, D.; VAIYOU, D. Qualitative approaches for the study of Socially Innovative Initiatives. In: MOULAERT, Frank. et al. (Ed.). *The international handbook on social innovation: collective action, social learning and transdisciplinary research*. Northampton, **Edward Elgar Pub.**, p.274-284, 2013.

KROEGER, A., WEBER, C., 2014. Developing a conceptual framework for comparing social value creation. **Acad. Manag.** v. 39, p. 513–540, 2014.

KYPRIOTAKI, K. N.; ZAMANI, E. D.; GIAGLIS, G. M. **From bitcoin to decentralized autonomous corporations**: Extending the application scope of decentralized peer-to-peer networks and blockchains. ICEIS 2015 - 17th International Conference on Enterprise Information Systems, p. 284-290, 2015.

LAVILLE, J.; MAGNEN, P.; FRANCO FILHO, G. C.; MEDEIROS, A. (Dir.). (2005). **Action publique et économie solidaire**. Une perspective internationale, Ramonville Saint-Agne, 414 p.

LÁZARO, J. C.; SANTOS, A. S.; CALÍOPE, T.; LEOCÁDIO, A. **Using the multilevel perspective for transitions to understand the implementation process of a social innovation for city mobility in South**. 2018. Disponível em: < <https://app.oxfordabstracts.com/stages/329/programme-builder/submission/26150?backHref=/events/311/sessions/17&view=published> >. Acesso em 9 julho 2019.

LEAL, A. L. C. A.; FREITAS, A. A. F.; FONTENELE, R. E. S. Criação de valor no empreendedorismo social: evidências a partir da comparação com o empreendedorismo comercial. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 9, n. 1, p. 51-65, abr. 2015.

LEE, I.; SHIN, Y. J. Fintech: Ecosystem, business models, investment decisions, and challenges. **Business Horizons**, v. 61, n. 1, p. 35–46, 2018.

LES, E.; JELIAZKOVA, M. **The social economy in Central East and South East Europe**. In: CLARENCE, E.; NOYA, A. (Ed.). *The social economy: building inclusive economies*. Paris: OECD Publishing, 2007.

LÉVESQUE, B. Innovations sociales et pouvoirs publics: vers un système québécois d'innovation dédié à l'économie sociale et solidaire. Quelques éléments de problématique. Montréal, QC: Centre de Recherche sur les Innovations Sociales. **Cahiers du CRISES**, Collection Études théoriques, no ET1106, 2011

LÉVESQUE, B. Les entreprises d'économie sociale, plus porteuses d'innovations sociales que les autres ? **Cahiers du CRISES**, Collection Études théoriques, no ET2005, 23 pages, 2002.

LÉVESQUE, B.; THIRY, B. Gouvernance et partenariat, deux vecteurs de la reconfiguration des nouveaux régimes de gouvernance des services sociaux et de santé, dans CIRIEC (B. Enjolras, dir.), *Gouvernance et intérêt général dans les services sociaux et de santé*, Bruxelles, **P.I.E. Peter Lang**, p. 227-261, 2008.

LI, X.; WANG, C. A. The technology and economic determinants of cryptocurrency exchange rates: The case of bitcoin. **Decision Support Systems**, v. 95, p. 49–60, 2017.

LIGHT, P. C. **Social Entrepreneurship Revisited**. Stanford Social Innovation Review Summer, 2009. Disponível em: <
https://ssir.org/images/articles/2009SU_First_Person_Light2.pdf>. Acesso em 20 julho 2019.

LIU, Y.; TSYVINSKI A. (2018). Risks and returns of cryptocurrency, **SSRN Electronic Journal**, [s.l.], p.1-67, 2018. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3226952>.

LUO, M.; KONTOSAKOS, V. E.; PANTELOUS, A. A.; ZHOU, J. Cryptocurrencies: Dust in the wind?. **Physica A: Statistical Mechanics and its Applications**, [s.l.], v. 525, p.1063-1079, jul. 2019. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.physa.2019.03.123>.

LYONS, T.; LICHTENSTEIN, G. **A community –wide framework for encouraging social entrepreneurship using the pipeline of entrepreneurs and enterprises model**. In: A. Fayolle, H. Matlay, (Eds.), *Handbook of Research on Social Entrepreneurship*. Edward Elgar Publishing Limited, 2010.

MA, Y.; LIU, D. Introduction to the special issue on Crowdfunding and Fintech. **Financial Innovation Journal**, n.3, v. 8, 2017.

MAAS, K., LIKET, K. **Social impact measurement: classification of methods**. In: Burritt, R., Schaltegger, S., Bennett, M., Pohjola, T., Csutora, M. (Eds.), *Environmental Management Accounting and Supply Chain Management*. Springer, Netherlands, pp. 171–202, 2011.

MACKEY, K.; SISODIA, R. **Capitalismo consciente**: como libertar o espírito heroico dos negócios. São Paulo: HSM Editora, 2014.

MAHMUDOV, M.; TACHÉ, A. **The Many Faces of Bitcoin**. Own Shares in Hackernoon, 2018. Disponível em: <<https://hackernoon.com/the-many-faces-of-bitcoin-1c298570d191>>. Acesso em 22 janeiro 2019.

MAIR, J.; MARTÍ, I. Social entrepreneurship research: A source of explanation, prediction, and delight. **Journal of World Business**, v. 41, n. 1, p. 36-44, 2006.

MALHOTRA, N., ROCHA, I., LAUDISIO, M.C. **Introdução à Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

MÁRQUEZ, P.; REFICCO, E.; BERGER, G. **Conclusiones: aprendizajes sobre el desarrollo de negocios inclusivos**. In: MÁRQUEZ, P.; REFICCO, E.; BERGER, G. (Ed.). *Negocios inclusivos – iniciativas de mercado con los pobres de Iberoamérica*. Bogotá, Colombia: Amaral / BID, 2010.

MARTIN, R. L.; OSBERG, S. Social Entrepreneurship: The Case for Definition. **Stanford Social Innovation Review**, 2007. Disponível em: <https://ssir.org/images/articles/2007SP_feature_martinosberg.pdf>. Acesso em 29 julho 2019.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

MASOCHA, R.; CHILIYA, N.; ZINDIYE, S. The impact of technology on competitive marketing by banks: A case study approach. **African Journal of Marketing Management**, v. 3, n. 3, p. 68–77, 2011.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**: metodologia, planejamento, execução e análise. 2a ed. São Paulo: Atlas, 1994.

MAURER, A. M.; SILVA, T. N. Dimensões Analíticas para Identificação de Inovações Sociais: Evidências de Empreendimentos Coletivos. **Brazilian Business Review**, Vitória, v. 11, n. 6, p. 126-150, nov./dez. 2014.

MEDEIROS, C. B.; GALVÃO, C. E. S.; CORREIA, S.; GÓMEZ, C.; CASTILLO, L. Inovação social além da tecnologia social: constructos em discussão. **RACE**, v. 16, n. 3, p. 957-982, dez. 2017.

MEDEIROS, C. B.; MACHADO, L. C. R.; PEREIRA, L. C. A.; COSTA, I. C. A.; GOMEZ, C. P. Inovação Social e Empreendedorismo Social: Uma Análise Sob a Perspectiva da Economia Solidária. **Revista Gestão.Org**, v. 15, n. 1, p. 61-72, 2017.

MEHMOOD, A.; CONSTANZA, P. Social innovation in an unsustainable world. In: MOULAERT, F.; MACCALLUM, D.; MEHMOOD, A.; HAMDOUCH, A. (eds.). *The International Handbook on Social Innovation: Collective Action, Social Learning and Transdisciplinary*. Edward Elgar Publishing, p. 53-65, 2013.

MENDELL, M.; ROUZIER, R. **Quelques initiatives ayant permis l'institutionnalisation de l'économie sociale au Québec**: le rôle central de la société civile et le rôle essentiel de l'État. Alberta Social Economy Research Alliance, p. 1-21, 2008. Disponível em: <<https://auspace.athabasca.ca/bitstream/handle/2149/2799/BALTA%20C1%20-%20Part%201%20-%20Rouzier-Mendell%20%28Fr-Final%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 20 julho 2019.

MINIERO, G.; CODINI, A.; BONERA, M.; CORVI, E.; BERTOLI, G. Being green: from attitude to actual consumption. **J. Int. J. Consum. Stud.** v. 38, p. 521–528, 2014.

MOEDA. Moeda Seeds. **Projetos Semente**. Disponível em: <<https://moedaseeds.com/pt-br/projects/>>. Acesso junho 2019.

MOK, A.; SAHA, R. Strategic risk management in banking. 2017. **Deloitte Inside Magazine**. Disponível em: <https://www2.deloitte.com/content/dam/Deloitte/lu/Documents/financial-services/Banking/lu_inside_issue14_strategic_risk_management.pdf>. Acesso em 22 junho 2019.

MORAES, R. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORKUNAS, V. J.; PASCHEN, J.; BOON, E. How blockchain technologies impact your business model. **Business Horizons**, [s.l.], v. 62, n. 3, p.295-306, maio 2019. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.bushor.2019.01.009>.

MOULAERT, F. et al. Introduction social innovation and governance in European cities. **European Urban and Regional Studies**, v. 14 i. 3, p. 195-209, 2007.

MOULAERT, F.; MACCALLUM, D.; MEHMOOD, A.; HAMDOUCH, A. General introduction. The return of social innovation as a scientific concept and a social practice, in: Moulaert, F., MacCallum, D., Mehmood, A., Hamdouch, A. (Eds.), *Handbook of Social Innovation*. Cheltenham: **Edward Elgar Publishin Limited**, p. 1-6, 2013.

MOURA, A. M. **Facilitadores e dificultadores na implementação de um negócio inclusivo em três países de diferentes continentes**. 2011. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Administração, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MOZZATO, A.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da Administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011.

MULGAN, G.; TUCKER, S.; ALI, R.; SANDERS, B. Social Innovation: what it is, why it matters and how it can be accelerated. London: **The Basingstoke Press**, 2007.

MULGAN, G., 2006. The process of social innovation. **Innovations: Technology, Governance, Globalization**, v. 1, n. 2, p. 145-162. Disponível em: <<https://www.mitpressjournals.org/doi/pdfplus/10.1162/itgg.2006.1.2.145>>. Acesso em 30 julho 2019.

MURRAY, R.; CAULIER-GRICE, J.; MULGAN, G. **The open book of social innovation**. Londres: The Young Foundation, 2010.

NAKAMOTO, S. **Bitcoin: A Peer-to-Peer Electronic Cash System**. The Bitcoin white paper - 2008. Disponível em: <<https://bitcoin.org/bitcoin.pdf>>. Acesso em 10 maio 2019.

NICHOLLS, A. J. The legitimacy of social entrepreneurship: reflexive isomorphism in a pre-paradigmatic field. **Entrepreneurship Theory & Practice**, v. 34, n. 4, p. 611-633, 2010.

NICHOLLS, A. J. **Why measuring and communicating social value can help social enterprise become more competitive**. Cabinet Office, Office of the Third Sector, London, 2007.

NICHOLLS, A. J.; NEITZERT, E.; LAWLOR, E.; GOODSPEED, T. **A Guide to Social Return on Investment**. 2012, Cabinet Office. Office of the Third Sector. Disponível em: <<http://www.socialvalueuk.org/app/uploads/2016/03/The%20Guide%20to%20Social%20Return%20on%20Investment%202015.pdf>>. Acesso em 04 maio 2019.

NICHOLLS, A. J.; SIMON, J.; GABRIEL, M. **New Frontiers in Social Innovation Research**. Palgrave Macmillan, New York-NY, 2015.

OEIJA, P. R. A.; TORRE, W.; VAASA, F.; DHONTA, S. Understanding social innovation as an innovation process: Applying the innovation journey model. **Journal of Business Research**, v. 101, p. 243–254, 2019.

OLIVEIRA, N. D. A.; SILVA, T. N. Inovação social e tecnologias sociais sustentáveis em relacionamentos intercooperativos: um estudo exploratório no CREDITAG-RO. **Revista de Administração da UFSM**, v. 5, n. 2, p. 277-295, 2012.

OLIVEIRA, V. M.; CORREIA, S. E. N.; GOMEZ, C. R. P. **Iniciativas de inovação social como meio de promoção do consumo sustentável: possibilidades e desafios**. ALTEC 2015. Anais... 2015.

OLIVEIRA, V. M.; CORREIA, S. E. N.; GOMEZ, C. R. P. Inovações Sociais como Meio de Promoção do Consumo Sustentável: Possibilidades e Desafios. **Desenvolvimento em Questão**, v. 16, n. 44, set. 2018.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/>>. Acesso em 10 maio 2019.

OSTROM, E. Was mehr wird, wenn wir teilen. Vom gesellschaftlichen Wert der Gemeingüter. München: Oekom, 2011. Disponível em: <https://www.solawi.ch/wordpress-solawi/wp-content/uploads/was_mehr_wird_wenn_wir_teilen.pdf>. Acesso em 03 julho 2019.

PAGNOTTA, E.; BURASCHI, A. (2018). An equilibrium valuation of bitcoin and decentralized network assets. **SSRN Electronic Journal**, [s.l.], p.1-40, 2018. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3142022>.

PALOMARES-MONTERO, D.; GARCÍA-ARACIL, A.; CASTRO-MARTÍNEZ, E. Evaluación de las instituciones de educación superior: revisión bibliográfica de sistema de

- indicadores. **Revista Española de Documentación Científica**, v. 31, n. 2, p. 205-229, 2008.
- PAPPALARDO, G.; DI MATTEO, T.; CALDARELLI, G.; ASTE, T. Blockchain inefficiency in the Bitcoin peers network. *Epj Data Science*, [s.l.], v. 7, n. 1, p.1-15, 5 set. 2018. **Springer Nature**. DOI: <http://dx.doi.org/10.1140/epjds/s13688-018-0159-3>.
- PARK, J. H.; PARK, J. H. Blockchain Security in Cloud Computing: Use Cases, Challenges, and Solutions. **Symmetry**, v. 9, n. 164, 2017.
- PATIAS, T. Z.; GOMES, C. M.; OLIVEIRA, J. M.; BOBSIN, D.; LISZBINSKI, B. B. Modelos de análise da inovação social: o que temos até agora? **Brazilian Journal of Management & Innovation**, v.4, n.2, abr, 2017.
- PATTON, M. Q. **Qualitative research & evaluation methods**. 3.ed. Sage Publications: London, 2002.
- PEREIRA, A. J.; DATHEIN, R. Processo de aprendizado, acumulação de conhecimento e sistemas de inovação: a “co-evolução das tecnologias físicas e sociais” como fonte de desenvolvimento econômico. **Revista Brasileira de Inovação**. Campinas-SP, v. 11, n. 1, p.137-166, jun. 2012.
- PETITCLERC, M. Rapport sur les innovations sociales et les transformations sociales. **Cahier du Crises**, n. 313, 2003.
- PETRINI, M.; SCHERER, P.; BACK, L. Modelo de negócios com impacto social. **RAE**, São Paulo v. 56, n. 2, p. 209-225, abr. 2016.
- PHILLS JÚNIOR, J. A.; DEIGLMEIER, K.; MILLER, D. T. Rediscovering social innovation. **Stanford Social Innovation Review**, n. 6, v. 4, p. 34-43, 2008.
- PHILLIPS, W.; LEE, H.; GHOBADIAN, A.; O'REGAN, N.; JAMES, P. Social innovation and social entrepreneurship: A systematic review. **Group & Organization Management**, v. 40, p. 428–461, 2015.
- POL, E.; VILLE, S. Social innovation: buzz word or enduring term? **The Journal of Socio-Economics**, v. 38, n. 1, p. 878-885, 2009.
- POUPART, J. **A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas**. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro (Org.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. 4. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2014.
- PRIOR, L. **Using documents in social research**. London: SAGE, 2003.
- PWC. PricewaterhouseCoopers. **Global Fintech Report 2017**. 2017. Disponível em: https://www2.deloitte.com/content/dam/Deloitte/lu/Documents/financial-services/Banking/lu_inside_issue14_strategic_risk_management.pdf. Acesso em 06 maio 2019.
- PWC. PricewaterhouseCoopers. **Blurred lines**: How Fintech is shaping financial services.

2016. Disponível em:

<<https://www.pwc.de/de/newsletter/finanzdienstleistung/assets/insurance-inside-ausgabe-4-maerz-2016.pdf>>. Acesso em 08 maio 2019.

QU, C.; TAO, M.; ZHANG, J.; HONG, X.; YUAN, R. Blockchain Based Credibility Verification Method for IoT Entities. **Security and Communication Networks**, [s.l.], v. 2018, p.1-11, 27 jun. 2018. Hindawi Limited. DOI: <http://dx.doi.org/10.1155/2018/7817614>.

REIS, T.; CHUN, B.; DIACONIS, A.; YU, I.; TODARO, A. Moeda White Paper. 2017. Disponível em:

<https://www.bitcv.com/storage/pdf/whitePaper/iIxSe2hENaHHaZhVTNBFfe2X3aQ3RsLer5gXzwl9A.pdf>. Acesso em junho 2019.

RICHARDSON, R. J.; PERES, J. A. S.; WANDERLEY, J. C. V.; CORREIA, L. M.; PERES, M. H. M. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. 14. São Paulo: Atlas, 2012. 334 p.

ROBLES, T.; BORDEL, B.; ALCARRIA, R.; SÁNCHEZ-DE-RIVERA, D. Blockchain Technologies for Private Data Management in Aml Environments. **Proceedings**, v. 2, n. 1230, 2018.

RODRIGUES, A. L. Modelos de gestão e inovação social em organizações sem fins lucrativos: divergências e convergências entre nonprofit sector e economia social. **Organizações & Sociedade**, v. 14, n. 43, p. 111-128, 2007.

ROSOLEN, T.; TISCOSKI, G. P.; COMINI, G. M. Empreendedorismo social e negócios sociais: Um estudo bibliométrico da produção nacional e internacional. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 3, n. 1, 2014.

ROSSI, C. How behavioral economics can elevate strategic risk management. 2017. CRO Outlook. **Global Association of Risk Professional**. Disponível em: <https://www.garp.org/#!/risk-intelligence/all/all/a1Z1W000003rJJE?utm_source=>>. Acesso em 20 julho 2019.

ROY, M. J.; O'CONNOR, C. H.; MCHUGH, N.; BIOSCA, O.; DONALDSON, C. The New Merger: Combining Third Sector and Market-Based Approaches to Tackling Inequalities. **Social Business**, v. 5, n. 1, p. 47-60, 2015.

SAHA, M.; DARNTON, G. Green companies or green con-panies: Are companies really green, or are they pretending to be? **Business and Society Review**, v. 110, n. 2, p. 117-157, 2005.

SALEH, F. Blockchain Without Waste: Proof-of-Stake. **SSRN Electronic Journal**, [s.l.], p.1-43, 2018. Elsevier BV. DOI: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3183935>.

SAMPIERE, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed., São Paulo: McGraw-Hill, 2013.

SAMPIERI, R. H., COLLADO, C. F., LUCIO, M. D. P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5a ed. São Paulo: Mc-Graw-Hill, 2010.

- SANTOS, A. S L. **Inovação social no campo da mobilidade urbana: um estudo com as bicicletas compartilhadas**. 2018. 183 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria, Fortaleza, 2018.
- SANTOS, F. M. A positive theory of social entrepreneurship. **Journal of Business Ethics**, v. 111, p. 335–351, 2012.
- SCHWARZ, M. (Ed.). **Social Innovation: Concepts, research fields and international trends**. Dortmund, May 2010.
- SCOTT, J. **A matter of record-documentary sources in social research**. Cambridge: Polity, 1990.
- SELLTIZ, C. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.
- SHAH, S. Sharing the world: the researcher and the researched. **Qualitative Research**, v. 6, n. 2, p. 207-220, 2006.
- SHAW, E.; CARTER, S. Social entrepreneurship: Theoretical antecedents and empirical analysis of entrepreneurial processes and outcomes. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 14, n. 3, p. 418-434, 2007.
- SHIER, M. L.; HANDY, F. Cross-sector partnerships: Factors supporting social innovation by nonprofits. **Human Service Organizations, Management, Leadership & Governance**, v. 40, p. 253–266, 2016.
- SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. **Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos**. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 4., 2013, Brasília. Anais... Brasília: ANEPEQ, 2013.
- SILVA, E. L., MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4a ed. Florianópolis, 2005.
- SILVA, T. N.; MAURER, A. M. Como criar uma inovação social?. In: L. F. Nascimento; P. Tometich (Org.). **Sustentabilidade: resultados de pesquisas do PPGA/EA/UFRGS. Grupo de Pesquisa em Sustentabilidade e Inovação GPS**, p. 181-184, 2013.
- SMITH, N. C. Ethics and the typology of customer values. **Advances in Consumer Research**, v. 23, p. 148–153, 1996.
- SOUZA, A. C. A. A.; SILVA FILHO, J. C. L. **Dimensões da Inovação Social e Promoção do Desenvolvimento Econômico Local no Semiárido Cearense**. Anais... In: XXXVIII Encontro da Anpad. Rio de Janeiro, 13 a 17 de setembro, 2014.
- SOUZA, A. C. A. A. D., LESSA, B. D. S.; LÁZARO DA SILVA FILHO, J. C. Social innovation and the promotion of local economic development. **Innovation & Management Review**, v. 16, n. 1, p. 55–71, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1108/INMR-10-2018-0074>

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Trad.: Karla Reis. Porto Alegre: Penso, 2011. 263p.

WŁODZIMIERZ, S. FinTech - new phenomena in the financial services market. **E-mentor**, [s.l.], v. 2016, n. 2, p. 56-69, 20 maio 2016. Foundation for the Promotion and Accreditation of Economic Education. DOI: <http://dx.doi.org/10.15219/em64.1240>.

TARDIF, C. Complémentarité, convergence et transversalité: la conceptualisation e l'innovation sociale au CRISES. In: CRISES. Centre de Recherche Sur Les Innovations Sociales. **Cahiers du CRISES**. Quebec, 2005.

TARDIF, C; HARRISSON, D. Complémentarité, convergence e transversalité: La conceptualization de l'innovation sociale au CRISES. IN: CRISES. Centre de Recherche Sur Les Innovation Sociales. **Cahiers du CRISES**. Québec, 2005.

TAYLOR, J. B. Introducing Social innovation. **The Journal of Applied Behavioral Science**, vol. 6, n. 1, p. 69-77, 1970.

TEODÓSIO, A. S.; COMINI, G. Inclusive business and poverty: Prospects in the Brazilian context. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, v. 47, n. 3, p. 410-421, 2012.

THIRY-CHERQUES, H. R. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. **Revista PMKT**. n. 3, p. 20-27, 2009.

THOMPSON, J. The world of the social entrepreneur. **The International Journal of Public Sector Management**, v. 15, n. 5, p. 412–431, 2002.

THURBER, K. J. **Do Not Invent Buggy Whips: Create! Reinvent! Position! Disrupt!**, Digital Systems Press, U.S.A, 2012.

TILLEMANN, T.; PRICE, A.; TILLEMANN-DICK, G.; KNIGHT, A. The Blueprint for Blockchain and Social Innovation. **New America**, 2019. Disponível em: <<https://www.newamerica.org/bretton-woods-ii/blockchain-trust-accelerator/reports/blueprint-blockchain-and-social-innovation/>>. Acesso em 9 agosto 2019.

TISCOSKI, G. P.; ROSOLEN, T.; COMINI, G. M. **Empreendedorismo Social e Negócios Sociais: Um Estudo Bibliométrico da Produção Nacional e Internacional**. Anais... In: XXXVII Encontro ANPAD. Rio de Janeiro, 7-11 de setembro de 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAILLANCOURT, Y. Social Economy in the Co-construction of Public Policy. **Annals of Public and Cooperative Economics**, v. 80, n. 2, p. 275-313, 2009.

VANCLAY, F. International principles for social impact assessment. **Impact Assess. Proj. Apprais**, v. 21, p. 5–12, 2003.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2006.

VIEIRA, M. M. F., ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração**. 2a ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

WBCSD. World Business Council for Sustainable Development. **Social & Human Capital Protocol 2019**. Disponível em:

https://docs.wbcsd.org/2019/02/Social_and_Human_Capital_Protocol.pdf, Acesso em 10 maio 2019.

WEERAWARDENA, J.; MORT, G. S. Investigating social entrepreneurship: A multidimensional model. **Journal of World Business**, v. 41, p.21–35, 2006.

WILSON, F.; POST, J. E. Business models for people, planet (profits): Exploring the phenomena of social business, a market-based approach to social value creation. **Small Business Economics**, v. 40, n. 3, p. 715-737, 2013.

WOLF, S. **Analysis of documents and records**. In: FLICK, U.; KARDOFF, E. V.; STEINKE, I, A companion to qualitative research. London: SAGE, 2004.

TRIBIS, Y; BOUCHTI, A. E.; BOUAYAD, H. Supply Chain Management based on Blockchain: A Systematic Mapping Study. **Matec Web Of Conferences**, [s.l.], v. 200, p.1-20, 2018. EDP Sciences. <http://dx.doi.org/10.1051/mateconf/201820000020>.

YIN, R. K. **Estudo de caso**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

YIN, R. K. **Estudo de caso**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

YOUNG, D. **Alternative perspectives on social enterprise**. In: CORDES, J.; STEUERLE, E. (Ed.). Nonprofits and business. Washington, D.C.: The Urban Institute Press, 2009.

YUNUS, M. **Creating a world without poverty: social business and the future of capitalism**. New York: Public Affairs, 2007.

YUNUS, M. **Um mundo sem pobreza: a empresa social e o futuro do capitalismo**. São Paulo: Ática, 2008.

YUNUS, M.; MOINGEON, B.; LEHMANN-ORTEGA, L. Building social business models: Lessons from the Grameen experience. **Long Range Planning**, v. 43, n. 2, p. 308-325, 2010.

YURUK, P.; AKYOL, A.; SIMSEK, G. G. Analysing the effects of social impacts of events on satisfaction and loyalty. **Tourism Management**, v. 60, p. 367-37, 2016.

ZOHAR, A. Bitcoin: under the hood. **Communications of the ACM**, v. 58, n. 9, p.104–113, 2015.

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PESQUISA CIENTÍFICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
 FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E CONTABILIDADE
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E CONTROLADORIA
 Mestrado Acadêmico em Administração e Controladoria

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PESQUISA CIENTÍFICA

Sr(a). Participante,

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa científica. Sua participação é importante, porém, não deve participar contra a sua vontade. Antes de mais nada, gostaria de esclarecer os procedimentos que serão aplicados no decorrer da entrevista, e nesse sentido, leia atentamente as informações abaixo e sinta-se à vontade para tirar suas dúvidas de forma que todos os pontos estejam esclarecidos para seu entendimento.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida pelo pesquisador Ricardo Alan Kardec Loiola do Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria da Faculdade de Economia, Administração, Atuárias e Contabilidade – FEAAC da Universidade Federal do Ceará – UFC na linha de pesquisa em Organizações, Estratégias e Sustentabilidade.

A pesquisa tem por objetivo, **identificar de que forma um empreendimento social se vale dos instrumentos do blockchain para promover inovação social**. Não haverá qualquer custo ou bonificação para a realização dessa entrevista, portanto, seu caráter é voluntário para ambas as partes (pesquisador/entrevistado). Pretende-se com este trabalho, proporcionar benefícios coletivos para a comunidade acadêmica. Esses benefícios consistem em ampliar e aperfeiçoar os conhecimentos teórico/práticos, para posterior benefício da sociedade.

Por ser uma ação voluntária, o(a) entrevistado(a) poderá desistir de participar a qualquer momento. As informações obtidas na pesquisa serão confidenciais e só serão divulgadas em eventos e em publicações científicas, sem que seu nome ou qualquer outro dado pessoal possa identificá-lo.

Eu, _____, portador (a) do RG nº _____, acredito ter sido suficientemente informado(a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim sobre a pesquisa a ser realizada. Está claro, para mim, quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou evidente, também, que minha participação é isenta de despesas ou bonificações.

Concordo, voluntariamente, em participar deste estudo e sei que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante ele, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa adquirir ou ter adquirido na participação do projeto. **CONCORDO E DOU O MEU CONSENTIMENTO, SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.**

Cidade _____, ____/____/____

 Assinatura do participante da pesquisa

 Ricardo Alan Kardec Loiola - Pesquisador

ANEXO 2 – DIÁRIO DE CAMPO ELETRÔNICO

Diário de Campo Eletrônico / Projectmanagement

Diário de Campo Eletrônico / Etapas Adicionar etapa

Diário de Campo Eletrônico / Etapas concluídas

Etapa	
✓ Visita a comunidade de artesãs beneficiárias	×
✓ Visita às instalações da Moeda Seeds	×
✓ Visita às instalações da Catarina Mina	×

Diário de Campo Eletrônico / Projectmanagement

Diário de Campo Eletrônico / Painel 0%

✓ / Descrição ▾ -193 Dias

Pesquisa Qualitativa - Mestrado PPAC

- Visita às instalações da Moeda Seeds
 - Grupo Gestor - Percepções e Curiosidades
- Visita às instalações da Catarina Mina
 - Grupo Empreendedor - Percepções e Curiosidades
- Visita a comunidade de artesãs beneficiárias
 - Grupo Beneficiário - Percepções e Curiosidades

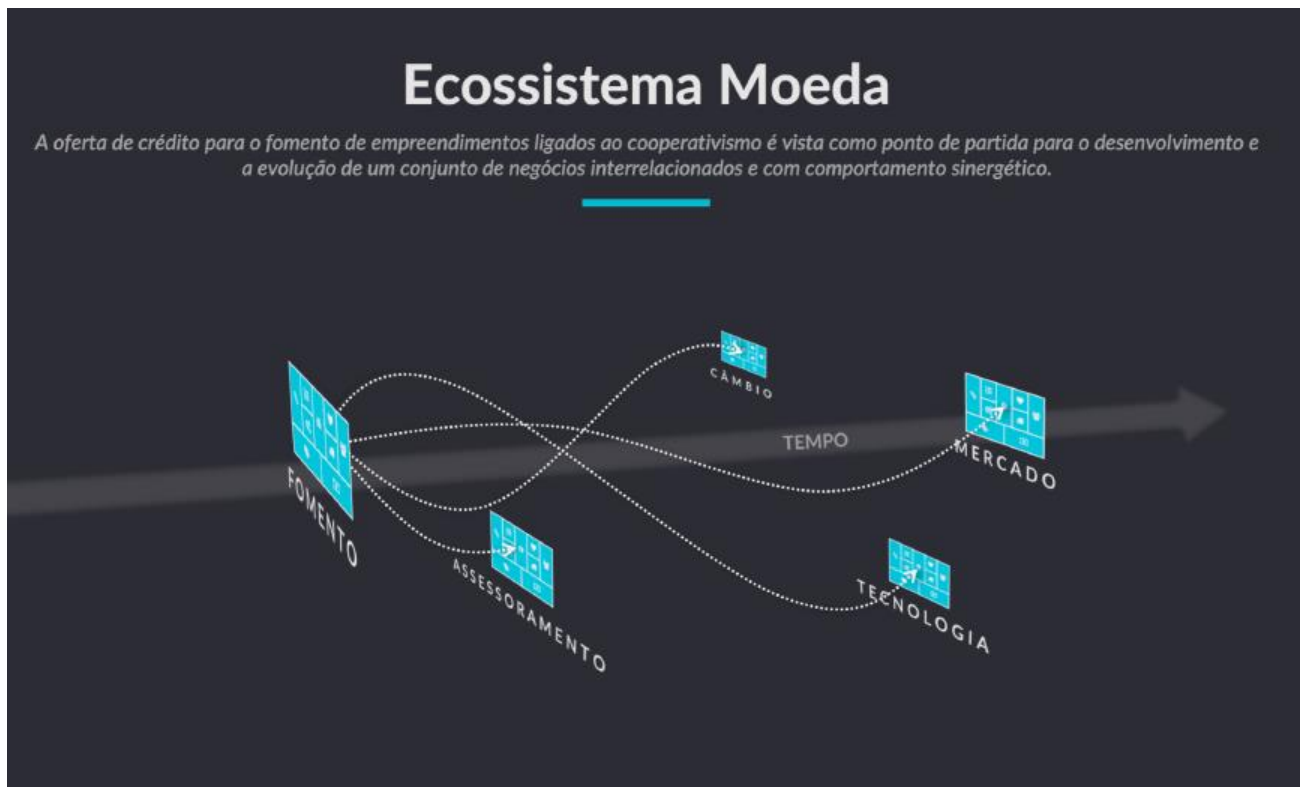
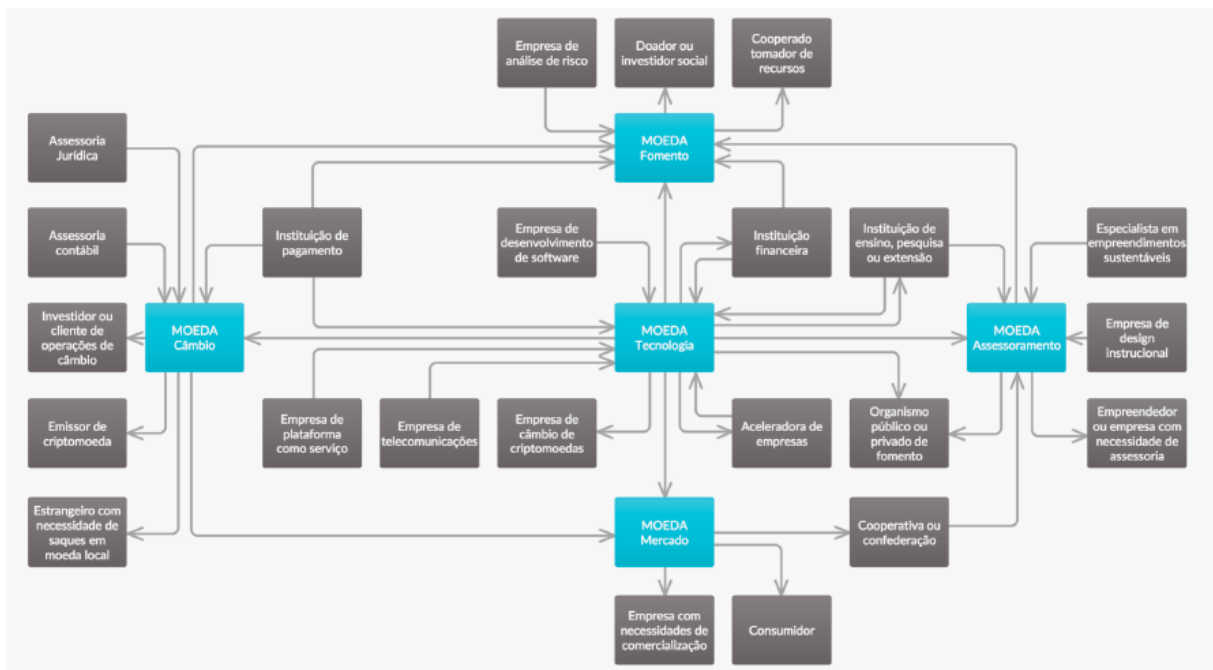
ANEXO 3 – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DE ATIVIDADES







ANEXO 4 – ECOSSISTEMA DA MOEDA SEEDS



ANEXO 5 – TECNOLOGIA BLOCKCHAIN DA MOEDA SEEDS

♀ **Seeds Explorer**

Project Name Sustainable Coffee Seed Project ▾

This step consists of the registration of the project, its managers and participants.

Project Name (en) : Sustainable Coffee Seed Project
Project City : Santo Antonio Do Amparo-MG
Project Name (pt) : Projeto Semente Café Sustentável
Project Name (cn) : -
Latitude : -
Longitude : -
Contact Name : Miriam
Contact Phone : -
Contact Cellphone : -
Contact E-mail : -
Project Summary (pt) :
 As mulheres do Sul de MG, com apoio da IWCA Brasil, produzem café sustentável de alta qualidade mas têm dificuldade em receber o valor ideal. A Moeda vai investir US\$ 13.000 para estruturar a gestão e capacitação do grupo, gerar certificado de sustentabilidade, fechar parceria com o Café Américo e realizar co-branding de 1500 garrafas de Cold Brew. Investidores do Projeto vão garantir apoio a essas mulheres, apoiar igualdade de gênero e receber bônus de 10% em 6 meses.

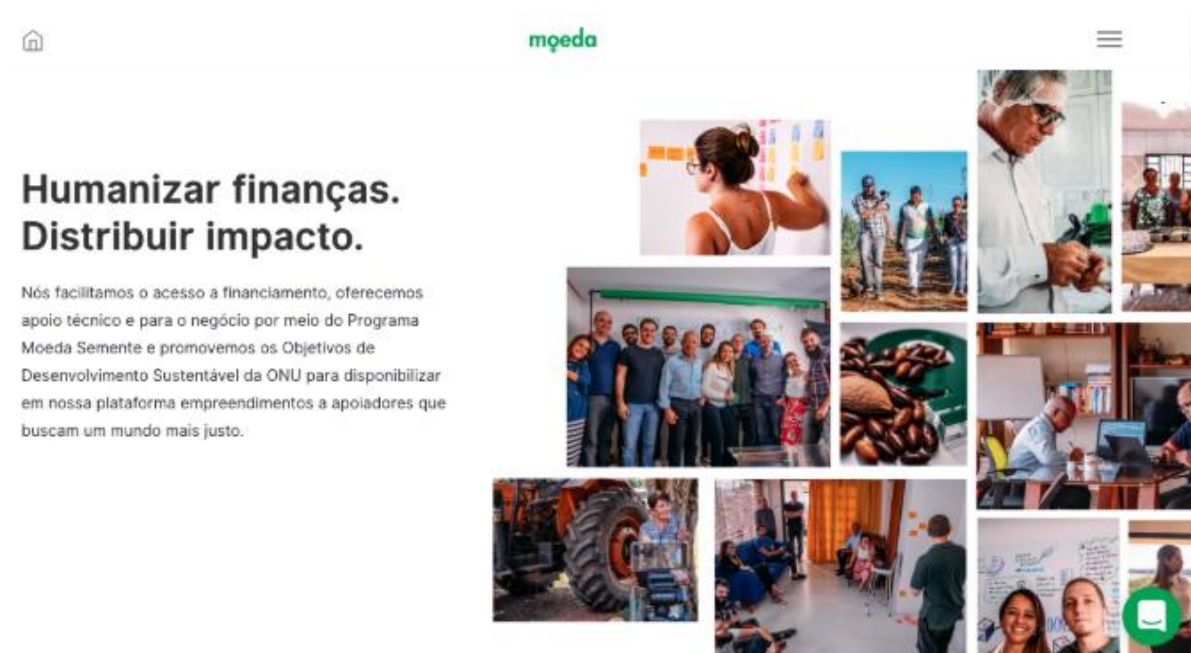
🏠
moeda
☰

What phase is this project in?

Moeda's technical assistance team offers full support throughout each project's entire life cycle: from selecting the best candidates to evaluating results. Blockchain technology is used to audit each of these phases, therefore ensuring efficiency, trustworthiness, and transparency.

Seed Project is at **Phase 2 · Action Plan**

ANEXO 6 – TOKENS DA MOEDA SEEDS



MDA

Esse token nasceu em nosso ICO, que colocou a venda 20 milhões de MDA. **Cada MDA tinha o valor de US\$ 1.** Depois de 2 semanas, essa venda foi finalizada. O resultado é que emitimos 19.628.888 MDA. As demais moedas foram “queimadas” e nenhuma outra foi (ou será) criada. **Assim, nossa quantidade de MDA em circulação no mercado nunca muda.** O valor arrecadado no ICO é o que a Moeda usou para criar a plataforma inicial e financiar os primeiros projetos do programa de aceleração Moeda Semente — nossos investimentos de impacto que implementam os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

ANEXO 7 – OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



🏠
möda
☰

Why this project needs support?

GOALS

The production of 5 O'Coffee will require yielding special grains, a boost in the workforce, devising a Cold Brew coffee recipe, organizing production and marketing efforts, and coming up with a sales strategy.

NEEDS

Support the output of sustainable grains, devise a recipe, co-produce with a local factory, design labels and packaging, organize a marketing campaign and develop a sales strategy.

Project Impact

This Seed Project fulfills 4 Sustainable Development Goals set by the UN: 5, 8, 9, 12.

5
GENDER
EQUALITY

8
DECENT WORK AND
ECONOMIC GROWTH

9
INDUSTRY, INNOVATION
AND INFRASTRUCTURE

💰 TOTAL PROJECT COST 52,000.00 BRL	🏷️ PREMIUM +10%	⏪ WITHDRAW ON 4/18/2019	📊 STATUS Fruits: Creating impact
---------------------------------------	--------------------	----------------------------	--

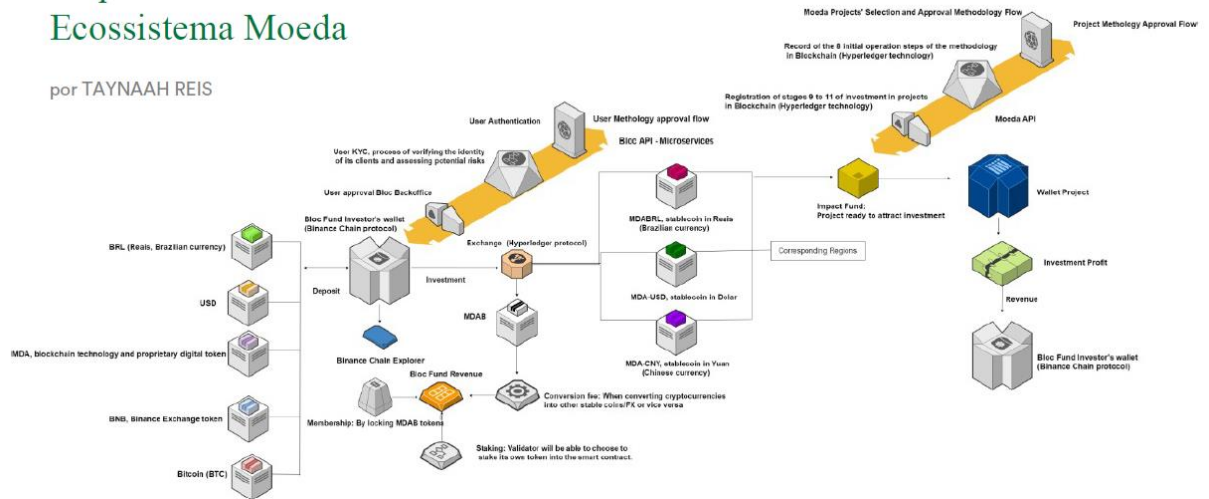
TRACK THE PROGRESS

📧

ANEXO 8 – CREDIBILIDADE E REPUTAÇÃO UTILIZANDO UMA ARQUITETURA MODULAR HÍBRIDA

Arquitetura Modular Híbrida do Ecossistema Moeda

por TAYNAAH REIS



IMPACT
Learn how your purchase creates impact.

More



ANEXO 9 – PROJETO ARTESANIAS



Importante destacar que o projeto está alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ODS, estabelecidos pela ONU na Agenda 2030. Cinco objetivos são atendidos diretamente:

- 01. Erradicação da pobreza
- 05. Igualdade de gênero
- 08. Trabalho decente e crescimento econômico;
- 10. Redução das desigualdades
- 12. Consumo e produção responsáveis.

